

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**JULIA MITIKO SAKAMOTO**

*A GENTE FAZ DE TUDO UM POUCO:*

Um estudo de construção social de trabalhadores nas relações  
familiares e de vizinhança

Niterói – Rio de Janeiro  
2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**JULIA MITIKO SAKAMOTO**

*A GENTE FAZ DE TUDO UM POUCO:*

Um estudo de construção social de trabalhadores nas relações  
familiares e de vizinhança

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito  
parcial para obtenção do Grau de Mestre em Antropologia.

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simoni Lahud Guedes

Niterói – Rio de Janeiro  
2008

Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Orientadora – Dr.<sup>a</sup> Simoni Lahud Guedes  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. José Sergio Leite Lopes  
Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Edílson Márcio Almeida da Silva  
Universidade Salgado de Oliveira

---

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo Mattos  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Delma Pessanha Neves  
Universidade Federal Fluminense  
(suplente)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Cnpq que concedeu uma bolsa de estudo para financiamento de minha formação.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Agradeço especialmente aos professores Gláucia Oliveira da Silva e Marcos Otávio Bezerra pela leitura e comentários durante a qualificação do projeto de pesquisa.

À Orientadora, professora Simoni Lahud Guedes, pela oportunidade valiosíssima de ser sua orientanda. Sempre disposta ao diálogo para que este trabalho fosse possível, pelos comentários e algumas soluções que oferecia e me tranquilizavam ao enfrentar angústias e problemas vividos que iam para além daqueles da dissertação.

Aos professores José Sergio Leite Lopes e Marcos Aurélio Santana pelos comentários e contribuições ao trabalho durante as Jornadas do PPGA em 2006 e 2007.

Aos colegas e demais orientandos de Simoni, com os quais pude dialogar e trocar experiências durante as reuniões. Com alguns destes tive a oportunidade de partilhar também de outros momentos, como Michele, André Gil, Michelle Lima e Izabella.

À Heloisa, pessoa maravilhosa, que mesmo bem de longe se mostra presente e disposta a conversar. Muito deste trabalho é parte dos diálogos de nossos trabalhos de campo e de reflexões a partir de suas perguntas instigantes e incansáveis. Amiga com a qual aprendi muito, não apenas Antropologia. Meu sincero agradecimento!

Aos colegas de mestrado e do doutorado. Muitos destes se tornaram grandes amigos e fizeram com que me sentisse acolhida na nova cidade. “Turma boa”, como sempre se referiu a estas pessoas meu querido amigo Rafael. À Fernanda, Bia, Cláudio, Ana, Felipe, Leandro, Márcio e Monique. Agradecimentos especiais à Verlan e Bonnie pelo apoio, leitura atenta e decisiva nesta reta final.

Ao Bruner, pelo afeto e companheirismo único e sempre.

Aos amigos queridos que me acompanharam no processo de feitura deste trabalho, Aninha,(muito obrigada!) Simone, Clarissa, Tom, Gustavo, Raquel, Érico e Márcia. À torcida e carinho de Juliana e Luís. Sou imensamente grata à Nani, que de nanica não tem nada e me recebeu carinhosamente no mês derradeiro.

Aproveito o lugar para agradecer aos meus pais, que há muitos anos me incentivaram a sair de casa e seguir meu caminho. Sou grata pelo incentivo incondicional. Às minhas irmãs pelo apoio que me concederam nestes anos vividos em Niterói.

Por fim, agradeço aos moradores da *Cohab*, a todos que me abriram suas casas e me deram a oportunidade de compartilhar parte de suas vidas. Não só realizei o trabalho de campo como fiz algumas amizades. Guardo um grande carinho de Thatiana, Alexandre e da pequena Gabriela que me acolheram em sua casa.

## RESUMO

O presente trabalho etnográfico, realizado em um bairro de trabalhadores da região metropolitana de Curitiba, Paraná, busca analisar processos na construção social de trabalhadores nos espaços de residência e de sociabilidade. A questão seguinte orientou a pesquisa: de que modo as experiências familiares e de vizinhança atuam na construção de pessoas que valorizam o *fazer de tudo um pouco*? O estudo versa sobre modos de construção, transmissão e reprodução de saberes neste grupo de trabalhadores. Problematizo formas na socialização de crianças e jovens, observando que há um modo específico de aprendizagem que operacionaliza formas de se apropriar do mundo e de atuar no cotidiano. A partir da descrição das interações cotidianas no bairro verifica-se que este modo de aprendizagem perpassa toda a vida destes trabalhadores.

Palavras-chave: trabalhadores, família, relações de vizinhança, transmissão de saberes.

## ABSTRACT

The objective of this ethnography, carried on in a worker's neighbourhood situated in Curitiba metropolitan region, is to analyse the processes of social construction of workers in the spaces of residence and sociability. The intention is to answer the following question: how family and neighbourhood experiences influence the construction of subjects that value the *doing a little bit of all*. The purpose of this research is to investigate the construction, transmission and knowledge reproduction in this group of workers. I investigate the socialization of children and young people and point out to a specific way of learning that stresses the practical knowledge.

KEYWORDS: workers, family, neighbourhood relationships, knowledge transmission.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
Caminhos da pesquisa .....	11
O trabalho de campo: Uma experiência “clássica” .....	16
<b>CAPÍTULO 1. OS MORADORES E A COHAB</b> .....	29
1.1 Um lugar para <i>pobres</i> e trabalhadores.....	30
1.2 A <i>Cohab</i> como <i>elite</i> dos pobres.....	34
1.3 Nos aproximando da <i>Cohab</i> : Casas, comércio e trabalho.....	40
1.4. <i>Aqui todos se conhecem ou são parentes ou amigos</i> .....	51
<b>CAPÍTULO 2. FAMÍLIA E TRABALHO</b> .....	57
2.1 Constituindo uma família: <i>A responsabilidade</i> .....	58
2.2 Papéis conjugais: O trabalho feminino remunerado .....	62
2.3 Tarefas domésticas.....	67
2.4. As crianças: Iniciação as atividades.....	73
2.5 <i>Aprender na prática</i> .....	78
<b>CAPÍTULO 3. CONSTRUÇÃO COLETIVA DE SABERES NA COHAB</b> .....	88
3.1 Uma tarde de sábado.....	91
3.2 <i>Mexer</i> , errar e trocar saberes.....	97
3.3 Disputa entre Alexandre e Neto.....	101
3.4 Negócios de mulheres.....	105
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	110
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	114

## Introdução

Durante os anos de 2004 e 2005 fazia visitas a um bairro do município de Graciosa, cidade da região metropolitana de Curitiba, Paraná.<sup>1</sup> Neste bairro, o Conjunto Itapoã, entrevistei trabalhadores de fábricas automotivas instaladas ao seu redor, com o propósito de escrever meu trabalho monográfico de graduação, sob orientação de Benilde Maria Lenzi Motim na disciplina de Sociologia do Trabalho. O trabalho então desenvolvido gerou uma série de questões que me propus a desenvolver em dissertação de mestrado. Com este objetivo, retornei a este mesmo bairro, conhecido como *Cohab*, em fins de junho de 2007, para a construção do presente trabalho etnográfico. Assim, o que apresentarei nesta dissertação é fruto da vivência cotidiana com algumas famílias do bairro investigadas durante três meses. O trabalho de campo será descrito adiante.

Para este novo estudo foi fundamental a mudança em minha perspectiva teórico-metodológica. O presente trabalho insere-se entre as pesquisas que buscam contribuir para a construção de uma problemática antropológica nos estudos sobre classes trabalhadoras, questão assim definida por José Sérgio Leite Lopes (1987:12)

“ (...) uma problemática não exclusivamente voltada para os aspectos políticos, ou para as condições materiais de vida dessa classe, mas enfatizando a sua prática cotidiana, as suas tradições, a sua diferenciação interna, o seu pensamento, a internalização subjetiva de suas condições materiais de existência”.

Apoiei-me em estudos antropológicos brasileiros que, sob perspectivas teóricas, metodológicas e empíricas distintas, tratam de trabalhadores urbanos. Estas etnografias me forneceram alguns pressupostos fundamentais para a investigação sendo o principal deles a valorização da perspectiva dos próprios trabalhadores. De uma maneira geral, nos estudos das ciências sociais, os trabalhadores foram definidos pelo que lhes faltou, pela ausência quer de condições sócio-econômicas quer de padrões culturais específicos. As pesquisas etnográficas desenvolvidas com trabalhadores, especialmente os do meio

---

<sup>1</sup> Para preservar o anonimato das pessoas com as quais realizei a pesquisa e que figuram ao longo das paginas seguintes seus nomes e o do município no qual residem foram modificados.

urbano (cf. Leite Lopes, 1976; Duarte,1986; Zaluar,1985; Magnani,1984; Caldeira,1984; Fonseca,2004; Sarti,1996; Guedes,1997) demonstraram que as experiências vivenciadas coletivamente pelos trabalhadores produziram formas específicas de conceber seu lugar no mundo e estratégias para transmitir e socializar estas experiências. Estes pesquisadores encaminharam-se aos bairros destes trabalhadores atentando para a organização familiar, as relações de gênero, o lazer, as associações recreativas, as formas de participação política, etc salientando as dinâmicas culturais próprias a este contexto.

Nesta perspectiva, se, por um lado, a vida destes trabalhadores, moradores de um conjunto habitacional, é atravessada por um amplo processo de dominação, reproduzindo e refletindo esta dominação, por outro, este grupo também constrói sua especificidade num constante repensar de suas condições de vida e do lugar atribuído a eles na sociedade. O pressuposto básico do meu trabalho é que há um movimento permanente de apropriação e reelaboração de significados e práticas colocadas diariamente pelos grupos dominantes. Na constituição de sua especificidade, este grupo, no interior de sua heterogeneidade, compartilha alguns referenciais simbólicos, compartilha de formas de pensar e agir próprios a estes segmentos. É necessário enfatizar que há diferenças bastante significativas entre os diversos segmentos da classe trabalhadora: diferenças econômicas, políticas, simbólicas (por exemplo, religiosas). Minha etnografia está centrada em um segmento específico de trabalhadores, voltados para um mercado de trabalho específico e congregados em um bairro da região metropolitana de Curitiba considerado “um bairro de trabalhadores”. Apresento aqui, portanto, um segmento específico, mas buscarei dialogar com a bibliografia pertinente de modo a ampliar as possibilidades comparativas da etnografia.

Realizei trabalho de campo entre fins de junho e outubro de 2007. Acompanhei e vivi o cotidiano deste bairro de trabalhadores, observando suas práticas sociais nos espaços da residência e nos espaços comuns. Enfoquei, em especial, as práticas de sociabilidade. Esta pesquisa versa, assim, sobre processos de construção social de trabalhadores, processos estes que além de amplos e complexos, por definição, enquanto processos estão sempre em movimento. Enfoquei, particularmente, os processos de construção, reprodução e circulação de saberes entre estes moradores, considerando que os “saberes práticos”, como categoria nativa, são pensados por eles como seu patrimônio cultural diferenciado (Guedes 1997,2000).

## **Caminhos da pesquisa**

As questões que me motivaram para este estudo nasceram daquele primeiro envolvimento com estes trabalhadores. Cabe aqui uma breve descrição do caminho percorrido na construção do objeto deste trabalho. Durante a graduação participava de um grupo de pesquisa em que participavam alunos e professores das disciplinas de Sociologia do Trabalho, de Geografia Humana e de Economia. Tínhamos como proposta de pesquisa mais geral a análise dos impactos sociais e econômicos gerados a partir da vinda de fábricas de veículos leves para a região metropolitana de Curitiba.

A economia do Paraná tem como tradição mais duradoura a produção agropecuária. Somente a partir da década de 1970 se deu a primeira tentativa de alterar tal situação e implementar no estado um parque industrial. A criação da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), da Refinaria de Petróleo no município de Araucária e da indústria de processamento de óleos vegetais na cidade de Ponta Grossa são os principais exemplos desse esforço. Ainda assim, deve-se considerar que o impulso do setor metal mecânico, por exemplo, como a implantação da Volvo, não deixa de ligar-se a hegemonia do setor agrícola, já que produzia justamente os veículos pesados nele utilizados – carrocerias para caminhões, tratores, colheitadeiras, etc. (Motim; Firkowski; Araújo, 2002; Firkowski, 2001)

Em meados da década de 1990, a partir de uma série de incentivos do governo estadual e também dos municípios (redução do ICMS e de IPTU, doações de terrenos, investimentos em infra-estrutura), constituiu-se na região metropolitana de Curitiba um novo parque industrial impulsionado, sobretudo pela implantação das empresas automobilísticas e das suas fornecedoras. Houve a implantação de três grandes montadoras e de suas fornecedoras, trata-se da Renault/Nissan e Audi/Volkswagen em São José dos Pinhais e da Chrysler, localizada em Campo Largo, que encerrou suas atividades em abril de 2001. (Motim; Firkowski; Araújo, 2002)

Orientadas por professoras da disciplina de Sociologia de Trabalho, investimos em pesquisas que dessem conta dos impactos tanto para o mercado de trabalho como para a vida dos trabalhadores após inserção nestas grandes empresas. O interesse a pesquisa devia-se ao fato que estas empresas haviam passado por reestruturações inserindo-se

portanto, no bojo das mudanças nos sistemas produtivos. Neste movimento, a “flexibilidade”<sup>2</sup> apresenta-se como categoria central do mundo empresarial, tornando-se princípio não apenas para as inovações organizacionais e tecnológicas, mas para a exigência de maior qualificação aos trabalhadores. (Harvey, 1998; Sennett,1999; Leite, 2003)

Dirigi-me então ao município de Graciosa, distante a 31 km de Curitiba. Neste local, desde 1999, cinco fábricas fornecedoras de auto-peças instalaram-se nas redondezas da *Cohab*.<sup>3</sup> Na pesquisa de graduação buscava entender o modo como alguns trabalhadores destas indústrias interpretavam as novas formas de organizar o trabalho e as implicações destas para o cotidiano na fábrica. Para tanto, iniciei a pesquisa a partir de entrevistas com gerentes dos recursos humanos de algumas destas empresas. Estes gerentes me indicaram alguns nomes de funcionários, a partir dos quais entrei em contato com outros trabalhadores e realizei entrevistas com roteiro estruturado focando as relações de trabalho.

As mudanças nos sistemas produtivos de grandes empresas vêm desencadeando discussões sobre qual o sentido de um novo paradigma na configuração de nossas sociedades e sobre o tipo de relações sociais que este estaria propiciando. Este debate chega a questionar a centralidade do trabalho nos dias atuais e até mesmo a refletir sobre o possível desaparecimento das classes trabalhadoras. (Offe, 1989)

---

<sup>2</sup> Dentre os diversos sentidos atribuídos a este vocabulário mágico Salerno (1992) busca definir o que seria a “flexibilidade” num sistema produtivo. O grau de “flexibilidade” de uma empresa refere-se a sua capacidade de assumir ou transitar entre diferentes estados, ou seja, a sua capacidade de adaptação sem deterioração significativa de custos, tempos e qualidade às mudanças econômicas e as demandas do consumo. Martin (1998) nos apresenta uma categorização da “flexibilidade” do trabalho que abrange quatro dimensões: emprego, conteúdo do trabalho, jornada de trabalho e remuneração. A “flexibilidade” no emprego compreende duas dimensões, a “externa” que se refere à quebra na rigidez das condições de contratação e demissão de trabalhadores e a “flexibilidade interna” que trata da quebra na rigidez de transferência e promoção dentro da empresa. A maior amplitude e variação na natureza do trabalho, os cargos agora “multitarefa” ou trabalho “polivalente” entre outros, compreendem a “flexibilidade” no conteúdo do trabalho. Na terceira dimensão, a “flexibilidade” de remuneração, refere-se à remuneração variável baseada no mérito ou no incentivo. Por fim, a “flexibilidade” na jornada de trabalho, remete-se à variação na duração e periodicidade da jornada dos trabalhadores. Segundo Martin (1998), é no local de trabalho que se define o grau de flexibilidade ou rigidez, considerando-se estas quatro dimensões.

<sup>3</sup> O município conta atualmente com 16.166 habitantes de acordo com IBGE. No que se refere às atividades econômicas e geração de emprego destacava-se no município a presença de uma grande empresa de extração de madeiras, uma fábrica de móveis e uma de explosivos. (Ipardes,2007)

Para Brescianni (1996) estes processos de reestruturação e “flexibilização” articulam-se desde o plano local em que ocorre a produção, até níveis nacionais e regionais. Estão relacionados a condicionantes econômicos, sócio-culturais e políticos, além de tecnológicos. Assim, não existe um caminho único para se alcançar a “flexibilidade”. Ela não é homogênea nas diferentes empresas e não é generalizada. No caso brasileiro, estes estudos destacam aspectos comuns<sup>4</sup> nas iniciativas de mudança, que têm como referência princípios do modelo toyotista de produção. A redução de níveis hierárquicos, programas de melhoria contínua, melhoria dos processos comunicativos, arranjos em células de produção, aliam-se ao trabalho em grupo e à “polivalência”. (Cardoso, 2000)

Estas mudanças no âmbito do trabalho fabril, como pudemos ver, acarretaram um amplo debate nestes estudos da Sociologia do Trabalho. A categoria gerencial “polivalência” e suas implicações para a produção e para os trabalhadores apresentou-se como central neste debate. A “polivalência” presente também nas fábricas ao redor da *Cohab* refere-se a capacidade do trabalhador exercer um maior número de tarefas diferenciadas e/ou o domínio de mais de uma máquina ao longo do processo de produção. Esta concepção segue o preceito da “flexibilidade”, pois o trabalhador não atuaria em uma única função, mas deve ser versátil e estar disponível a aprender outros conhecimentos e exercer outras atividades.

Autores como Silva (1991) vêem a “polivalência” aliada a uma relativa autonomia dos trabalhadores como processo para o enriquecimento dos postos de trabalho. Já Carvalho (2002) compreende que as mudanças que se dão no perfil dos trabalhadores buscam a qualificação destes somente ao nível do interesse institucional, não incorporando mudanças quanto à autonomia e ao controle do trabalhador sobre a sua própria atividade. No entanto, há nesta literatura uma correlação direta e causal entre forma de organizar e gerenciar o trabalho e as práticas e experiências dos trabalhadores. Estes estudos não etnográficos, “de fora e de longe”, para usar a expressão de Magnani (2002), ao discutir modelos produtivos e as implicações para o trabalhador fazem um recorte unidimensional e determinista destes fenômenos.

Uma das vias para se complexificar estas interpretações se dá no estudo das

---

<sup>4</sup> As categorias “flexibilização” e “polivalência” são utilizadas pelas gerências de empresas do mesmo modo que são operacionalizadas como categorias analíticas por alguns autores.

interações sociais. Tomando a obra de Thompson (1983), poderemos ver nestas interações o processo permanente do fazer-se e refazer-se destes trabalhadores, que têm como referência a cada momento, as instituições e valores já estabelecidos.

Naquelas entrevistas fiquei intrigada com as representações dos trabalhadores e trabalhadoras acerca da exigência em ser “polivalente”. Esta atribuição me fora referida muitas vezes de maneira positiva atuando para eles como uma forma de aumentar seus conhecimentos, de não se restringirem a uma tarefa na fábrica e de portanto, *fazer de tudo um pouco*. No entanto, ser um trabalhador “polivalente” colabora para intensificar o ritmo de seu trabalho, uma vez que ele é capaz e sempre será remanejado para outra equipe de trabalho operando outra máquina e/ou exercendo outra função que esteja precisando de maior produtividade.

Em nossas conversas, ouvia suas reclamações do ritmo do trabalho *muito puxado*, e de como eles eram substituíveis por outro funcionário (pois com a “polivalência”, a princípio, todos devem saber fazer o que todos fazem) o que gerava insegurança quanto à estabilidade no emprego. Porém, estas condições de trabalho não eram associadas à “polivalência”, sendo esta representada na positividade de *saber fazer de tudo um pouco*.

Na análise então realizada, restringi-me às implicações das ferramentas gerenciais na organização do trabalho e aponte, na conclusão, a intensificação do trabalho e das formas de controle sobre o trabalhador. No entanto, comecei a perceber que para além das relações de trabalho, haveria referenciais simbólicos operacionalizando as representações e os modos de atuar nas fábricas aos quais não tive acesso. Qual a relação entre a “polivalência” estimulada nas fábricas e a noção de *fazer de tudo um pouco* como categoria nativa? De que modo as experiências familiares e de vizinhança atuam na construção de homens que valorizam o *fazer de tudo um pouco*? A partir de quais valores estariam se apropriando da “polivalência” exigida nas fábricas?

Retornei ao bairro, ancorada no método etnográfico, buscando a perspectiva dos trabalhadores envolvidos neste processo. O trabalho que se apresenta traduz minha inserção neste universo cuja familiarização anterior de certa forma se desfaz, pois, neste novo investimento, a ênfase está na busca dos critérios que embasam vivências sócio-culturais distintas centrada no ponto de vista dos sujeitos investigados.

A escolha do espaço social para observação surge não apenas da constatação que

não poderia ter estas respostas se continuasse focada nas relações sociais no interior das fábricas, mas também a partir da literatura antropológica sobre classes trabalhadoras urbanas. Estes estudos apontam o bairro como espaço privilegiado uma vez que apontam o local como palco de negociação e publicização de valores fundamentais destes grupos. Para além de simples local de moradia, a importância do lugar de residência e de sociabilidade para a organização e reprodução da vida social apresenta-se enquanto espaço social de intensa interação social, como espaço de experiências comuns na construção de identidades. Local entrecortado por relações de vizinhança e de parentesco constituindo-se num espaço privilegiado para se acessar os processos na construção social de trabalhadores.

O presente trabalho estrutura-se em três capítulos. O primeiro, objetiva caracterizar o universo social da pesquisa. Para tanto, em um primeiro momento, analiso as diferentes formas em que a categoria *pobre* era operacionalizada em campo por distintas pessoas para referirem-se aos moradores da *Cohab*, atentando para a forma como estes moradores lidavam com esta classificação. Destaco também certos elementos presentes na dinâmica social local, a configuração de redes extensas de familiares, o interconhecimento entre os habitantes e a relação de interdependência dos moradores para diversas atividades, aquisição de bens e serviços.

No segundo capítulo descrevo a íntima articulação entre o valor família e o valor trabalho nos processos para construção social de trabalhadores. Os papéis conjugais distintos e o lugar das crianças e jovens são caracterizados, buscando demonstrar a forma específica em que crianças, rapazes e moças são socializadas no seio das relações familiares e de vizinhança, inserindo-se desde pequenas nas atividades domésticas e acompanhando atividades de familiares e de vizinhos. Neste capítulo, salienta-se a transmissão de um modo específico de aprendizagem, o *aprender na prática*, e de certos valores e disposições tais como a *curiosidade*, a *força de vontade*, entre outros.

Compartilhar do cotidiano do bairro me possibilitou acompanhar alguns eventos significativos nos processos de transmissão e circulação de saberes entre vizinhos. No capítulo três destacarei um destes eventos, uma longa maratona em torno do conserto de um carro que envolveu vizinhos. Na descrição pretendo demonstrar o processo de

construção coletiva de saberes entre iguais e os processos de diferenciação interna no interior do grupo.

### **O trabalho de campo: uma experiência “clássica”**

A observação participante enquanto método de pesquisa consagrado da antropologia teve e terá lugar permanente nos debates e reflexões do trabalho etnográfico. Uma das características atuais nos trabalhos de antropólogos na cidade é o movimento dos pesquisadores irem até o campo e retornar para o conforto e privacidade de sua casa. Pode-se optar quais os melhores dias da semana e horários em que se deve estar em campo e realizar visitas freqüentes. Como sabemos, a estratégia metodológica fundadora da antropologia - muitas vezes por ser a única possível -, era a estadia do pesquisador em seu campo, a partir do modelo clássico malinowskiano (Malinowski, 1976). Entretanto, em especial nos estudos no meio urbano, cada vez mais se torna raro o pesquisador morar no mesmo bairro, ser vizinho dos investigados ou, como no meu caso, a pesquisadora viver junto a seus interlocutores.

Tinha o intuito desde o início da construção do projeto desta pesquisa que faria um estudo etnográfico. Esta perspectiva, segundo Cláudia Fonseca (2006:13) teria como contribuição singular “a tentativa de entender outros modos de vida usando a subjetividade do pesquisador e sua confrontação com o ‘diferente’, como instrumento principal de conhecimento”. Quando me mudei para a *Cohab* apenas sabia que morar no bairro me possibilitaria acompanhar a dinâmica deste local em outros horários que antes me eram limitados. Supunha também que seria uma ótima oportunidade para estabelecer uma relação com os moradores de maneira mais rápida e possuindo um outro status além de pesquisadora, como moradora do bairro. No entanto, o que não imaginaria era que a partir da estratégia em viver com uma das famílias pesquisadas viveria a experiência do encontro etnográfico, tal como denomina Oliveira (2000), de modo tão intenso.

Estimulada pelas reflexões metodológicas realizadas entre antropólogos, considerei que parte das questões que ficaram em aberto após o trabalho de graduação poderiam ser melhor compreendidas se pudesse contatar os trabalhadores fora das

fábricas. Imaginava com isso que estariam menos pressionados tanto pela rotina do trabalho quanto pelo receio de sofrer represálias de seus superiores. Minhas expectativas iniciais foram extrapoladas com a realização do trabalho de campo, sobretudo, porque além de seus relatos sobre o trabalho na fábrica era possível acompanhar suas interações cotidianas com familiares, vizinhos, entre outros. Comentários que ouvira na pesquisa anterior iam tomando outra dimensão ao percebê-los sendo atualizados nos conversas cotidianas. Com objetivo de apresentar o modo como a pesquisa foi realizada, passo a delinear alguns aspectos de minha inserção em campo, em especial, quanto a disponibilidade das pessoas em relação a pesquisa, as posições e atividades realizadas por mim.

A entrada no campo é algo que nos preocupa. Desde minha chegada em Curitiba conjecturava sobre qual a melhor forma de iniciar o campo, sobre como os moradores me receberiam e sobre quais as estratégias de campo que empregaria. A princípio pensei em ligar para algum dos antigos contatos, pois ainda guardava seus telefones, e conversar sobre a nova pesquisa. Tive receio de assustá-los com uma ligação inesperada da estudante que havia os entrevistado há mais de dois anos. Fiz então algumas tentativas com colegas que pudessem ter amigos de moradores da *Cohab* e retornar ao bairro através de alguma intermediação, mas, com a demora das respostas, não vislumbrei outra saída a não ser ir até o bairro sozinha. Fui até o bairro com o intuito de caminhar, lembrar-me das ruas e das casas que havia estado anteriormente, enfim, buscar estar disponível para o campo.

Nesta primeira tarde na *Cohab* voltei entusiasmada para casa. Logo após descer do ônibus no ponto do bairro pude conhecer uma senhora que também adentrava a *Cohab*. Abordei-a pedindo informações sobre a localização de uma rua, contei da pesquisa anterior e que por isso conhecera alguns moradores do bairro que trabalhavam nas fábricas automotivas. Esta senhora além de me atualizar sobre a vida de alguns dos que eu falara, informando-me desde se eles continuavam ou não nas fábricas, onde moravam, em que horário poderia encontrá-los em casa, etc, comentara também de outros vizinhos que eu não conhecia e que trabalhavam nas fábricas. Acerca de cada um acrescentava informações, como, por exemplo, sobre quem reclamava do trabalho das fábricas, sobre aqueles que continuava há anos na mesma empresa e sobre o que estariam fazendo alguns dos que saíram e não voltaram a trabalhar em outra fábrica.

Para minha surpresa, neste primeiro dia, reencontrei três pessoas da pesquisa anterior, um casal que eu havia entrevistado e a outra era esposa de outro que entrevistara. Indagaram-me sobre a razão de eu estar caminhando na *Cohab*. Para não prolongar a conversa, uma vez que estavam de saída, disse que voltara para realizar nova pesquisa e que gostaria de conversar com eles. Neste rápido reencontro se mostraram disponíveis e disseram os melhores dias e horários para encontrá-los em casa.

Depois ao acompanhar o cotidiano do bairro percebi que seria provável encontrar com algum dos contatos anteriores pelas ruas, pois além do bairro ser pequeno, há uma circulação dos moradores pelas ruas durante o dia. De qualquer modo, fiquei surpresa com estes reencontros e a receptividade destas pessoas tanto daqueles que me reencontraram como daquelas com as quais estabelecia um primeiro contato, pois além da senhora conheci uma mulher na locadora de filmes e um rapaz proprietário da *lan house*. Esta boa receptividade serviu para me acalmar um pouco neste início de entrada no campo.

Nas duas primeiras semanas passava as tardes na *Cohab* e retornava a noite para Curitiba. Circulava pelas ruas do bairro, aproveitava-me especialmente de pequenos comércios para conversar com os diferentes proprietários e interagir com os que ali circulavam. A opção por ficar nestes locais, como a locadora de dvds e uma banca de doces, deveu-se mais pela facilidade de acesso, uma vez que se constituem em locais que as portas, de algum modo, estariam sempre abertas. Ainda neste período, entrei em contato com a escola municipal de ensino fundamental. Nesta escola pude conhecer professores, funcionários de limpeza e da cozinha, moradores da *Cohab*. Nesta instituição pude participar de alguns horários de lanche dos professores e passei a freqüentar a casa de uma professora e uma secretária.

Busquei reencontrar antigos entrevistados do trabalho de graduação, rerepresentava-me falando que retornara para um outro estudo, e que neste mais do que fazer entrevistas e perguntas sobre o espaço de trabalho gostaria de pesquisar sobre o cotidiano e história do bairro. Quando impelida a falar maiores detalhes, dizia que gostaria de entender um pouco sobre a vida no bairro, especialmente após a vinda das fábricas. Se por um lado, poderia parecer estranho para aqueles moradores o meu interesse em seu bairro e em suas vidas, por outro, falar das fábricas instaladas e seus

impactos para o mercado de trabalho e para a *Cohab* mostraram ser uma justificativa legítima.

Estas primeiras visitas foram de fato um desafio, pois não estava freqüentando o bairro como na situação anterior na época da graduação. Naquele período ia ali apenas para entrevistá-los. Possuía um roteiro e praticamente aplicava questionários e sabia que não estabeleceria nenhum contato maior com aqueles trabalhadores. De certa forma, me escondia por detrás das entrevistas. Ao pensar a natureza da relação entre entrevistador e entrevistado, não estabeleci e não me propunha a estabelecer naquela época uma relação entre interlocutores. (Oliveira, 2000)

Um assunto recorrente nestes encontros era sobre onde eu morava. Ao falar que estava hospedada em Curitiba e me deslocava diariamente para a *Cohab*, muitos demonstravam espanto quanto ao meu esforço, pois consideravam uma empreitada cansativa. Este fato, somado a orientação de alguns para que eu voltasse antes do anoitecer, pois seria perigoso para uma moça sozinha e de fora ficar no ponto de ônibus neste horário, contribuíram para que a idéia de me mudar para a *Cohab* não fosse recebida posteriormente de modo estranhado. Antes de ir para o campo, já havia cogitado juntamente com minha orientadora sobre esta estratégia, uma primeira sugestão era procurar um quarto para alugar. Esta opção começou a tomar forma a partir das conversas, quando falava desta possibilidade com aqueles que estabelecia maior convívio.

Antes de receber o convite da família com quem morei outras propostas e tentativas foram encaminhadas. Estas tentativas merecem ser descritas, uma vez que me alertaram para alguns elementos presentes na dinâmica social do bairro. A disponibilidade com que me recebiam e a tentativa de colaborarem para que eu encontrasse um lugar para morar foi marcante.

Inicialmente procurei se havia alguma pensão ou até mesmo se algum morador costumava alugar quartos. Num bairro como a *Cohab* constatei ser improvável haver esse tipo de serviço, uma vez que a maioria dos moradores ou pagam as prestações para ter sua casa própria ou alugam as casas, pois o valor do aluguel é baixo nesta região.

Diariamente passava na banca da Vilma, localizada em frente a escola. Comprava uma bebida, comia um doce e ficava conversando. A sua banca era freqüentada por muitas mulheres que se encontravam para passar o tempo entre um compromisso e outro.

Desde que Vilma soube de meu interesse em morar na *Cohab* disse que muita gente passava pela sua banca e se propôs a me ajudar a encontrar um lugar. Comentou de uma mulher que havia perdido um filho e que poderia me hospedar, uma vez que soube que ela recebera uma sobrinha em sua casa. Além disto, disse-me que ela era muito católica e envolvida com a igreja por isso ajudava as pessoas. Fiquei um pouco reticente pois esta mulher não me conhecia, alertei Vilma deste fato e mesmo assim ela insistiu, não me sobrou alternativa a não ser aceitar a sua ajuda.

Em mais uma das visitas à escola, a secretária Raquel propôs-se a arrumar uma casa para alugar, pois dissera que conhecia e era conhecida no bairro. Auto-identificava-se como uma das moradoras *mais antigas* no bairro. Quando eu falara que pretendia alugar se possível um quarto pois passaria pouco tempo, Raquel imediatamente ofereceu a sua casa para ficar, disse que adoraria me receber pois percebeu que eu era uma *boa pessoa* já nas outras visitas. Dissera-me ainda que nos divertiríamos à noite conversando e assistindo a um filme em sua residência. Prontamente avisou que conversaria com o marido e no dia seguinte me daria a resposta. Achei aquela situação muito estranha, não só fiquei surpresa com o convite mas com os planos que ela fizera para nossas noites.

Conversava com a diretora e supervisora quando elas me indicaram morar com Amélia. Esta mulher freqüentava a escola diariamente, pois cuida de algumas crianças do bairro enquanto os pais estão trabalhando. Para elas, esta mulher era uma boa pessoa já que fazia este tipo de trabalho, e sabiam que ela precisava de dinheiro, por isto poderia alugar um quarto para mim. Mostrei-me interessada em conhecê-la, pois ela seria uma pessoa interessante para a pesquisa uma vez que deveria conhecer muitos pais na *Cohab*. Quando comentei que Raquel havia oferecido sua casa, ambas se entreolharam e falaram baixo que não seria muito bom, pois ela *não era uma pessoa muito equilibrada, ela é uma pessoa doente*, costumava ter crises e mudava completamente o humor. Completaram falando que uma vez por ano ela se afasta do trabalho pois recebe licença médica para se tratar por causa destas crises. Disseram-me rindo que a qualquer momento ela poderia mudar de idéia e me mandar embora de sua casa. Fiquei com medo e sem saber sobre o que fazer acaso Raquel confirmasse no dia seguinte que poderia me receber. Enfim, em dois dias consecutivos de campo, voltara para casa com três sugestões de onde ficar no bairro, e com estes comentários acerca de Raquel.

Não retornei no dia seguinte à escola, estava ainda um pouco assustada com o modo como as coisas estavam se encaminhando. Conversei com Vilma na banca, esta se mostrava desapontada, pois havia conversado com a mulher que me indicara, a que perdera o filho, e que ela não poderia me receber. Esta moradora disse a Vilma que recebera apenas a sobrinha em sua casa e que ela dividia o quarto com sua filha, e que por enquanto não esperava hospedar mais alguém na casa. Vilma insistiu em continuar procurando outra casa para eu morar, agradei e disse que era melhor eu primeiro estabelecer maior convívio com as famílias e que não estava com pressa para me mudar. Encontrei com Raquel caminhando no bairro. Soube então que não poderia ficar em sua casa, pois receberia nos próximos dias um sobrinho do interior do estado que viria para um tratamento médico e passaria um tempo na casa. Sugeri em seguida a mesma mulher indicada por Vilma, contando-me o mesmo fato, que aquela senhora era muito religiosa e que perdera o filho há pouco tempo. Depois se lembrou de outra senhora viúva. Agradeço também a sua preocupação e falo que aos poucos eu pensaria em uma alternativa. Nunca saberei se a história sobre o sobrinho era verdadeira ou não, de qualquer modo, mesmo que não o fosse verifica-se qual a justificativa acionada e que, portanto, se mostra plausível neste contexto. Receber um parente na casa, como no caso da mulher indicada pela Vilma e agora na justificativa de Raquel se mostra uma situação familiar. Logo na semana seguinte fiquei sabendo que Raquel havia sido internada em um hospital psiquiátrico, fiquei chocada com a notícia. Ela passou pouco mais de um mês no hospital.

Estava freqüentando sistematicamente a casa de Thatiana, esposa de Alexandre, trabalhador de uma das fábricas automotivas que havia entrevistado há alguns anos atrás. Conversando com Thatiana sou alertada para não morar tanto com Raquel, a secretária da escola, bem como com a mulher que cuida de crianças, indicada pela diretora. Sobre Raquel, Thatiana fizera comentários similares aos da diretora e da supervisora, que ela *tinha crises*. Já para falar da outra, iniciou dizendo que não era uma pessoa de *falar mal das pessoas*, mas diz que não seria bom me hospedar lá. Para Thatiana, estas duas mulheres são pessoas *comunicativas*, e que por isso, são envolvidas em maiores fofocas no bairro. No entanto, no caso da mulher que cuida de crianças, o problema era que a noite ela vendia espetinhos na garagem da sua casa. Ela soubera que lá congregaria muitos rapazes e que por isso gerariam muitas fofocas. Por esta razão, não seria um lugar

indicado para mim. Para ela o ideal seria que eu morasse com uma senhora sozinha, alguma pessoa mais idosa.

Estava surpresa com a forma como todos se mostravam solícitos e buscavam alternativas para que eu me instalasse ali, o que demonstrava que esta estratégia era algo possível. No entanto, a partir desta conversa, tive a certeza que deveria ir com mais calma na procura por um lugar para morar. Antes de tudo, eu deveria conhecer melhor os moradores do bairro, além de me tornar conhecida para que alguma família me acolhesse.

Pude apreender a partir das sugestões oferecidas sobre quais os lugares em que estas pessoas imaginavam que eu pudesse ser recebida, ou seja, qual lugar ideal para que eu ficasse. Nesse sentido, mulheres que aparentemente seriam mais sozinhas, como a viúva ou aquela que perdera o filho, seriam residências em que eu poderia ser acolhida. E mesmo no caso da secretária Raquel que havia proposto a própria casa, em seus comentários chamou minha atenção o fato dela destacar o que faríamos a noite conjuntamente, conversar ou ver filmes. Ainda quanto a indicação da diretora da escola, esta indicara alguém considerada como de boa índole e uma mulher trabalhadora.

Depois de uma semana recebo o convite de Thatiana e Alexandre para ficar em sua casa. Considerei que seria uma ótima oportunidade, pois além do fato que os dois trabalhavam nas fábricas, ambos moravam há anos na *Cohab* e tinham parentes residindo no bairro. Conversamos os três sobre como seria minha hospedagem.<sup>5</sup> Neste dia, o principal motivo que levantaram para me receberem era a minha necessidade em encontrar um lugar para morar, desqualificaram novamente as residências que outros haviam me sugerido e disseram que poderiam me receber pois havia um quarto vazio na residência. Este quarto havia sido ocupado pela mãe de Thatiana quando foi ajudá-la a cuidar da neta recém nascida. Thatiana ressaltou finalmente a conversa que tivera com sua mãe, pois ela havia incentivado para que eles me convidassem pois eles teriam condições de me *ajudar*.

Ainda conversava com a minha mãe, ela era contra receber mais gente aqui em casa, mas depois que te conheceu gostou muito de você e disse

---

<sup>5</sup> Nesta conversa, Alexandre aproveitara para me dizer que a casa de Amélia funcionaria como uma espécie de *puteiro*, pois os rapazes que freqüentavam a noite o espetinho aproveitavam para ter encontros nos quartos de sua casa e que por isto eu não poderia ficar lá. Em outra oportunidade, passados mais de dois meses morando com eles, Alexandre comentou novamente de Amélia, e nesta situação disse que não tinha certeza se os quartos da casa eram usados para tais encontros.

que já que a gente tem condições de *ajudar* alguém porque não ajudar né.

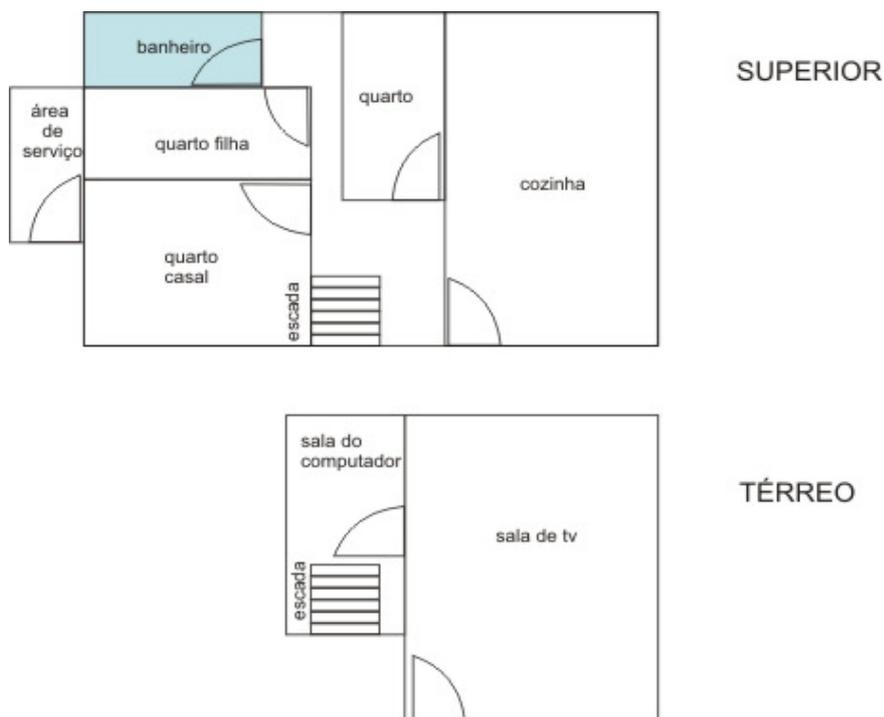
Dispus-me a participar da rotina da casa, tanto partilhando da alimentação bem como ajudando nos afazeres domésticos, como cozinhar e limpar a residência e expliquei novamente o propósito da pesquisa.

O processo de conseguir um lugar para que eu morasse possibilitou-me perceber elementos importantes. Destacou-se nestas situações o fato de muitos se colocarem como pessoas conhecidas e que também conheciam muitos moradores no bairro. Este fato os qualificaria tanto para sugerirem locais para minha estadia como para questionar outras sugestões. Além disso, salienta-se que os colocava na posição de beneficiários que poderiam me ajudar com informações, ou oferecendo um quarto vago. O fato de compartilharem opiniões formadas sobre alguns moradores chama atenção para a configuração de mecanismos de controle sobre os comportamentos uns dos outros presente no bairro. Percebi que sobre mim também eram feitas avaliações – *boa pessoa, esforçada* – da mesma forma que eram tecidos comentários e avaliações dos outros.

Tive a oportunidade de compartilhar da íntima rotina doméstica da família de Thatiana e Alexandre. Acompanhei desde seus hábitos alimentares, os de limpeza<sup>6</sup>, os hábitos de consumo, os horários de acordar e dormir, algumas discussões entre o casal e brigas rotineiras com a filha pequena com o intuito de lhe dar uma boa *criação*. Além de me inserir no dia a dia na dinâmica da casa, a estrutura da construção da residência bem como a localização do meu quarto possibilitava tanto que eu ouvisse muito dos barulhos e movimentação da família, do mesmo modo que eles também podiam saber, até certo ponto, o que eu fazia no quarto. A casa possuía dois andares, no piso de baixo há a sala para visitas e televisão e outra saleta com o computador. Utilizávamos mais a parte superior, neste andar ficavam os quartos, banheiro e cozinha da casa.

---

<sup>6</sup> As refeições tinham como base o arroz, a batata ou mandioca e a carne, que tinha centralidade nas refeições. O feijão não era incluído diariamente. Legumes e verduras não faziam parte do repertório diário. Cometi algumas gafes, a partir das quais pude aprender um pouco dos hábitos da família. Encontrei um pé de alface na geladeira e o preparei para o almoço, soube durante a refeição que a alface não era para nós e sim, para alimentação dos coelhos. Thatiana e Alexandre ganhavam algumas verduras do mercado para darem aos coelhos. Pude saber do uso de pano de prato como objeto decorativo na cozinha após usá-lo para secar louças. Este pano de prato é estendido na porta do fogão e estão entre os mais novos e decorados, o pano de prato para uso estaria pendurado na parede. Apenas no terceiro dia Thatiana sentiu-se à vontade para me corrigir.



Como se pode ver na planta acima, meu quarto ficava no meio da moradia, era o único cômodo que não possuía janela. Foi construído utilizando a área que era antes a cozinha, por isso uma das paredes ainda conservava as marcas de uma pia instalada pois não recebera nova pintura. Já as outras paredes do quarto eram compostas por várias ripas de madeira compensada, com espessura fina e algumas brechas entre uma ripa e outra. A porta era de outro tipo de madeira, parecido com compensado, não tinha fechadura e sequer qualquer outro tipo de instrumento para fechar a porta. Assim a porta de meu quarto era no máximo encostada. O que permitia também que soubessem um pouco do que estava fazendo quando estava em meu quarto, se a luz estava acesa ou não, por exemplo. Na página seguinte segue a foto do meu quarto.



Diariamente negociava sobre até onde eu poderia ajudar nos afazeres domésticos para não questionar o lugar de Thatiana como dona de casa *caprichosa*. Tarefa esta que descreverei no segundo capítulo. A partir deles passei a observar a divisão destes afazeres entre o casal e as recorrências em outras famílias.

No início foi tensa a negociação de quanto eu pagaria por mês. Ao longo da convivência uma outra razão para terem me acolhido se delineou, pois percebi que eles viviam um momento de maiores dificuldades financeiras e precisavam de um dinheiro extra. No entanto, buscaram demonstrar que não gostariam de tirar vantagens financeiras sobre mim e me incluíram como mais alguém que eles estariam *ajudando*. Se num primeiro momento eu poderia ter sido considerada como inquilina, em nenhum momento explicitaram esta relação comigo. A partir da convivência e das práticas compartilhadas percebia que nossas interações não eram pautadas pela posição de alguém vista como vivendo ali exclusivamente com os propósitos de realizar uma pesquisa. Além de ser incorporada ao cotidiano doméstico, fui incluída em suas práticas de ajuda mútua. Especialmente nas relações entre mulheres, com quem convivia mais, ora para ficar com a criança, ora como companhia para Thatiana e Silmara. Por vezes recebia e repassava roupas usadas.

A minha presença nesta casa não era motivo de estranhamento na vizinhança, uma vez que é comum no bairro famílias agregarem parentes. Por isto, por diversas vezes era

confundida como parente seja de Alexandre ou de Thatiana. Morar com este casal me atribuía, neste sentido, um lugar no bairro. Para parentes e vizinhos mais próximos eu era apresentada como uma pessoa que ali fazia uma pesquisa. Algumas vezes, Silmara quando indagada na minha presença se eu era sua sobrinha por outro morador com quem possuía menos contato apenas confirmava positivamente e sorria para mim. Muitas vezes tinha a impressão que ela preferia confirmar esta informação, que era algo comum no bairro, do que ter que explicar as razões de minha estadia na casa. Já Thatiana nestas situações costumava dizer que eu era uma amiga de Mato Grosso, estado em que nós duas crescemos.

Pude constatar posteriormente, que esta estratégia adotada permitiu e permitiria encurtar caminhos e tempo na construção de laços e relações mais estreitas com aquelas pessoas, uma vez que percebi que a principal unidade de interação no bairro referia-se aquelas das redes de família e de vizinhança. Fui incluída nas diversas atividades restritas aos familiares, quando Thatiana e Alexandre recebiam convites para algum almoço especial de parentes ou amigos minha presença era lembrada e solicitada. Estar com esta família me proporcionou algumas vantagens, muitas portas de residências foram abertas e pude partilhar de atividades nas quais apenas um círculo restrito participaria. Tais como alguns churrascos organizados apenas entre os vizinhos mais próximos e parentes, almoço comemorativo do dia dos pais na casa da mãe de Thatiana e outras festas em bairro vizinho apenas para os familiares.

No entanto, busquei partilhar das interações sociais para além da rede de relações de Alexandre e Thatiana. Resgatara outros contatos da pesquisa anterior e a partir de uma professora da escola residente na *Cohab* pude ter acesso a outras famílias na *Cohab*. Construir novos vínculos colaborava não apenas para ampliar meus contatos no bairro, mas também para não ficar associada apenas à rede de relações da família de Thatiana. Enquanto circulava pelas ruas, a banca da Vilma mostrou-se como um ponto de apoio, pois entre uma visita e outra podia passar a qualquer horário ali para conversar com ela e outros moradores que freqüentavam sua banca. Durante as manhãs, freqüentava as residências em que tinha maior convívio. Neste período do dia não é comum receber visitas a não ser de parentes e vizinhos. Muitas vezes as mulheres estavam cuidando da casa e do almoço, algumas residências estavam vazias, em outras era possível encontrar

algum trabalhador ou trabalhadora do segundo ou terceiro turno e nestes casos, geralmente costumavam acordar mais tarde.

Posteriormente outra estratégia utilizada para ampliar minha rede de informantes foi a de realizar entrevistas. Entrevistei alguns moradores conhecidos como os *mais antigos* na *Cohab*. Passei a observar a existência de inúmeras pessoas que ofereciam serviços no próprio bairro, como por exemplo, encanadores, mulheres que fazem e vendem produtos artesanais, sucateiro, manicure e pedicure, entre outros. Entrevistei alguns trabalhadores homens e mulheres das fábricas, mas também alguns destes trabalhadores que prestavam serviços no bairro, atentando para suas trajetórias profissionais e os processos de aquisição de saberes em suas atividades. Neste sentido, a realização de entrevistas colaborou para conhecer e me aproximar de outras pessoas no bairro e também para demarcar de modo mais explícito meu lugar no bairro como pesquisadora. Para muitos, era apenas quando realizava entrevistas que eu estaria *fazendo* pesquisa.

Esta questão merece ser melhor desenvolvida. Uma vez que mergulhei no cotidiano e vivenciei as práticas e experiências compartilhadas por estes moradores, minha posição tornou-se dúbia. No sentido em que a partir da perspectiva etnográfica, o momento da pesquisa não era marcado para os meus interlocutores de modo explícito, como por exemplo, no caso quando se realiza entrevistas. Assim a minha posição no bairro era vista de modo diferente se comparado com o pesquisador que eles sabem que chega para uma entrevista ou para participar de algum evento especial e vai embora. A não delimitação clara por eles das minhas atividades enquanto aprendiz de etnógrafa e a minha presença constante em suas rotinas, muitas vezes fazia com que em algumas situações eu fosse vista como uma moradora do bairro, seja como uma amiga, como vizinha, ou como a parente de Thatiana.

Para Thatiana e Silmara na maioria das vezes eu era tratada como uma companhia, alguém para estar junto em diversas atividades rotineiras, com quem compartilhavam dúvidas, discussões e contavam para alguma ajuda quando necessário. Ao mesmo tempo, Thatiana repreendia a filha para que ela não me atrapalhasse quando eu estivesse no quarto escrevendo no computador, ora dizia para ela que eu estava trabalhando, ora dizia que a *tia estava estudando*. Em outras situações, quando Silmara tecia críticas a alguma

pessoa com quem eu me encontraria, Thatiana a recriminava e interpelava dizendo que eu precisava conversar com todas as pessoas no bairro para minha pesquisa.

Morei cerca de três meses na *Cohab*. Neste período pude conviver mais de perto com dez famílias, destas, tive uma relação mais estreita compartilhando quase diariamente do dia a dia de quatro residências. Optei por sair do bairro, quando possível, uma vez por semana, ia para Curitiba e em algumas situações dormia por lá. Sentia necessidade de me ausentar do campo, afora todas as exigências e tensões que a observação participante nos coloca, o fato de morar no bairro e viver com uma das famílias pesquisadas gerava um desgaste físico e emocional. Esta sensação relacionava-se ao fato de me sentir vinte e quatro horas em campo e conciliar com a atividade do registro nos diários de campo.

## CAPÍTULO 1. Os moradores e a *Cohab*

Nesse capítulo, faço uma caracterização das pessoas com as quais realizei a pesquisa. Em um primeiro momento analiso algumas situações observadas em campo que permitem salientar o modo como aquelas pessoas são percebidas por passantes, mídia e agentes estatais que trabalham em instituições que atendem a população. Além disso, saliento como essas representações e classificações são percebidas e utilizadas pelos moradores, e como elas se apresentam em diferentes situações, como no caso da categoria *pobre*. Tal categoria era constantemente utilizada pelas pessoas para referir-se aos moradores da *Cohab*. Contudo, na medida em que se analisa de forma mais atenta a utilização desse termo, é possível observar que isso era feito de formas diferenciadas. Conforme alguns autores (Fonseca, 2004; Zaluar, 1986; Sarti, 1996) já salientaram, a categoria *pobre* é situacional e cambiante, redefine-se em função do outro que se tem como interlocutor. Nesse sentido, penso ser profícuo tomar as situações de campo em que essa categoria era utilizada por diferentes pessoas.

Posteriormente, ao me aproximar da vida social no bairro, busco descrever as interações sociais entre seus pares, colocando-nos de frente com as relações entre vizinhos. A importância dessas interações na vida dos moradores é assunto enfatizado em outras etnografias em bairros de segmentos de trabalhadores. Zaluar (1986:50), por exemplo,) caracteriza o espaço de moradia com suas esquinas e bares, suas agremiações recreativas, suas ruas e casas como o espaço em que se dá o

“processo dinâmico de formação cultural tornando o mundo denso de significados nem fixos, nem finais, nem únicos. Sempre renovados, esses significados são inventados ou reinterpretados apelando-se para as novas experiências ou para antigas tradições. E é aí que a heterogeneidade econômica, do ponto de vista dos lugares que ocupam no processo produtivo, cede lugar à homogeneidade das múltiplas práticas cotidianas das classes populares (...)”

Ainda para essa autora, é na vizinhança que trabalhadores vivenciam diferentes formas de solidariedade e o sentimento, mesmo frágil e fragmentário, de pertencimento a um “nós” distintivo. No mesmo sentido, poderíamos nos lembrar do trabalho de Richard Hoggart (1966), quando este constata, em meados do século XX, que os operários

ingleses mudam mudavam freqüentemente de emprego e optavam por continuar a morar no mesmo bairro criando relações sociais mais duradouras do que com seus colegas de trabalho. Nesse trabalho, ele aponta o bairro como a principal referência e lugar de suas relações mais fortes.

Destaco, portanto, alguns elementos que considero centrais para delinear o universo da pesquisa – as relações de interdependência tanto entre vizinhos quanto entre parentes – a partir da configuração no local de redes extensas de famílias. Procuro ressaltar, com isso, o caráter fundamental das redes de vizinhança e das de parentesco para a compreensão do cotidiano das famílias na Cohab.

### **1.1 Um lugar para *pobres* e trabalhadores**

Era um domingo à tarde, mais precisamente dia 08 de julho de 2007, quando me mudei para a *Cohab*. Momentos antes eu havia telefonado para a casa de Thatiana e Alexandre para confirmar minha chegada, mas fui atendida pela irmã de Alexandre, Eliane, também moradora do bairro. O casal e a filha tinham ido passar o domingo na chácara de amigos da mãe de Alexandre. Na residência do casal estava não apenas a irmã, mas também Silmara, sua sogra, que lavaria o seu carro na casa da filha, como de costume, e estaria a minha espera.

Consegui carona de carro com minha irmã para levar as bagagens. O trajeto da casa de minha irmã até lá levou cerca de quarenta minutos. Ao entrarmos no município de Graciosa, notei que ela ficara surpresa. Ela achou tudo *bonitinho*. Ao sairmos da rodovia, um pórtico nos recepcionava e a partir deste ponto trafegamos na avenida principal do município que nos levaria à *Cohab*. Ao entrarmos no centro comercial, da avenida pudemos avistar a Igreja matriz no alto de uma rua transversal. A igreja tinha passado por uma reforma, ganhado pintura e nova iluminação. É a localidade mais recente do município, único espaço que conta com alguns prédios baixos residenciais, e onde se concentram a prefeitura e as diversas secretarias municipais.

Em frente à prefeitura avistamos uma pequena praça, local em que nas terças e quintas-feiras podemos encontrar uma feira com barracas de artesãos do município. Essa

quadra tem grande circulação de pessoas. Logo atrás da praça há a Agência do Trabalhador, um Posto de saúde municipal e o Terminal de ônibus.<sup>7</sup>

O asfalto da estrada que nos leva à *Cohab* é cinza forte e sem poeira. Nesse trecho passamos por alguns terrenos amplos com casas antigas e bem conservadas. O asfalto escuro e os belos gramados nas casas dão cor ao trecho. A surpresa de minha irmã, uma pessoa que vive e trabalha em Curitiba, está referenciada em representações sobre os municípios de região metropolitana. Essa região, como qualquer outra de grande metrópole, é muitas vezes retratada na imprensa por meio de seus índices de violência e de criminalidade associados à idéia de pobreza. O maior estereótipo desses municípios é o de comportar trabalhadores de Curitiba que se viram excluídos dos recursos necessários para se viver na capital paranaense. Constitui-se numa visão a partir da Capital enquanto cidades dormitórios, portanto, retratadas e representadas como municípios pobres.

Há, pois, a idéia que nesses lugares aglutinam-se trabalhadores em sua maioria de baixa renda, operários de construção civil, trabalhadores semi ou não especializados, empregadas domésticas, diaristas, vendedores ambulantes, que trabalham em Curitiba e voltam à noite para dormir. Mesmo com a formação recente de alguns condomínios fechados voltados para famílias de maior renda, a associação entre município da região metropolitana e pobreza é predominante.

Orientada por essa visão que homogeneiza estes municípios e seus moradores, minha irmã surpreende-se ao ver estabelecimentos comerciais de grandes redes como farmácias e padarias, e uma cidade bem iluminada e asfaltada. Ao entrarmos na *Cohab* ela teve a reação comum aos que chegam lá pela primeira vez, demonstrando nova surpresa. Aqueles que esperam entrar no bairro e encontrar casas pequenas e padronizadas, ao adentrar suas ruas constatarão que são poucas as casas que mantêm uma estrutura original, já que passaram por muitas reformas e ampliações. Além de encontrar ruas asfaltadas e iluminadas, minha irmã viu casas de alvenaria diferentes umas das

---

<sup>7</sup> Em diversos bairros de Curitiba e nas cidades da região metropolitana existem terminais de transporte coletivo integrados. Estes terminais concentram diversas linhas e são fechados, é preciso pagar a passagem numa catraca. Uma vez dentro do terminal é possível circular por diversos bairros e municípios pagando apenas aquela passagem. Há diferentes linhas com origem em outros municípios e duas linhas do centro de Curitiba que nos deixam no terminal de Graciosa. Para chegarmos à *Cohab* é preciso pegar um outro ônibus deste terminal com destino ao interior do município, depois de dez a doze minutos estamos no ponto da *Cohab*.

outras, algumas exibindo um cuidado com a parte externa da moradia, com pintura nas paredes e nas grades. Os jardins também chamaram a sua atenção.

Como se não bastasse a constituição dos municípios da região metropolitana enquanto espaços próprios para pobres e trabalhadores, esses moradores residem num lugar reconhecidamente destinado para famílias de baixa renda. Os trabalhadores da *Cohab* podem ver-se duplamente estigmatizados, num primeiro aspecto por serem moradores da região metropolitana de Curitiba e segundo, por residirem num conjunto habitacional popular.

Os moradores do bairro compartilham da noção que estão às margens da Capital e de certa forma, que também estão afastados do centro do próprio município. Aprendi que quando se referiam ao *centro* não falavam do centro do município de Graciosa, mas sim, referiam-se à Curitiba. O uso da categoria *centro* para a Capital nos mostra como esta se constitui em referência primeira para estes trabalhadores. O *centro* é o lugar de trabalho para muitos, é onde alguns buscam atendimento médico, outros vão fazer compras de vestuário ou de alimentação a preço mais baixo. Muitos vendedores ambulantes vão até Curitiba para comprar as mercadorias a serem revendidas no bairro e região. O *centro* é parte do cotidiano destas pessoas. Já o centro do município é chamado de *Graciosa*. Apesar de concentrar alguns bancos, farmácias, supermercados e a Agência do Trabalhador, ele constitui-se mais como lugar de passagem para estas pessoas.

O *centro* também é o lugar em que os moradores da *Cohab* costumam relacionar-se com os *ricos*. Nessa categoria estão aqueles que *moram no centro*, os *patrões* e *estudados*. Na relação com essas pessoas que se constituem enquanto outros, os moradores da *Cohab* auto-identificam-se enquanto *pobres* e trabalhadores. Lembro-me da forma como Silmara se apresentou nesse dia em que me mudei para a casa de sua filha.<sup>8</sup> Quando chegamos, eu e minha irmã, Silmara pediu para que não reparássemos em suas roupas. Ela vestia uma velha camiseta de algodão cinza, bermuda jeans e calçava

---

<sup>8</sup> Neste primeiro dia fui interrogada por Silmara sobre alguns hábitos, como por exemplo, se eu era uma pessoa que gostava de frequentar bailes. Na região há bailes em que se toca vaneirão e outros ritmos gauchescos. Estes bailes são associados a bebedeiras e brigas por Silmara. Outra questão importante para saber da mulher que estava se mudando para a casa da filha casada era se eu tinha namorado. Demonstrou-se aliviada ao saber tanto do fato de que eu não gostava do estilo musical dos bailes como em saber que tinha namorado. Sobre esse fato, achou estranho ter um namorado à distância.

pantufas, calçado feito de tecido e utilizado apenas em casa. Justificou usar aquelas roupas porque havia lavado o carro.<sup>9</sup> Minha irmã ajudou-me a carregar as malas e foi embora. Estávamos na cozinha e enquanto Silmara preparava o café, um casal entrou sem bater palmas ou chamar. Era seu outro filho Thito com a esposa e o filho pequeno, também moradores da *Cohab*. Thito a convidou para ir a casa de um amigo. Silmara recusou o convite e após a visita do filho, virou-se para mim e disse: *Seja bem vinda, aqui nós somos pobres, mas somos muito unidos, nossa família, você pode ver, somos todos unidos.*

Essa colocação de Silmara chamou-me atenção: A partir da articulação entre as categorias *pobre* e *união*, vemos como esses moradores lidam e se apropriam das representações de outros sobre si. Ao apresentar-se a alguém relativamente estranho – havíamos tido poucos contatos antes de minha mudança – ela ressalta o que supõe que seja o modo como são vistos por outros que não vivem ali (*centro*) e têm atividades distintas (*estudo*). Como contrapeso a uma qualificação relativamente depreciativa (pobreza), ela ressalta outra qualidade vista como positiva (a *união*). Ao articularem-se essas duas categorias, percebe-se que pobreza não é algo relativo apenas às condições materiais de existência, mas que também seria pensada como podendo trazer outras acusações. A ênfase na *união* como princípio orientador das ações, que justificaria a possibilidade de minha acolhida, também expressa expectativas em relação a minha postura para com eles.

É necessária a atenção para o aspecto cambiante da categoria pobre. Pensá-los na sua oposição aos *ricos* é apenas um dos aspectos na construção das identidades destes moradores. Se por um lado, frente aos interlocutores que vivem no *centro* e seus *patrões*, esses moradores identificam-se como pobres e trabalhadores, ao acompanhar o cotidiano das interações entre vizinhos podemos observar as relações conflituosas e as distinções internas. Como veremos no capítulo seguinte, trabalhador é a principal categoria acionada para se colocarem positivamente no mundo. A construção de reputações no interior do bairro tem como critério central ser considerado trabalhador ou não. Enquanto a

---

<sup>9</sup> Sempre nas primeiras visitas a algumas casas, tanto as roupas usadas ou o estado de limpeza e organização da casa eram motivos de ressalvas para minha entrada. Ouvir das mulheres, *não repare a bagunça*, ou ainda, *não repare minhas roupas*, era freqüente. Depois de certa convivência, esses são comentários dispensados para os que freqüentam as residências.

categoria pobre não é acionada nas relações entre iguais, a categoria de trabalhador é operacionalizada na relação com outros grupos e também internamente.



A *Cohab* e as fábricas ao seu redor.

### **1.2 A *Cohab* como elite dos pobres.**

Ao longo dos anos o bairro obteve melhorias significativas na infra-estrutura urbana, como ruas asfaltadas e iluminadas, tratamento de esgoto e melhoria no transporte coletivo. Tornou-se referência para o atendimento de bairros vizinhos no que se refere a serviços públicos. Há na *Cohab* a escola municipal Rui Valdir, de ensino fundamental, que atende 260 alunos da região, um posto de saúde municipal e, mais recentemente, após a instalação das quatro fábricas automotivas ao redor do bairro, a creche municipal.

Em visitas a uma destas instituições pude observar o modo como alguns agentes estatais, a partir da operacionalização de políticas sociais, constroem sua visão sobre os moradores do bairro, possíveis beneficiários daquelas políticas, em relação a outros que

vivem em áreas próximas. Logo na primeira semana do trabalho de campo entrei em contato com a escola Rui Valdir. Partilhei de alguns intervalos de aula juntamente com as professoras em seu horário de café e posteriormente passei a frequentar a casa de duas funcionárias, uma professora e uma secretária. Numa dessas visitas conversei com outra secretária que mora no centro de Graciosa e trabalhava na escola há cerca de 5 anos. Foi em conversa sobre um programa estadual de distribuição mensal de pacotes de leite que esta se referiu à *Cohab* como *elite dos pobres*. Segundo a funcionária, esse programa, gerido pelos municípios, fornece leite para famílias *carentes*. O estado forneceria os pacotes de leite e o freezer para armazená-lo, e a distribuição ficaria a cargo de algumas escolas municipais. A escola Rui Valdir ficou responsável por atender três bairros: *Cohab*, Florestal e Humaitá.

Pela forma como a secretária referiu-se aos beneficiados deste programa, a maioria que busca os pacotes de leite são mulheres. Ao descrever seu trabalho nesse programa, ela me disse que são dezesseis mães que vão até a escola, cujos nomes são conferidos numa listagem para que a entrega possa ser feita. Das dezesseis famílias atendidas, apenas duas são oriundas da *Cohab*.

Segundo a mesma funcionária, o programa de distribuição de leite é voltado para famílias *muito carentes, muito pobres*. Citou-me como argumento o critério que a renda familiar deveria ser de R\$ 360,00 para uma família de quatro pessoas e complementou dizendo: *quer dizer, a renda deve ser de 90,00 por pessoa!* Disse que na *Cohab*, portanto, quase não há moradores nesse perfil e que essas famílias estão em outros bairros. Disse-me que ali era um *bairro de gente pobre, mas aqui é como se fosse a elite dos pobres, a maioria têm emprego, e ganha seu dinheiro certinho todo mês*, e finalmente, sugeriu-me ir até os bairros vizinhos para ver as casas, que não havia comparação com as da *Cohab*.

Já a Secretária de Bem Estar Social referiu-se a *Cohab* como uma região que não é considerada *área de risco* pela prefeitura. Falei da pesquisa e de meu interesse em informações sobre os moradores do bairro. Conversávamos sobre programas federais como o Bolsa Família e o PETI, programa de erradicação do trabalho infantil, os quais são implementados por esta Secretaria. Aproximadamente vinte famílias da *Cohab* estavam cadastradas no Bolsa Família. No âmbito do PETI a prefeitura oferece um espaço

no centro de Graciosa para as crianças e adolescentes estarem em atividades, com educação musical, artes plásticas e reforço escolar nos horários fora de sala de aula. Há crianças do bairro que participam das atividades desenvolvidas por este programa. A secretária me disse, no entanto, que a maior parte dos usuários não eram advindos da *Cohab*. No mesmo sentido que a funcionária da escola, a Secretária de Bem Estar Social apontou a *Cohab* como um bairro de famílias pobres, mas como não sendo uma *área de risco* no que se refere às questões de trabalho infantil e abandono escolar.

Embora a categoria pobre, à primeira vista, tenha um caráter de auto-evidência ou objetividade, aqueles que trabalham junto a essa população têm a necessidade de constituir novas subcategorias ou qualificações que buscam diferenciar aqueles sob os quais tal classificação possa ser utilizada. Hierarquizam os possíveis usuários em categorias como, por exemplo: *elite dos pobres*, famílias *muito carentes*, ou ainda, famílias em *área de risco*. Além disso, salienta-se que tais categorias relacionam-se com a forma como a pobreza será gerida pelos agentes dos órgãos estatais. Nesse sentido, são constituídas classificações que hierarquizam a população segundo as condições socioeconômicas e também quanto às condições de cuidado de seus membros. No caso dos moradores da *Cohab*, ainda que sejam percebidos como dispendo de poucos recursos materiais, não lhes são imediatamente associados outros atributos desqualificadores que poderiam justificar seu reconhecimento como beneficiários dos programas sociais.

Diante de tal quadro, uma pergunta pode ser feita: Como as famílias da *Cohab*, enquanto possíveis beneficiários de tais programas se relacionam com estas políticas e suas classificações? Durante minha estadia no campo realizavam-se as primeiras obras para a construção de um novo loteamento no bairro, com 34 novas casas. Não pude acompanhar a obra desde o momento do anúncio do empreendimento, mas partilhei desse assunto em algumas rodas de conversas. Em tais oportunidades, duas questões me chamaram atenção: os possíveis novos moradores e os comentários sobre os valores das prestações e da renda exigida para o financiamento. Nessa segunda questão, emergiram discussões acerca de para quem se destinaria esta política habitacional.

A casa enquanto espaço social central e inerente à instituição da família é descrita em diversas etnografias em bairros de trabalhadores urbanos. (Sarti, 1996; Guedes e Lima,

2006) Na *Cohab* faz-se este mesmo registro. Ter uma casa para se viver aparece como condição para a constituição de uma família e para o exercício dos papéis familiares.

Os aprovados para o novo loteamento vêm a possibilidade de viver as oportunidades que o sonho da casa própria pode lhes oferecer. Adquirir a casa fornece maior segurança nos momentos de crise financeira, em especial para esses trabalhadores, que convivem com dificuldades de inserção e estabilidade no mercado de trabalho. Apesar de não ser garantia de estabilidade econômica, ser proprietário gera uma maior segurança se comparados àqueles que ainda pagam aluguel. A distinção simbólica transparece mais claramente nas diferenciações entre as condições de moradia, que refletem, por um lado, a heterogeneidade social entre os trabalhadores. Poucas casas na *Cohab* foram quitadas, pois o financiamento previa cerca de 25 anos de pagamento. Mesmo assim, o valor das prestações, se comparado aos valores de aluguéis no bairro, são mais baixos. Nos últimos anos de pagamento pude saber que as prestações chegam a ser de R\$17,00 a R\$ 34,00.

Chamou-me a atenção o processo de ocupação desse novo loteamento. Quem seriam os “novos” moradores? Thito, irmão de Thatiana, financiou em seu nome uma das novas casas para a mãe Silmara. Ela será a proprietária da casa e Thito o do terreno. Juntos, dividirão o valor das prestações. Silmara construiu sua casa há mais de dez anos, quando ainda morava nos fundos do terreno de sua irmã no bairro vizinho. Depois de uma briga com ela, desocupou e destruiu a casa, e desde então já morou em diferentes residências alugadas na *Cohab*. Dona Marta, vizinha de Thatiana, que também vive de aluguel, é mais uma dos que conseguiram ser aprovados para o loteamento. Da mesma forma que Edivaldo avisou seu irmão que vive em outro bairro sobre o novo loteamento, outros moradores fizeram o mesmo.

É possível observarmos como, no momento de surgimento de um novo loteamento, os já habitantes do bairro são atuantes no processo de ocupação, seja pela aquisição dos próprios ou ao avisar dessa oportunidade aos parentes e amigos. Nesse sentido, dentre as trinta e quatro famílias aprovadas, certamente algumas são de parentes de moradores do bairro ou são famílias já residentes na *Cohab*. Registra-se a tentativa dos que já moram no bairro em manter redes de relações de vizinhança e de parentesco estabelecidas no local, o que aponta para a importância destas relações no cotidiano

destas pessoas. Busco mostrar ao longo desta dissertação a centralidade destas redes para estes trabalhadores.

Além de comentários sobre quem do bairro tentaria ou não o financiamento de uma nova casa, era freqüente seus moradores se mostrarem indignados com o valor das prestações e, conseqüentemente, da renda exigida para obter o financiamento. Na primeira reunião com os interessados pelas casas, anunciou-se que as prestações seriam de R\$ 340,00, incluindo terreno e construção de casas de cerca de 52m<sup>2</sup>. A pergunta freqüente, em tom de indignação, era se essas políticas habitacionais não eram para *ajudar quem não tem condições*. Há o reconhecimento destes enquanto excluídos dessas *condições*, que neste caso, refere-se à renda para adquirir sua casa. Afirmar-se como pessoa que *não tem condições* era algo dito nas conversas e que bastava para falar de si e de seus pares. A partir dessa demanda em comum - a busca da casa própria - há o movimento de identificação entre os moradores.

O que importa é o valor das prestações e não o valor total da casa, informação que, não por acaso, nunca pude ouvir em conversa. O valor das prestações anunciado fora considerado muito alto para pessoas *pobres*, diziam. Segundo Thito, a Cohab não conseguiria famílias que tivessem a renda exigida para morar naquele local, e certamente o valor diminuiria. O que se apreende neste caso é um outro sentido no uso da categoria pobre. Agora eles não têm como interlocutores os *ricos*, mas sim, agentes do governo e uma política para construção de habitações populares. Ao apresentarem-se enquanto pobres estão compartilhando de categorizações feitas por esses agentes. Categorizações estas que estipulam quem será assistido ou não por determinados programas e políticas públicas.

Neste sentido, há um caráter reivindicatório no uso da categoria pobre. Se entre seus pares é mais freqüente o uso da expressão *sem condições*, recorrem a ela para falar de si na tentativa de serem beneficiados por esta política. Se essa mesma categoria pode lhes estigmatizar, por outro lado, esse mesmo estigma pode garantir o acesso a programas públicos. Finalmente soube por Thito que ele estava prestes a assinar o contrato, pois a prestação havia diminuído para R\$ 220,00. Ainda assim, muitos continuavam a comentar que este valor era alto para se morar em uma Cohab.



Ponto de ônibus na avenida principal do município e entrada para a *Cohab*. O novo loteamento se dará nestas duas quadras. Em um dos terrenos encontravam-se apenas algumas árvores e a outra quadra como se pode ver era um campo de futebol.



Início das obras para novo loteamento. Este foi o único dia em que presenciei o uso do campo de futebol, talvez justamente estes rapazes usufríssem, pois sabiam que há poucos dias as traves seriam retiradas.



Retiradas de árvores para o novo loteamento.

### **1.3 Nos aproximando da *Cohab*: Casas, comércio e trabalho.**

Há menos de vinte anos as primeiras famílias se instalavam no bairro concretizando o tão esperado ideal da casa própria. Na *Cohab*, elas viram seus filhos crescerem. Hoje, alguns ainda solteiros continuam a viver com seus pais, enquanto outros filhos já seguiram o caminho esperado da constituição de uma nova família. Estes, se não moram na *Cohab*, vivem em sua maioria em bairros próximos.

Aqueles que observarem as placas que informam os nomes das ruas no bairro poderão ler abaixo destas *Conjunto Itapoã*. Este é o nome do bairro. No entanto, *Cohab* é como ele é conhecido não apenas por seus moradores, mas em outros bairros do município. O processo de loteamento dos terrenos iniciou-se em 1988 e teve dois momentos. O bairro se divide em Conjuntos Itapoã I, II e III. Os dois primeiros se deram concomitantemente e previam lotes e casas de dimensões distintas. Já o terceiro, além de ter se dado um ano após os primeiros loteamentos, não incluía a construção de moradias, apenas o financiamento dos lotes. Para o Conjunto Itapoã I, o financiamento pela Caixa Econômica Federal abrangia o terreno e o dinheiro para construção de uma casa de 23m<sup>2</sup>. O Conjunto Itapoã II previa terrenos e casas de 23m<sup>2</sup> e 32m<sup>2</sup>.

Esta divisão entre os loteamentos não é utilizada como referência pelos moradores da *Cohab*, e quando perguntados sobre ela, sempre era motivo de dúvidas e informações divergentes sobre as quadras referentes a cada loteamento. Muitos dos primeiros proprietários revenderam suas casas. Atualmente, apesar da proibição de se alugar os imóveis, algumas casas são alugadas, e os valores variam entre R\$ 120,00 e R\$ 200,00, para casas com um ou dois quartos, respectivamente.

Barracos de madeira e de lona e ruas com muito barro compõem algumas das lembranças daqueles que viveram os primeiros anos da *Cohab*. Caminhando pelas ruas é possível avistar algumas casas ainda na estrutura das primeiras construções. Segundo Albadi, reconhecido como *um dos mais antigos* do bairro, o dinheiro do financiamento possibilitava construir casas em estrutura do que eles chamam de meia-água. A meia-água tem a aparência de uma metade de casa, (por causa do telhado...) com uma pequena sala e cozinha, muitas vezes conjugados, um quarto e banheiro. Nestes dezoito anos as casas se modificaram muito e continuam a se modificar. A madeira cedeu lugar aos tijolos, e a casa de alvenaria predomina no bairro.

As casas próprias estão frequentemente sendo reformadas, com novos cômodos em construção, uma cozinha transformada em quarto (como aquele em que eu dormia), uma nova garagem, ou um forro para o teto. Essas reformas e ampliações muitas vezes expressam a valorização da rede extensa de parentes. Além da presença de parentes e afins coabitando a mesma casa, constrói-se nova moradia nos fundos do terreno para o filho recém casado. Algumas residências são ampliadas e depois divididas entre os filhos, são as denominadas *casas geminadas*. A própria casa em que morei era uma *casa geminada*. A casa era do pai de Alexandre e Eliane, e após inúmeras ampliações, eles finalmente construíram um novo cômodo de cozinha e banheiro e a separaram em duas casas, uma para cada filho.<sup>10</sup>

Muitas das residências apresentam a aparência de inacabadas ou com ar provisório, por terminar. Algumas paredes permanecem cimentadas, sem receber a

---

<sup>10</sup> Eliane, ao se casar, alugou uma casa maior na *Cohab*, da tia do marido. Desde então a casa ao lado estava alugada. Dividíamos uma parede com a casa vizinha. Eu costumava ouvir barulhos muito próximos de alguém lavando roupas pela janela do banheiro, e descobri posteriormente que ao lado do banheiro funcionava a área de serviço da vizinha. Frequentemente também podíamos ouvir as conversas da vizinha quando estávamos na cozinha.

pintura. Outras não passaram do estágio dos tijolos. Morros de areia e de pedras, telhas e tijolos empilhados nas calçadas em frente às casas e em seus pátios sinalizam o estado de eterna reforma. Esses objetos, além de ser um estoque para uso futuro, circulam na vizinhança, seja doado ou emprestado a algum vizinho ou parente quando necessário.



Alterações na casa – o lado esquerdo é a construção inicial (meia-água)



Diferenças entre as condições das residências.



Alterações na casa – a eterna reforma. A casa ao lado já está acabada com pintura e telha nova.

As condições das moradias são acionadas como critério de diferenciação entre vizinhos. Melhorias na residência é um assunto recorrente em rodas de conversas, tanto entre as mulheres como entre os homens. Em um grupo em que a posse de uma casa é valorizada, ser ou não ser proprietário é algo que serve como diferenciador entre as pessoas, funcionando como símbolo de status. A vida após a chegada na *Cohab* é sempre vista como uma vida melhor. As casas passam por inúmeras reformas. Entretanto, tais melhorias não se dão da mesma forma por toda a vizinhança. Um dos aspectos que resultou diferenças entre as habitações refere-se àqueles que não financiaram a casa, apenas o terreno. As famílias que só puderam financiar terrenos, dotadas de menos recursos, construíram suas casas aos poucos, muitas vezes impossibilitadas de realizar maiores e melhores incrementos. Há também uma última rua no bairro, de ocupação irregular, onde as casas não fazem parte dos loteamentos da *Cohab* e todas são de madeira.

No outro extremo estão as casas *de material*, as de alvenaria. Algumas originalmente eram de madeira e após a construção de novos cômodos de material as antigas paredes foram finalmente destruídas. Era com muito orgulho que a vizinha da esquina me mostrava a reforma que operara em sua casa. As obras começaram em 2004, e desde então várias mudanças ocorreram, como a substituição das paredes de madeira por uma estrutura de alvenaria, inclusive na própria fachada dianteira. Algumas outras casas, levantadas em alvenaria desde o início, também passaram por reformas e ampliações, exibindo muros ou grades altas, de modo que seu interior não possa ser visualizado. Não só o material da casa e o seu tamanho são símbolos de melhoria, mas também, certos adornos. Famílias com maior poder aquisitivo constroem portões com toldos na entrada, e mesmo pátios recobertos por pisos de pedra ou cerâmica.

Muitas destas casas melhoradas contratam o serviço de segurança feito por motoqueiros durante a noite. Estes seguranças trafegam pelas ruas e buzina a cada vez que passam em frente às casas de quem os contratou. A possibilidade de roubos é evidenciada no bairro não apenas pela existência deste serviço, mas também pelas placas

dispostas que anunciam a proteção da residência por estas empresas, e pela presença de muitos cães de guarda.<sup>11</sup>

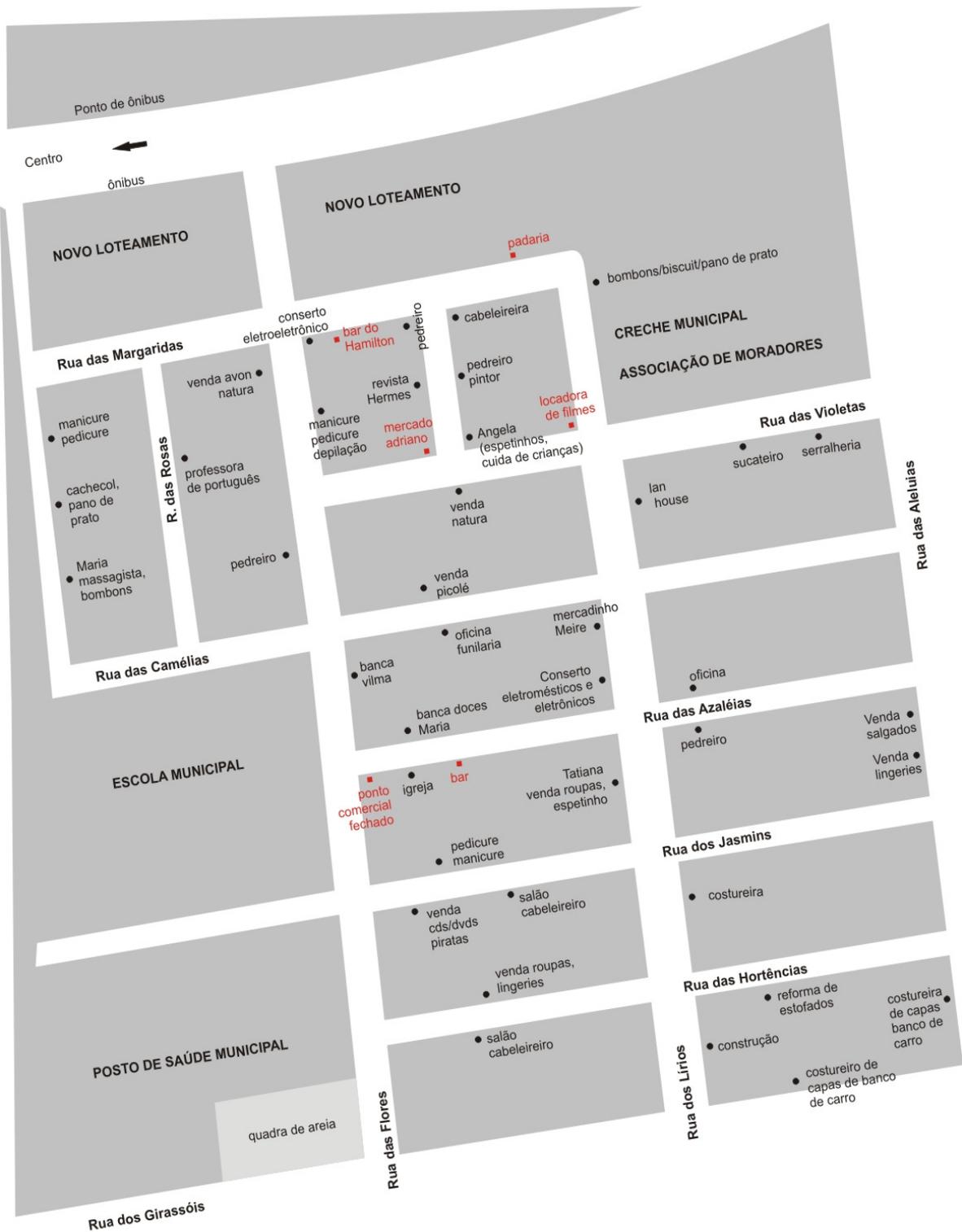
Entre esses extremos, há aquelas que mantêm a estrutura original da primeira construção da casa em meia-água, porém já de alvenaria, e aqueles que estão em ascensão, com partes da casa em madeira e outros em alvenaria.

Outro fator que gera mudanças nas residências refere-se ao uso desta não apenas para moradia, mas como espaço de trabalho, constituindo-se em unidades residenciais de produção e serviços. O espaço da cozinha de uma senhora também é lugar para realizar suas vendas de doces e salgadinhos, os móveis e eletrodomésticos de cozinha compartilham o cômodo com um balcão para armazenar os produtos a venda. Na casa onde eu morava, o pequeno cômodo no qual ficavam o computador e alguns brinquedos da criança, já havia sido o local em que Thatiana produzia produtos de limpeza para vender. Um casal deixou de alugar um ponto comercial no bairro e após a reforma na residência continuaram com o *mercadinho*. Parte do que era a sala e a garagem transformaram-se no espaço para o comércio, da mesma forma que o único estabelecimento para acesso a Internet e vídeo games está instalado na residência do proprietário.

A casa como espaço de trabalho torna-se vivível na medida em que caminhamos pelas ruas do bairro e encontramos placas em grades e muros que anunciam a oferta de serviços no local, tais como: manicure e pedicure; conserto de eletrodomésticos; venda de bombons, picolé; costureira; reforma de estofados; pintor; além de inúmeros anúncios de revenda de produtos cosméticos. No entanto, as relações de interconhecimento no bairro possibilitam que outros não sintam a necessidade de anunciar os serviços. A cada dia pude saber, sem recorrer às placas de anúncio, de costureiras, de mulheres que fazem produtos artesanais para venda, como pano de prato, camisetas e potes decorativos, de encanadores, vendedores de salgados, vendedores de cds e dvds, entre outros. Apresento abaixo um mapa sinalizando estas unidades no bairro.

---

<sup>11</sup> Na casa de Alexandre e Thatiana havia dois cachorros, Belinha, uma cachorra pequenina, e Peludo, o rotvailler. Peludo era mais um dos inúmeros cachorros desta raça no bairro, raça conhecida como de cães de guarda por serem bravos e de grande porte. Tive que conquistar a confiança deste cão, que era solto à noite e durante o dia quando todos saíam. Para adentrar a casa quando esse cão estava solto precisei estabelecer, de certa forma, uma boa relação com ele, de modo a contorná-lo e mandá-lo entrar em sua *casinha*.



- Estabelecimentos comerciais.
- Unidades residenciais de produção e serviços.

Ao perguntar a algumas pessoas sobre estes profissionais no bairro, muitos não eram citados. Só pude tomar conhecimento de sua existência com o decorrer do dia-a-dia, em situações inesperadas.



O móvel e os eletrodomésticos da cozinha de Dona Maria dividem o espaço com o balcão para venda de doces e salgados.



A residência e *lan house* do Pói.



Lugar para se reformar estofados.



Beth era uma das que trabalhava no bairro e não anunciava os serviços em placas. Além destes potes de vidro decorados com biscuit, técnica que utiliza uma massa para modelagem específica, faz bombons, pinta camisetas e panos de prato para vender.

Essas unidades residenciais de produção e serviços podem ser descritas como compondo uma economia local que articula setores da economia informal e formal. Além desses serviços ofertados por moradores, transitam, principalmente nos finais de semana, vendedores, alguns motorizados e outros não, advindos da região e até de municípios

vizinhos a fim de venderem diversos produtos, desde legumes, verduras e frutas a algodão doce. Uma figura muito conhecida era um homem chamado pelo apelido de *Casas Pernambucanas*, que há muitos anos vende produtos como toalhas, jogos de cama, cortinas, entre outros.

Há no bairro alguns poucos estabelecimentos comerciais, mas que, em comparação com o início da vida na Cohab, representam um maior acesso e conforto em termos de bens de consumo. Há menos de dez anos o bar do Hamilton era o único lugar em que era possível encontrar alguns produtos como pães, leite, produtos de higiene pessoal entre outros, apenas para *quebrar o galho* dos moradores em situações emergenciais. Ao longo dos anos instalaram-se uma padaria e dois mercados, sendo que um destes é menor e funciona junto à residência dos proprietários. O comércio do Hamilton permanece no local, mas se restringe ao atendimento de bar e mais recentemente oferece sorvetes ao lado, em uma entrada distinta. Além desse bar havia outro aberto há poucos meses e que não era freqüentado. Ele tinha como vizinhos a única igreja na Cohab, a igreja pentecostal Deus é amor. A primeira vídeo locadora havia sido inaugurada um mês antes de minha chegada no campo e ainda há a lan house, como já dito anteriormente. Duas oficinas de funilaria e uma serralheria também funcionavam nos quintais das residências.

Estas unidades residenciais produtivas e os comércios na Cohab tornam-se a oportunidade de trabalho para moradores, muitas vezes sendo a forma encontrada por aqueles que têm dificuldades de se inserir no mercado de trabalho formal, como os mais velhos, alguns jovens e muitas mulheres, que conciliam os cuidados com a casa e filhos com uma atividade remunerada.

A instalação de cinco fábricas automotivas ao redor do bairro a partir de 1998 – fábricas fornecedoras de autopeças para as montadoras Renault/Nissan e Audi/Volkswagen localizadas em outro município da região metropolitana – acarretou mudanças para o cotidiano e a dinâmica social na *Cohab*. Até então restava aos jovens buscar empregos em Curitiba, em fábricas de municípios vizinhos ou em pedreiras próximas ao loteamento. A possibilidade de emprego com carteira de trabalho assinada, tão valorizada entre os moradores, tem como referência central a vinda das fábricas. A inserção de muitos moradores da Cohab no mercado de trabalho assalariado formal e o

aumento na escolaridade destes trabalhadores apresentam-se como diferenças entre essa geração e a de seus pais.

É raro encontrar na Cohab alguma família em que alguém não trabalhe ou que nunca tenha trabalhado em alguma fábrica da região. Para usar a expressão utilizada pelos moradores, no início as fábricas contratavam *de balde*, ou seja, contratavam muitos moradores da Cohab e região. De acordo com os horários de troca de turno é possível acompanhar o movimento diferenciado no bairro. Enquanto alguns saem para trabalhar, outros estão retornando à Cohab. De certa forma, a organização da jornada de trabalho nessas fábricas em turnos colabora para que durante o dia sempre haja trabalhadores no bairro. Aqueles que trabalham no terceiro turno (23h/6h) estão no bairro durante o dia. Na parte da manhã também estão em casa os que entram no segundo turno (15h/23h) e os funcionários do primeiro turno estão no bairro a partir das duas e meia da tarde. Esses trabalhadores com uniformes das *firmas* caminham pelas ruas, e seus familiares também utilizam camisetas e moletons com nomes das fábricas. No entanto, alguns desses trabalhadores não permanecem em casa fora do horário de trabalho, estão em outro emprego.



Márcia no mercadinho da Marli antes de ir para a fábrica.

A mistura de inserções formais e informais desses operários chamou minha atenção, uma vez que no meu primeiro contato com esses funcionários na época de meu trabalho de graduação eu não havia atentado para isso. Pude conhecer dois funcionários nesta situação. Um deles após o expediente na fábrica trabalhava na oficina mecânica de seu cunhado e o outro, por dois anos havia trabalhado no açougue, ambos os trabalhos no centro do município de Graciosa. As mulheres costumam também vender produtos cosméticos e de vestuário concomitante o trabalho nas fábricas.

#### **1.4 *Aqui todos se conhecem ou são parentes ou amigos***

Na medida em que compartilhamos do cotidiano da *Cohab*, a imagem de cidade e bairro dormitório se desfaz. Para caracterizar as interações sociais no bairro dois traços tornam-se centrais: o interconhecimento e as relações de interdependência entre os moradores. Essas relações têm lugar nas interações entre vizinhos e nas redes extensas de famílias, configurando o convívio social intenso no local.

Ao chegar num bairro pequeno como a *Cohab*, com catorze quadras residenciais e cerca de 250 casas, é preciso tomar cuidado ao se falar de algum morador, como alertou a dona da banca em uma de nossas conversas: *aqui todos se conhecem, ou são parentes ou amigos*. Essa comerciante não é moradora do bairro e na época estava há apenas dois meses com uma banca de doces em frente à escola. Estava há pouco tempo, mas o suficiente para conhecer parentes de fregueses do seu antigo trabalho, um mercado no bairro vizinho, e para constatar as redes de parentesco na *Cohab*. Sua banca possui movimento não só de alunos, mas de adultos, principalmente mulheres que passam o tempo na banca conversando. Segundo essa comerciante, um parente soube do loteamento e avisou aos outros. Mesmo depois, parentes continuaram a se mudar a convite dos que ali moravam.

Conheci cinco famílias que se mudaram para a *Cohab* desde o primeiro loteamento. Destas, todos têm familiares morando no bairro. A chegada de Albadi e seus irmãos, aqui apresentada de maneira sucinta, segue exemplarmente o que a comerciante conjecturou. Um de seus irmãos soube em seu trabalho do loteamento e o avisou. Albadi na época já era casado com Raquel e tinham dois filhos. Ele trabalhava numa fábrica de

telhados em que viera a se aposentar como técnico de qualidade depois de passar por outras fábricas. A esposa era secretária em um hospital. Alugavam uma casa no município vizinho, próximo aos trabalhos de ambos. Ele e dois irmãos viram a oportunidade de sair do aluguel e adquirir a casa própria. Os três financiaram suas casas, todas situadas na mesma rua. Quando se casou, o irmão mais novo mudou-se da Cohab e foi viver em um bairro de Curitiba.

Depois de alguns anos a irmã caçula, que ainda morava com os pais, ao se casar também optou por morar na *Cohab* e conseguiu comprar uma casa de outro proprietário. Finalmente, de acordo com Albadi, há cinco anos seus pais, que viviam na fazenda em que seu pai trabalhara quase toda a vida, foram viver perto dos filhos na Cohab. Nesse bairro, Albadi e Raquel tiveram a filha caçula, hoje com 18 anos, mãe de um bebê recém-nascido e que continua a morar com o casal. Atualmente Raquel é secretária na escola municipal do bairro e Albadi, aposentado, faz alguns *bicos* na Cohab como pintor e em obras de construção civil. Apenas o filho mais velho saiu de casa. Ele mora há uma quadra de distância da casa dos pais com a esposa e os dois filhos pequenos.

Durante o trabalho de campo, a cada dia eu conhecia casas ligadas por laços de consangüinidade ou aliança. Não apenas pai, mãe e filho, pai, mãe e filha, mas entre irmãos, entre mãe e filho, mãe e filha, pai e filho e pai e filha. Entre os casais mais novos (até 30 anos) muitas vezes há consangüíneos dos dois lados, uma vez que cresceram no bairro com a vinda dos pais para a Cohab. Possibilidade expressa por Rosana ao falar que a Cohab e bairros vizinhos eram lugares para se *arrumar casamento*. O que já nos aponta para a relação constante entre os moradores da Cohab e o dos bairros próximos. A Cohab é uma das localidades mais recentes no município e muitos vieram destes bairros.

Podemos destacar a trajetória de Albadi e dos irmãos no bairro como exemplo de uma das formas que colaboraram para a formação de famílias extensas na Cohab. Esse padrão se reproduz com o casamento e permanência no bairro dos filhos desta geração, o que se reflete muitas vezes nas reformas na casa e construção de nova moradia nos fundos do terreno dos pais. Pode-se também acompanhar o atual movimento de ocupação dos novos terrenos, como destaquei anteriormente, em que grande parte dos novos proprietários são parentes de famílias residentes na Cohab ou mesmo algumas destas que

moravam de aluguel. Esse último caso evidencia também a tentativa dos já moradores em manter as relações estabelecidas entre a vizinhança.

A importância da rede extensa familiar é visualizada, portanto, por meio da forma de ocupação do espaço de moradia. Vêm-se parentes coabitando a mesma casa, a casa ao lado no mesmo terreno ou no terreno ao lado, e também, como é mais freqüente, o caso de parentes consanguíneos e afins em terreno próximo no mesmo bairro. A valorização de se formar esta rede social (Bott,1976) está nas relações de troca centrais para o cotidiano destas famílias e na constituição desta rede como referência aos moradores. Os membros destas famílias encontram-se diariamente, seja para um bate papo após o trabalho, para buscar o filho que após a creche fica aos cuidados da mãe ou cunhada ou para realizar refeições na casa do parente.

Na casa de Maria, sua mãe, seu filho e o seu neto fazem as refeições diárias. Enquanto sua filha trabalha no centro de Curitiba ela cuida de seu neto, e além de ser a responsável por suas refeições, o leva e busca na escola. Cada um destes reside em moradia distinta, mas em terreno contíguo. Maria mora com sua neta, filha de criação, que desde pequena ficou sob seus cuidados e fora registrada em seu nome para ter acesso ao convênio médico, pois quando bebê era muito doente. Ela reside na *Cohab* desde que se deram os primeiros loteamentos. Quando se mudou já havia se separado do primeiro marido e pai dos dois filhos. Criou os filhos e pagava as parcelas do financiamento com o salário do trabalho como cozinheira de uma grande empresa e complementava a renda costurando para fora. Atualmente aposentada, ela continua com a atividade da costura. Ao longo dos anos conseguiu com muita *luta* comprar as casas de seus vizinhos para os filhos. O filho, torneiro mecânico, vive sozinho e a filha mora com seu neto de seis anos. Depois de dez anos na *Cohab*, dona Maria ergueu nos fundos do seu terreno uma *casinha* de madeira e trouxe a mãe e a irmã caçula que continuavam no interior. Esta irmã hoje é casada com Thito, irmão de Thatiana. Não há cercas ou muros separando estas residências.

No entanto, mesmo não morando em terrenos contíguos, a convivência diária entre os familiares é intensa. Para restringir-me a apenas um caso, descrevo as relações tecidas entre parentes da família com quem morei. Ambos, Thatiana e Alexandre, possuem parentes na *Cohab*. Eliane, irmã de Alexandre, é casada e tem dois filhos, mora há duas

quadras do tio e da tia, irmãos da mãe de Alexandre, que moram a uma quadra da residência onde eu morava. Silmara, mãe de Thatiana, mora sozinha em residência próxima à ela e ao outro filho, também casado e com filho pequeno. Ela morava na Cohab até a minha saída de campo, quando se mudou para um bairro que fica a dez minutos da Cohab.

Essas pessoas participam intensamente das vidas uns dos outros. Silmara é presente no cotidiano dos filhos, visitando suas casas pelo menos duas vezes no dia. Da mesma forma que Thatiana e a filha Gabriela frequentam diariamente a sua casa. Já cedo a mãe costumava ligar para Thatiana para combinar qualquer atividade conjunta durante o dia que recém começava, motivo de algumas discussões com Alexandre, pois ele não entendia porque a sogra precisava falar todas as manhãs com a esposa. Era comum jantarmos ou fazermos o lanche da noite na casa de Silmara. Thito passava quase todas as manhãs para tomar um café na casa da irmã. Quando o telefone estava cortado por falta de pagamento, Thatiana usufruía da linha telefônica do irmão. Não apenas os netos dormiam na casa da avó, mas também Thatiana, para fazer companhia à mãe. Mãe e filha faziam diversas atividades juntas, desde ir ao banco no centro do município, a compras conjuntas de produtos para revenderem no bairro. Silmara acompanha os netos em médicos e leva a nora para fazer a compra do mercado mensal. As crianças circulam na rede de parentesco para a *ajuda* no cuidado destas. O tio reforma o brinquedo da sobrinha, Alexandre conserta a antena e o carro da sogra. Para construção da garagem, Silmara usou as telhas que a filha guardava em seu quintal.

Crianças, afeto, comida, cortador de grama, panelas, dinheiro, folhas de cheque e serviços, entre outros, circulam entre as casas de mãe e filhos e entre irmãos. Eu já sabia que quando Alexandre não estava em casa na parte da manhã provavelmente o encontraria na casa da irmã. Quando Thatiana está sem dinheiro para o ônibus pega o cartão de vale transporte emprestado da cunhada. Eles costumam visitar a mãe de Alexandre aos domingos, que mora em uma chácara próxima a Curitiba. Sempre que voltavam traziam comida, fosse o que sobrou do almoço ou, como ocorria uma vez por mês, traziam uma cesta básica que o atual marido da mãe recebia no trabalho. Thatiana dividia com a cunhada e a tia de Alexandre o cheiro verde e as frutas que trazia da chácara da sogra e roupas usadas. Um saco de batatas de 20kg é comprado a preço mais baixo que o do mercado e dividido entre as famílias de Alexandre, de sua irmã e a do tio.

O que se pode ver é a configuração da ajuda mútua entre os lares ligados por laços de consangüinidade e afinidade, que se por um lado é fundamental para manutenção econômica e moral dos membros da rede, por outro é também geradora de diversos conflitos na expectativa que todos compartilhem desta postura. Outro fato a ser destacado é que muitos destes bens são advindos do trabalho de um dos membros da família, tais como: convênio médico, cartão de vale transporte, cesta básica e alguns serviços obtidos com colegas do trabalho. Circulam entre essas redes de família e de vizinhança significados, éticas específicas, técnicas e habilidades, realidade que será desenvolvida nos capítulos seguintes e, como se buscará demonstrar, são fundamentais na construção de possíveis trabalhadores.

Essas trocas se dão da mesma forma entre vizinhos não aparentados, seja por meio da acolhida de crianças, do uso do varal quando necessário, do empréstimo de utensílios domésticos, de ferramentas e de dinheiro. Esses moradores se encontram nas ruas, estão na residência do vizinho durante as vendas e prestação de serviços. Uma mulher que vende perfumes paga o serviço realizado pelo vizinho, um frete, com dois perfumes. As transações entre os moradores, principalmente entre mulheres, que vendem e trocam roupas, produtos artesanais e produtos cosméticos em geral, colaboram para os encontros diários e o estabelecimento de vínculos. Como diz Thatiana, eles *batem rolo* logo que queiram se desfazer de qualquer produto e imediatamente buscam a quem no bairro repassar.<sup>12</sup>

Quando uma família viaja, ela pode contar com o vizinho para cuidar da residência e este pode até mesmo deixar o carro na garagem para sinalizar que há pessoas dormindo na moradia e evitar tentativas de furto. Aquele que vai ao centro do município ou a Curitiba acaba por pagar contas ou trazer algum produto para o vizinho.

Apesar da centralidade da articulação entre casa e núcleo familiar, devemos considerar a família em sua rede mais extensa de familiares no bairro. Essa rede de parentesco e afinidade, referenciada pelo valor da reciprocidade (Sarti, 1996) possibilita aos seus membros criar uma referência e suporte para o orçamento e organização doméstica, colaborando no enfrentamento de dificuldades sócio-econômicas e na relação com os vizinhos, além de aumentar as possibilidades de obtenção de emprego.

---

<sup>12</sup> A categoria *bater rolo* será melhor desenvolvida no terceiro capítulo.

Muitos, quando falam do modo como obtiveram empregos e *bicos*, referem-se tanto ao aviso da oportunidade de emprego como à *indicação* de parentes e vizinhos. Mesmo nas fábricas automotivas, que fazem um amplo processo seletivo que inclui análise de currículo, entrevista e, em algumas empresas, as dinâmicas de grupo (o que proporcionaria um caráter impessoal à contratação de novos funcionários), muitos dos trabalhadores com que conversei e que passaram pelos processos seletivos acreditam que conseguiram o emprego em virtude da *indicação*. Por outro lado, pude acompanhar o descontentamento de Alexandre ao saber que o vizinho recém-empregado agradeceu ao cunhado e não a ele pela conquista do emprego, uma vez que era Alexandre quem havia conversado com o chefe sobre o rapaz. Mais do que refletir sobre a efetividade da prática de *indicação* nestas empresas, é preciso destacar a razão atribuída por eles à conquista do emprego. Destaca-se o constante fortalecimento das relações de ajuda entre essas pessoas. Para elas a *indicação* é vivida como suficiente quando conseguem obter um trabalho.

## CAPÍTULO 2. Família e Trabalho

Busco, neste capítulo, analisar investimentos na construção social de trabalhadores que não se dão em escolas ou em cursos técnicos, mas no interior das vivências na família e no bairro, por meio da transmissão e reprodução de determinados princípios e valores. Pretendo descrever um modo específico de “socialização” (Berger & Luckmann, 1995) de crianças e jovens, atentando para o que Simoni Guedes (1997) denominou como uma “pedagogia nativa”.

Atentar para os modos na construção social de trabalhadores, homens e mulheres, que valorizam positivamente o *fazer de tudo um pouco*, faz com que nos deparemos com as relações familiares. Interessada em entender como alguém se tornava trabalhador, passei a acompanhar o cotidiano de algumas pessoas nos espaços de residência e de vizinhança. Se, a princípio, meu objetivo era perceber como eles falavam sobre o espaço da fábrica, do seu trabalho entre seus pares, passei a perceber o quanto a construção desse trabalhador estava sendo constituída também no âmbito dessas relações familiares e nas interações com vizinhos. Nas conversas com os moradores, falava-se sobre experiências de trabalho articuladas com muitas outras, como fases da vida, relações afetivo-sexuais, conflitos familiares, entre outros. Considero que é parte da reflexão antropológica entender esse tipo de articulação. Além do que era verbalizado, também a observação do cotidiano revelou como uma série de ações eram realizadas, tendo como meta ou efeito a internalização de posturas que podiam contribuir nesse processo de construção do trabalhador.

O casamento, a chegada dos filhos, a separação de pais, entre outros acontecimentos, orientam suas práticas e experiências cotidianas. Tanto em conversas informais como nas entrevistas, estes moradores atribuem significados a diversos aspectos de suas vidas – desde mudanças na construção de suas casas à atribuição de diferentes sentidos ao trabalho ao longo de suas trajetórias – a partir de fatos ocorridos no âmbito familiar.

## 2.1 Constituindo uma família: A *responsabilidade*

Em estudos etnográficos realizados sobre grupos de baixa renda em diferentes Estados do Brasil, observa-se a presença desta articulação entre família e trabalho. Alguns autores apontam que não se trata apenas de um vínculo funcional, mas adquirindo importância central na formação de identidades sociais de trabalhadores. A família é caracterizada como valor central nas etnografias de grupos de baixa renda no Brasil. (Duarte, 1986; Zaluar,1994; Fonseca, 1995, 2004; Sarti,1996; Guedes,1997) Esta, por meio de seus inúmeros arranjos atua como mediadora fundamental, não apenas economicamente, mas também moralmente, entre seus membros e a sociedade, como enfatiza Sarti:

“A família não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo de sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social. Em poucas palavras, a família é uma questão ontológica para os pobres. Sua importância não é funcional, seu valor não é meramente instrumental, mas se refere à sua identidade de ser social e constitui o parâmetro simbólico que estrutura sua explicação do mundo.” (1996:33)

Duarte (1986:129-130) ao tratar das representações da categoria “nervoso” nas classes trabalhadoras urbanas no Rio de Janeiro constrói um esquema analítico para abordar o processo de construção de identidades do grupo. Num primeiro nível, mais concreto, refere-se ao estabelecimento de uma “identidade-emblemática” composta pelos núcleos família, trabalho e local. Em outro nível analítico, mais abstrato, o da “identidade-valor” em que os núcleos transformam-se em idéias-valores, “valor-família”, “valor-trabalho”, “valor-local”. Em qualquer um destes níveis de análise o valor família é totalizador, englobando os outros. A família constitui-se o eixo central para construção de identidades nas classes trabalhadoras, e é responsável pela reprodução social de seus membros, lugar em que os sujeitos se constituem pelo processo de socialização.

Casar, ter uma casa e filhos (Sarti,1996) tem seu lugar estabelecido nos projetos de rapazes e moças no bairro. O casamento é um momento de grande transição na vida

destes moradores, pois engendra não apenas a construção de identidades sociais de homens e de mulheres, (Duarte,1986) mas a própria construção de trabalhadores.

Na etnografia que realizei, não ocorre de modo diferente. Os moradores com os quais convivi ressaltam as experiências de trabalho que viviam à época do casamento, relatando não apenas como este trabalho era fundamental para que o casamento fosse possível, mas apontando mudanças na forma como se relacionavam com o trabalho após o casamento como sendo de suma importância. Ao criar esse laço, relatam sobre posturas diferentes em relação ao trabalho como o não *zoar* e ser *responsável*.

Por exemplo, aos dezenove anos Alexandre estava em seu primeiro emprego com carteira de trabalho assinada, era auxiliar de produção numa das fábricas automotivas. Namorava Thatiana, que no início do namoro era sua vizinha, e se casaram no civil quando ela engravidou. Lembro de Thatiana falando sobre a insegurança no momento do casamento, pois mesmo que Alexandre tivesse um emprego com carteira assinada, uma condição favorável para o casamento, estava há pouco tempo na empresa e não sabiam se ele conseguiria se estabilizar. Para enfatizar como eles não tinham as condições ideais para um casamento Thatiana lembra-se, rindo, que Alexandre *era um piá, ganhava muito pouco na firma e só tinha uma bicicleta*.<sup>13</sup> Como auxiliar de produção e *novato*, seu salário era baixo, pouco mais que um salário mínimo. No entanto, optaram por casar-se assim que souberam da gravidez e hoje a filha Gabriela tem cinco anos.

Já o irmão de Thatiana de certa forma conseguiu realizar o projeto ideal na constituição de uma nova família. Thito namorou cerca de dois anos, mantendo-se no que é considerado um *bom emprego* no bairro. Trabalhava na fábrica da região que melhor paga aos funcionários e já havia ascendido na hierarquia da empresa. Planejaram o casamento e, cumprindo regra de sociabilidade muito valorizada entre estes moradores, ofertaram uma festa para amigos e parentes. Thito comprou uma casa, financiada, no bairro vizinho e enquanto a casa não *saía* alugaram uma na Cohab, onde já moravam. Logo no primeiro ano do casamento tiveram um filho, hoje com quatro anos. No entanto, a forma como o projeto do casamento se realiza concretamente é, na maioria das vezes, como ocorreu com Alexandre e Thatiana, adequando-se os anseios às condições específicas em que se encontram. De qualquer forma, a constituição de uma nova família

---

<sup>13</sup> Piá é expressão utilizada no estado do Paraná referindo-se a garotos.

através do casamento é a forma esperada para que um filho, homem ou mulher, saia de casa.

No entanto, deve ser salientado que mesmo nas situações como de Thatiana e Alexandre, relativamente inesperada, estes rapazes e moças já estavam sendo preparados e preparavam-se para este momento. Guedes (1997:168-171) ao analisar o período entre os quinze anos até o casamento de jovens rapazes atenta para o modo específico de educá-los e enfatiza a importância de situarmos estas pessoas no eixo central da família. No interior de sua família, estes jovens preparam-se e estão sendo preparados para uma outra família, questão que será melhor desenvolvida adiante no capítulo. Trata-se aqui apenas de enfatizar que mesmo rapazes e moças que se casam de modo inesperado ou não planejado passaram por diversos processos que consciente ou inconscientemente, os preparavam para os exercícios de seus papéis como homem, trabalhador e pai, e mulher, mãe e dona de casa.

Para o rapaz recém casado, tornar-se homem e trabalhador são processos que se constituem de modo intrinsecamente articulado. Duarte (1986) aponta o trabalho como categoria central para a constituição da identidade masculina adulta que tem como objetivo prover a família e colocar-se enquanto homem de “respeito”.

Ao constituir uma nova família, espera-se do homem que este tenha *responsabilidade*. Ter *responsabilidade com a vida* foi a expressão utilizada por Thatiana ao comentar sobre seus vizinhos.

“Eles não se preocupam com nada, estão ali (nas fábricas) apenas para ganhar um dinheiro pra farrear, pra mexer com som de carro. Eles não se preocupam com o trabalho, eles são tudo solteiro, sem filho, então eles ainda não tem responsabilidade com a vida. Talvez ganhem responsabilidade quando tiverem um filho, e olha lá!”

A categoria *responsabilidade* é recorrentemente descrita em outras etnografias destes segmentos. Atribui e articula significados entre diferentes contextos e dimensões. (Guedes, 1997). Neste caso, a *responsabilidade* referenciada na esfera do trabalho está diretamente relacionada à constituição de uma família e à chegada dos filhos. A partir da expressão utilizada por Thatiana, *ter responsabilidade com a vida*, podemos ter uma

noção da mudança de postura que é exigida do homem ao ter uma esposa e filhos. Thatiana vê, entretanto, as grandes dificuldades deste processo, chamando a atenção para o risco de não ocorrer a construção de homens que tenham *responsabilidade com a vida*. Mesmo que haja investimentos na socialização de rapazes trabalhando desde antes do casamento, nada garante que serão, de fato, *responsáveis* como trabalhadores e chefes de família.

O trabalhador *responsável* não pode ficar *zoando* com o emprego, como disse uma vez Alexandre, enquanto preparava a mamadeira de sua filha e conversava comigo sobre o seu dia de trabalho, que terminara em torno da meia-noite. Alexandre é o *líder* de sua equipe de trabalho composta por quatro funcionários e, enquanto *líder*, é responsável pela produtividade de sua equipe. Naquela noite mostrava-se indignado a respeito de um funcionário que estava brincando muito com outros no horário de trabalho e não trabalhava no ritmo necessário para produzir o esperado de sua função. Ele estava *zoando*. Depois de uma pequena pausa Alexandre continuou: *E eu ainda falei para ele: “Poxa, se liga cara, nem parece que você teve uma filha há uma semana!”* Se, por um lado, Alexandre deve coordenar seu grupo a fim de que cumpram a meta esperada pela fábrica, por outro, ao conversar com este trabalhador o aspecto que Alexandre levou em conta não foi o dever de cumprir sua meta pelo trabalho em si, mas pela *responsabilidade* familiar. Relaciona, assim, claramente, a necessidade da mudança de postura no trabalho com a manutenção econômica de sua família e a ameaça do não cumprimento desta obrigação acaso perca o emprego.

*Disposição* ao trabalho, assiduidade, e em especial, disciplina, constroem o que é considerado um trabalhador *responsável*. Esta disciplina é composta não apenas pelo cumprimento do horário e das tarefas, mas pela forma como se lidar com os chefes e patrões. Alberto é operador de empilhadeiras em uma fábrica de telhas e ao falar sobre sua esposa comenta sobre o modo de se portar no trabalho uma vez que é casado e possui uma família para sustentar.

“A Mirian ta parada há alguns anos.. já trabalhou na Copo (fábrica automotiva), mas ela saiu, ela não tem paciência pra trabalhar, sempre fez esses negocinhos aí..(trabalhar em salão de cabeleireiros) ela é muito explosiva.. ela não agüenta ordem, não agüenta pressão, eu tenho que agüentar porque sou obrigado, tenho que sustentar a casa de um

jeito ou de outro. Eu tenho que engolir sapo de tudo quanto é jeito porque se não...quando eu era solteiro e se o cara (chefe) falava comigo eu virava as costas e pedia as contas, não parava muito não e saía fora e agora não tem como.. tem que engolir sapo e sou subordinado à empresa e o que o cara falar pra mim tem que entrar e sair por aqui.”(apontou com as mãos o ouvido)

Imbuído da obrigação em sustentar economicamente sua família, Alberto enfatiza a necessidade de aprender a conviver com exigências de chefes, com ordens, e mesmo que não concorde com algumas situações, aprender a *engolir sapos*. Já no caso das mulheres, há uma maior maleabilidade em relação à submissão aos chefes e patrões, uma vez que não são responsáveis pela sustentação básica da casa.

Ainda na fala de Alberto podemos acompanhar o modo como este se refere ao trabalho de sua esposa, *negocinhos*. Há neste termo utilizado no diminutivo uma certa desvalorização da atividade de sua esposa e paralelamente ao dizer que ela está *parada* colabora para a afirmação de seu papel enquanto provedor da família. A prática do trabalho feminino remunerado é constante no bairro, entretanto o modo de se relacionar com o trabalho é distinto entre homens e mulheres.

## **2.2 Papéis conjugais: O trabalho feminino remunerado**

A partir dos anos de 1980 estudos que abarcaram as relações de gênero em segmentos de trabalhadores, mesmo que a partir de perspectivas teóricas e empíricas distintas convergiram ao afirmar a complementaridade dos papéis conjugais na organização familiar.<sup>14</sup> Nesta organização cabe ao homem, além da mediação entre o mundo da casa e o mundo da rua, a obrigação de manter economicamente sua família e de garantir a autoridade moral sobre seus membros. A esposa nesta relação pautada pela reciprocidade é responsável pelas atividades domésticas, incluindo o cuidado com a casa, com filhos e marido no que se refere à alimentação, vestuário e saúde. Trago agora o material empírico com as famílias pesquisadas, acentuando o modo específico como se dá esta complementaridade dos papéis conjugais, buscando delinear sobre o lugar social do

---

<sup>14</sup> Duarte, 1986; Zaluar, 1994; Sarti, 1996.

homem e da mulher. Creio que o material da minha pesquisa poderá acrescentar alguns aspectos novos a esta questão.

A distinção entre o trabalho masculino e o feminino remunerado já fora apontada em outras análises. O trabalho feminino e ainda, o trabalho dos filhos é considerado nos discursos como *ajuda*. (Guedes,1997; Sarti,1996) Esta distinção reforçaria a identidade masculina do marido e pai enquanto provedor, uma vez que o seu trabalho seria revestido da responsabilidade em manter economicamente a família. Ressalta-se nestas análises a concepção do trabalho para além de valor instrumental na manutenção da família, enfatizando o valor moral que ele carrega, ao garantir ao homem o status de provedor e *homem de respeito*.

No caso da minha pesquisa, diferentemente, por exemplo, do contexto etnográfico descrito por Claudia Fonseca (2004) em que o trabalho fora de casa da mulher entre um grupo de baixa renda era excepcional e, quando ocorria, era mal visto, na Cohab o trabalho das mulheres casadas não é visto sob um ângulo negativo. Tanto os maridos das que trabalham como as próprias mulheres não são alvo de acusações entre parentes e vizinhança. Mais do que isso, a mulher trabalhadora é parte da vida cotidiana destas famílias e há uma certa expectativa de que as mulheres produzam renda de alguma forma. Torna-se interessante delinear alguns aspectos sobre estas atividades remuneradas e as formas distintas de inserção no mercado de trabalho destas mulheres.

Retomarei o caso de Mirian, esposa de Alberto, o qual qualificou o trabalho de sua esposa como *negocinhos*. Mirian trabalha no salão de cabeleireiros em frente a sua casa, faz maquiagem e é reconhecida como a melhor para se tirar a sobrancelha na Cohab. O portão da residência chamou minha atenção por estar sempre aberto, ao contrário das outras casas no bairro. Trabalhando no salão em frente a residência, Mirian tem liberdade em seu horário de trabalho, concilia cozinhar e limpar a casa nos momentos em que não há clientes de modo mais fácil do que aquelas que *trabalham fora*. Durante todo o dia, Mirian transita entre os espaços da casa e o do salão. Em um dos dias em que os visitei, cheguei no mesmo horário em que Alberto voltava de seu trabalho. Passava das seis da tarde, Mirian fazia o café fresco e preparava a mesa para o lanche, enquanto sua filha voltava do mercadinho com o pão e cigarros para seu pai. Conversávamos todos na cozinha quando ela nos pediu licença para atender uma cliente que já devia estar

aguardando no salão. Sua filha, após tomar o café, também saiu em direção ao salão de cabeleireiros.

Assim como Mirian, Eliane e Thatiana também trabalhavam nas fábricas vizinhas e atualmente não trabalham mais. Thatiana mantém o vínculo empregatício, pois está afastada e em tratamento por doença gerada no trabalho. No entanto, diz que mesmo quando se recuperar não quer retornar ao emprego, prefere continuar com suas vendas de roupas, lingerie e espetinhos que assa na calçada de sua casa. Quando necessário, cogita também trabalhar de *diarista*, ou seja, realizando trabalho doméstico em residências. Eliane atualmente vende produtos cosméticos e, além de Jéssica de doze anos, tem outro filho, Rogerinho, com três anos de idade. Nestes três casos, os maridos possuem emprego com carteira de trabalho assinada em grandes fábricas, recebendo, além do salário, benefícios. Na Cohab estão entre as famílias com melhor renda, entre três a quatro salários mínimos. Estas mulheres não deixam de contribuir financeiramente em casa com suas atividades. No entanto, Thatiana explicita a opção por não *trabalhar fora* e cuidar da casa e da filha pequena.

Eliane tem o apoio de seu marido, que diz ter pedido a ela para não *trabalhar fora* até que o filho tivesse mais idade. No entanto, no caso de Eliane e Thatiana deve-se ressaltar que ambas possuem filhos pequenos, até cinco anos, e neste período há a preferência para que as mães não tenham um trabalho sistemático fora de casa, condição esta que dependerá da renda do marido para se concretizar ou não. Entre estas três mulheres, apenas Eliane pretende voltar a *trabalhar fora*. Ela insere-se no movimento de trabalhadores que buscam qualificação por meio de cursos profissionalizantes. Fez durante um ano o curso de Rotinas Administrativas numa instituição privada em Curitiba aos sábados. Enquanto eu estava em campo ela terminava o curso. Segundo Eliane, após investir em sua formação para cumprir novas exigências do mercado de trabalho, ela buscaria outro emprego melhor do que nas fábricas, em que atuava como auxiliar de produção. A princípio, disse-me que não tinha preferência de emprego, mas preferia empregos *melhores* que o da fábrica, referindo-se, neste caso, a um horário de trabalho menor, com folgas nos fins-de-semana. Nas fábricas do local, a jornada de trabalho, além de ser de segunda-feira a sábado, variava de acordo com as exigências da produção, incluindo horas extras e, eventualmente, trabalho aos domingos.



Quarto de Thatiana. Ela e sua cunhada Eliane em meio as sacolas de roupas que Thatiana revende no bairro.

Estas mulheres que vivem uma situação econômica mais estável, a partir do emprego de seus maridos, têm uma condição que é vivida como privilégio em relação a outras mães no bairro. Elas não precisam *trabalhar fora*. Esta categoria refere-se ao trabalho assalariado, a uma forma de atividade remunerada sistemática, no sentido de precisar sair de casa diariamente, cumprir horários de maneira rígida, condição que, idealmente, se realizaria com carteira de trabalho assinada. A expectativa em torno do *trabalhar fora* é possibilidade de uma maior estabilidade econômica e, portanto, maior segurança quanto a renda familiar. Característica esta, distinta de outras formas de se vincular ao mercado de trabalho, como o trabalho autônomo, a partir das vendas e costuras, por exemplo, ou ainda os *bicos* como *diarista*, atividades estas consideradas como instáveis e inseguras. No entanto, estes trabalhos possuem maior flexibilidade e autonomia para controlá-los, fator que no caso das mulheres facilita articular melhor o

trabalho remunerado com o exercício de seu papel como dona de casa e mãe, principalmente nos casos em que estas mulheres concentram suas atividades no próprio bairro.

Muitas mulheres neste contexto etnográfico são assalariadas, *trabalham fora*, são empregadas domésticas, auxiliares de produção, cozinheiras, enfermeira, etc e como se verá adiante neste capítulo conciliam esta atividade com sua responsabilidade na casa e com os filhos. Contam, para tanto, com a *ajuda* do marido e também com a rede de parentesco e vizinhança, como salientei no primeiro capítulo, especialmente quando têm filhos pequenos. Sarti aponta, em seu estudo realizado em meados dos anos de 1990, o caráter secundário do trabalho remunerado da mulher que junto com o trabalho dos filhos se daria de forma intermitente. Já na *Cohab* o trabalho da esposa possui caráter contínuo e, portanto, não se relaciona diretamente às condições econômicas da família.

Contudo, embora esperado e contínuo, o trabalho feminino, entre os moradores da *Cohab*, não questiona o papel social do marido como provedor por meio do trabalho, como pudemos acompanhar nos processos envolvidos na constituição da identidade masculina adulta atrelada ao trabalho. Para os homens, o trabalho é fundamental na constituição da reputação perante sua família, vizinhos e parentes. Justamente o que se verifica são implicações distintas para homem e mulher acaso percam o emprego. Enquanto para as mulheres a perda de um emprego não acarreta desqualificações, continuando a exercer as atividades domésticas de sua responsabilidade, para os homens o não exercício do trabalho coloca a sua identidade social em risco. De trabalhador pode passar a ser reconhecido como *vagabundo* ou *sem vergonha*.

A forma ideal de se vincular no mercado de trabalho entre os homens é o trabalho assalariado formal, condição que tem a maioria daqueles com os quais convivi, portadores da valorizada carteira de trabalho assinada. As mulheres também possuem um vínculo com o trabalho, mas se configura uma maior diversidade de expectativas e atitudes possíveis frente a ele. Há a possibilidade de *trabalhar fora*, possuindo um emprego sistemático, trabalhar como *diaristas*, que tem como característica o caráter eventual, e ainda, trabalhar no bairro a partir de atividades mais flexíveis como as vendas de diversos produtos. Para elas, além disso, embora não sendo a situação ideal, existe a possibilidade de não *trabalhar fora*, condição inexistente para os homens.

### 2.3 Tarefas domésticas

Além de manter um emprego para sustentar a família, é possível registrar a obrigação dos homens em prover uma casa para moradia. Quando o casal não consegue obter uma casa alugada, cedida ou comprada, a esposa se muda para a casa dos pais do marido. Este período é sempre vivido como provisório até que, aos poucos, o novo casal consiga sua própria casa. O cotidiano familiar ultrapassa os limites da casa envolvendo a rede de parentesco e, nestes casos de compartilhamento de terreno, a rede familiar se mantém de maneira intensa na cena cotidiana como vimos no capítulo anterior.

A importância de ter uma casa exclusiva para cada família nuclear diz respeito ao próprio exercício dos papéis conjugais. É no espaço da casa, espaço de domínio feminino, local em que se podem ver conflitos e tensões entre esposa e sogra em torno do papel de dona de casa. Thatiana faz referências à época em que morava com sua sogra, recordando situações constrangedoras sobre a alimentação. Lembra-se de como as vezes *passava raiva*. A sogra era a dona da casa e, segundo Thatiana, não dava espaço para ela fazer compras de alimentos que preferisse e opinar nas refeições. Este assunto veio à tona com Thatiana e sua mãe, pois me questionaram por eu não ter feito uma sopa para a janta. Anteriormente eu havia dito que estava com vontade de comer este prato, quando soube que Alexandre e Gabriela não comeriam a sopa, pois não gostavam resolvi fazer outra comida que agradasse a maioria. Sua mãe e Thatiana insistiram para que eu me sentisse à vontade para comprar, cozinhar e comer o que preferisse. Thatiana após lembrar a época que morava com a sogra disse-me para eu me sentir à vontade, pois não gostaria que eu passasse por aquilo.

Ter sua casa significa poder exercer o papel de dona de casa e, entre outras atribuições, ser responsável pela alimentação da família. A limpeza e *cuidado com a casa*, o modo como os membros da família se vestem são atribuições da mulher. Estes trabalhos domésticos aliados à maternidade são centrais na construção da identidade feminina e atuam como critérios na construção da reputação de uma mulher casada.

Ser uma boa dona de casa, *caprichosa*, não é tarefa fácil, pois muitas são as tarefas incluídas no *cuidado com a casa*. Esta é uma expressão ampla utilizada e refere-se não apenas em manter a casa limpa, mas organizada, com os objetos em seu devido lugar. Ela

é *responsável* com o estado (limpo/sujo, velho/novo) dos panos de prato, toalhas de mesa, toalhas de banho, tapetes de chão, objetos de decoração de balcões e estante da sala.



Cozinha de Silmara

A boa dona de casa apresenta-se por meio dos diversos tapetes e panos decorativos distribuídos por todos os cômodos. É o que se pode observar na foto acima na cozinha de Silmara. Note-se que além do pano de prato pendurado na parede há outro na porta do forno, este é exclusivamente decorativo. Este uso é um hábito freqüente na *Cohab*, o pano de prato escolhido está entre os mais novos e geralmente apresenta bordados.

Uma estratégia acionada para tornar pública a presença na casa de uma dona de casa *caprichosa* era a de estender em muros e grades estes tapetes, tanto os da sala como outros tapetes menores. Esta era uma imagem comum ao se caminhar pelas ruas do bairro.



Os tapetes de Thatiana nas grades da varanda. Amigos de Alexandre, Branco e Edivaldo.

A preocupação em manter o aspecto limpo e conservado de utensílios e eletrodomésticos, principalmente da cozinha, espaço de preparo da alimentação, o fogão sempre *ariado*, ou seja, brilhoso, apresenta-se como um dos símbolos de que ali se tem uma boa dona de casa. Seus olhares quando visitam parentes, amigas e vizinhas são implacáveis, acarretando muitos comentários sobre o estado da casa. Avaliações sobre se havia louça na pia e se o lixo da cozinha estava cheio eram os mais freqüentes. Deste olhar atento, chamou-me a atenção a observação de Selma quando viu uma foto de minha mãe. Disse-me que ela deveria ser uma dona de casa *caprichosa*, pois havia reparado que minha mãe usava o avental.

Neste bairro em que na maioria das vezes, ambos, marido e mulher *trabalham fora*, é comum partilharem as tarefas domésticas. Tarefas tradicionalmente reconhecidas como de exclusividade do universo feminino nestes grupos populares como cozinhar e lavar roupa também são tarefas realizadas pelos homens. Alexandre trabalha no 2º turno, saindo de casa depois das 14 horas e, com freqüência, ajudava a fazer o almoço. Geralmente, na divisão das tarefas para o almoço, ele era o responsável por fazer o arroz

e, na ausência de Thatiana, ele fazia toda a refeição. Passei a ajudar no preparo da comida, mas da mesma forma que ocorria com Alexandre, sempre a partir de coordenadas de Thatiana, pois estava estabelecido que ela era a responsável pela administração da alimentação na casa. Seu Albari, aposentado, intercala com sua filha a responsabilidade por preparar o almoço, já que sua esposa trabalha na escola do bairro e vai comer em casa.

Caminhando durante as manhãs nas ruas do bairro sabia que, a qualquer dia, poderia encontrar com Edivaldo lavando e esfregando roupas na parte externa da casa. Da rua, eu o avistava no tanque de roupas, o cumprimentava e aguardava a sua confirmação para adentrar o portão. Isto já depois de um período de convivência com ele e sua mulher<sup>15</sup>. Ela é empregada doméstica em Curitiba, sai para trabalhar às sete horas da manhã e retorna por volta das seis da tarde. Quando Edivaldo tinha dois empregos, seu filho de quatro anos ficava durante período integral na creche e a irmã de sua esposa o buscava e cuidava dele até o horário em que ela retornasse. Atualmente Edivaldo saiu de seu emprego como açougueiro no mercado e trabalha apenas no 2º turno da fábrica. Desde então, mudou o horário de permanência da creche de seu filho, que agora frequenta apenas a tarde. Para Edivaldo o período da manhã é o único em que pode ficar com o filho. Ele faz o café, *dá uma arrumada* na casa e lava as roupas. Faz o almoço, dá banho em seu filho e o prepara para levá-lo a creche.

O que pude observar, quanto ao exercício dos homens destas tarefas, é que estes serviços domésticos são entendidos como *ajuda* no sentido em que a atribuição é da mulher. Assim, estes trabalhadores fazem as tarefas, mas a responsabilidade de como se apresenta a limpeza e *cuidados da casa* é da mulher. A dona-de-casa não apenas é responsável como também é ela quem toma as decisões, mesmo que, na execução concreta, as tarefas sejam delegadas a outros da família. É ela quem será avaliada por sua casa estar limpa ou não, se seus filhos saem à rua com roupas limpas e não rasgadas. Além disso, *quem sabe fazer melhor as tarefas da casa são elas*, como dizem. Alexandre antes varria a casa, diz que parou de varrer, pois Thatiana reclamava muito do modo como ele fazia a tarefa. Alexandre e a mãe de Thatiana têm medo de arrumar a menina

---

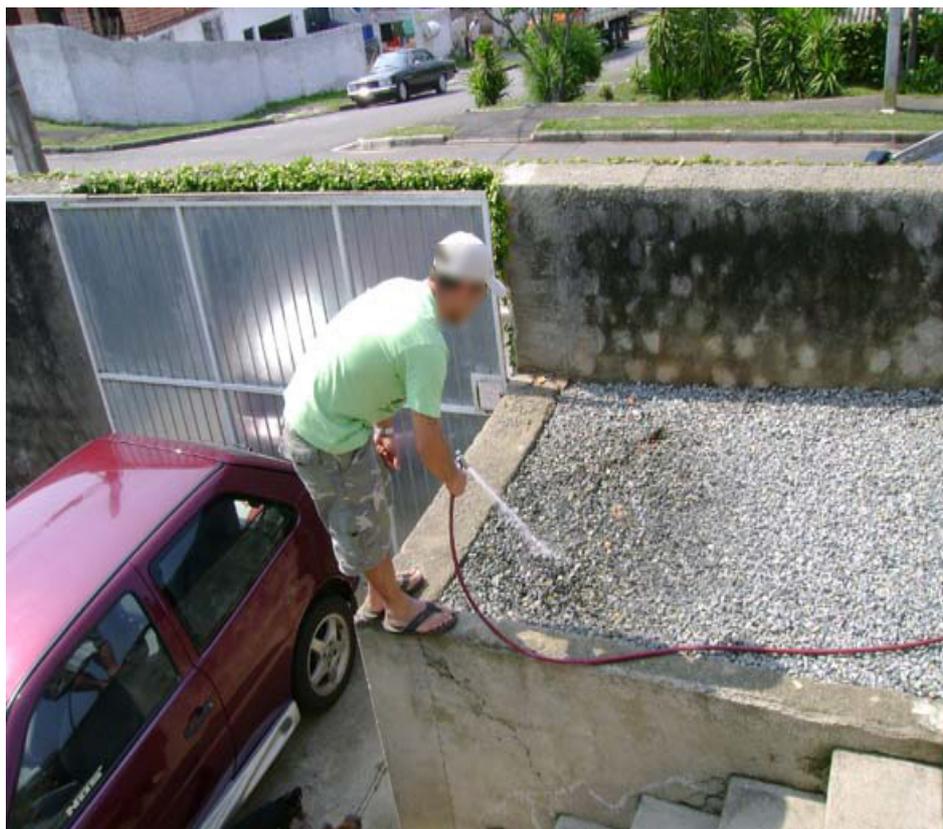
<sup>15</sup> Sempre me preocupei muito nas relações com os homens do bairro. Não apenas com os casados. Lembro no início do trabalho de campo que evitava ir a casa de Edivaldo nos horários em que Rosi trabalhava. Justamente para evitar qualquer problema com o casal e comentários no bairro e acabar prejudicando a pesquisa.

Gabriela e sofrer a reprovação de Thatiana, pois segundo eles, Thatiana é muito rigorosa tanto nas escolhas da roupa que a filha usará como na forma de pentear o cabelo dela.

Mas também é possível observar uma divisão permanente dos afazeres domésticos entre homens e mulheres. Foi possível registrar tarefas que são atribuições masculinas exclusivas na manutenção da casa. Os homens são os responsáveis por manter a parte externa da casa, exercendo tarefas como varrer e lavar os pátios da casa e tarefas de jardinagem como carpir o terreno e cortar a grama.



Alexandre em um dia de chuva. Gabriela na porta.



Alexandre e a responsabilidade por limpar as fezes dos cachorros.

No caso de Alexandre, era sua atribuição além de lavar as calçadas e a escada externa, retirar as fezes dos cachorros na entrada da casa, e, quando chovia, era ele quem puxava a água da chuva. Ao observarmos esta divisão quanto ao espaço da casa nos aproximamos da associação entre espaço público e interações masculinas. O espaço externo além de atributo para cuidados masculinos é também seu cenário para pequenos consertos de objetos da casa, como rádios e brinquedos. Ver homens sempre *mexendo* em algo com suas ferramentas na parte externa da residência, seja na varanda ou na calçada em frente a casa é cena freqüente no bairro, principalmente nos finais de semana.

Os estudos etnográficos que se deram a partir dos anos de 1980 contribuíram significativamente nas análises destes grupos, e nos fornecem chaves de leituras importantes para aspectos na organização familiar e nas relações de gênero. No entanto, no diálogo com esta bibliografia é necessário observar que se referem a contextos etnográficos específicos, em um período determinado. Neste sentido, não dão conta de muitas das situações que pude observar em campo. Estas situações exigem principalmente

que tratemos de forma mais maleável a oposição tão recorrente nos estudos entre casa como espaço feminino e rua como espaço masculino. O que pude observar, nesta etnografia, é uma maior flexibilidade no lugar de homem e de mulher que se dá tanto na esfera do trabalho, com a presença do trabalho contínuo feminino, e no âmbito da casa, a partir da ajuda masculina em tarefas que antes eram executadas exclusivamente por mulheres. Ambos os sexos estão presentes na rua, transitam pelo bairro em suas rotinas diárias, o espaço da casa não é mais o único em que as mulheres permanecem e constroem seu cotidiano.

#### **2.4. As crianças: Iniciação as atividades**

O que cabe às crianças? As crianças brincam, vão à escola, estão pelas ruas, na vizinhança e *ajudam* nos afazeres domésticos. Já dissera Fonseca (1995:25) numa etnografia em um bairro de um grupo de baixa renda, “as crianças são a alma do bairro”. As crianças aqui também são onipresentes no cotidiano do bairro. Pelos filhos pequenos (até sete anos) a rede de parentesco e vizinhança é acionada, ora para ficar com as crianças quando seus pais não podem, ora para buscá-los na creche ou escola. Muitos moradores se conhecem, vizinhos ficam mais íntimos e outros brigam por causa delas.<sup>16</sup>

Vivendo numa família com uma criança de quatro anos, Gabriela, e por ser mulher, fui inserida na rede de ajuda ficando com ela quando o casal não podia. Foram muitos os dias em que Thatiana acompanhava sua mãe ao centro do município e Gabriela ficava sob meus cuidados. Em dias de muito frio e garoa, dias estes que julgava não ser bom para se fazer visitas, pois todos estariam recolhidos com *roupas de casa*, algumas rotinas me foram abertas por estar acompanhada de uma criança do bairro. Gabriela pedia-me para ir a casa de seus tios que moram no bairro, tanto o irmão da mãe como a irmã do pai são casados e tem filhos pequenos.

Não apenas o fato de viver na *Cohab* teve peso na construção de minha imagem mais próxima àquelas pessoas. O fato de estar acompanhada de uma criança colaborou

---

<sup>16</sup> Brigas geradas por desavenças das crianças na escola, por brigas entre filhos por brinquedos, entre outros.

para me integrar mais ao cotidiano do bairro. Falar de Gabriela era um assunto recorrente no início de muitas conversas com moradores desconhecidos.<sup>17</sup>

Enquanto os garotos *mais grandinhos* (acima de sete anos) estão nas ruas brincando com seus amigos e desacompanhados dos adultos, em torno das crianças menores chegam a se formar rodas de adultos, geralmente de mulheres. Muitas mães e vizinhas ficavam nas esquinas ou em frente aos seus portões *papeando* enquanto seus filhos brincavam na rua. Estar na rua cuidando dos filhos era um fator e argumento para se distinguirem das mulheres que passavam *o dia todo* conversando na rua, *fofocando*. Estas que ficavam na calçada *cuidando da vida dos outros* eram facilmente acusadas de não serem *boas donas de casa*, pois não devia sobrar tempo para os serviços domésticos.

Os filhos devem obediência aos pais e devem ir para a escola. Para os jovens pais (entre vinte e quatro a trinta e dois anos) a formação escolar dos filhos é algo inquestionável. Estudar é uma obrigação para as crianças e adolescentes. Estes pais, inseridos no mercado de trabalho, vivem diariamente a cobrança por maior qualificação, ou em suas palavras, a cobrança por *ter estudo*. Consideram que perderam oportunidades por *falta de estudo*, seja de ascensão nas fábricas em que trabalham, seja acesso a vagas em empresas que exigem o ensino médio completo. A maioria destes pais que concluíram este nível de ensino, só o conseguiu depois de alguma pausa, associado ao começo da trajetória profissional. Retomaram os estudos fazendo supletivos e já inseridos no mercado de trabalho. A partir de suas experiências, estes pais vêem, mais do que em sua época de educação básica, a necessidade de seus filhos freqüentarem a escola e de obter um diploma. Segundo sua perspectiva, este diploma dará aos filhos, uma maior chance de inserção posterior neste mercado.

Ao inserir seus filhos em um espaço institucionalizado como a escola, insere-as em processos de disciplinarização. Uma outra dimensão na valorização da freqüência à escola pelos filhos refere-se à preocupação em ocupar o tempo destas crianças, tirando-as

---

<sup>17</sup> Algumas vezes quando saía com o objetivo de fazer um registro sistemático de todas as placas de serviços ofertados no bairro, tais como manicure e pedicure, pintor, vendas de sacolé, reformas de estofamento, entre outros, Gabriela me acompanhava. Ela queria passear e ficar na companhia da nova tia, eu me dispunha a levá-la e depois de muitas recomendações de seus pais para que ela não me atrapalhasse saíamos as duas. Sua companhia foi muito valiosa para que minha presença nas ruas nestes momentos em que fazia anotações em cadernetas, fossem menos “estranhados” pelo fato de estar ao lado de uma criança. Nestas caminhadas conheci moradores por intermédio de Gabriela. Soube onde moravam alguns dos que eu conhecia com os seus comentários, onde moravam alguns de seus coleguinhas, entre outras informações.

de possíveis ameaças que viriam das ruas. Cláudia Fonseca em análise sobre o lugar da escola nas percepções de moradores de um bairro de grupos de baixa renda em Porto Alegre aponta que há grande preocupação dos pais para que os perigos associados ao espaço da rua não atinjam crianças e jovens e os tire do caminho esperado. Uma vez que para estes grupos os erros ocorridos nesta fase na maioria das vezes são vistos como irremediáveis. (Fonseca, 1994:146-147)

O diploma e a disciplinarização dos filhos são os principais objetivos na frequência à escola. Portanto, mais do que falar sobre o desempenho do filho na escola, assunto que raramente ouvia em conversas, o que importa dizer é que ele estuda. Por algumas vezes, moradores falavam de algum parente que se formou, mas não se fala em que ou em qual instituição se formou. Não se sabe dizer em que é formado o vizinho e amigo da casa de frente que dá aulas, a informação que eles *têm estudo* é suficiente. O universo escolar não é um tema próximo a estes trabalhadores.

A partir deste modo dos pais se relacionarem com a educação formal é possível observarmos as tensões e acusações da diretora da escola municipal de ensino fundamental para com os pais de alunos. Estes, segundo a diretora, não são preocupados com o desempenho de seus filhos na educação. Ela compara a escola com a creche e diz claramente que a maioria dos pais apenas deixa e busca seus filhos, não frequentam reuniões e não fiscalizam os cadernos das crianças. A instituição para ela funcionaria mais como um lugar de deixar os filhos enquanto eles trabalham.

O índice de evasão escolar na Cohab segundo a diretora é praticamente nulo. Este também foi o discurso da secretária do Bem-Estar Social em uma conferência do Estatuto da criança e do adolescente que acompanhei. Como já dito no capítulo anterior, este pode ser mais uma das razões da *Cohab* ser reconhecida como a *elite dos pobres*. No bairro há uma moradora conhecida pelas professoras e diretora da escola como o Conselho Tutelar em pessoa. Esta moradora *ganha um dinheirinho* assando espetinhos de carne a noite na garagem de sua casa e cuidando de crianças pois sua casa funciona como uma creche para alguns pais do bairro. Além de levar e buscar as crianças na escola, ela se encarrega de encaminhar qualquer criança em idade de iniciar-se na escola, ou mesmo crianças de novos moradores. O reconhecimento do baixo índice de evasão escolar é, algumas vezes, atribuído a esta moradora em tons jocosos.

Outras formas de socialização que não a escolar estão entre as prioridades para se preparar e preparar os filhos para a vida adulta. As crianças desde muito cedo são inseridas na divisão das tarefas domésticas e acompanham as atividades de seus pais. O modelo tradicional na divisão das tarefas entre pai e mãe, reproduz-se na *ajuda* das crianças. No caso das mulheres, são iniciadas no trabalho doméstico desde pequenas, atividade de responsabilidade feminina. Lavar louça, preparar a mesa para as refeições, limpar a pia, varrer o chão da casa.

Na casa de Thatiana e Alexandre, Gabriela era responsável por trocar o lixo do banheiro e cozinha todas as manhãs. Enquanto cozinhava, sua filha era sua assistente, buscando utensílios, guardando mantimentos e vasilhas nos armários. Nos momentos posteriores às refeições Gabriela *ajudava* guardando louças e comida nos armários. Não obstante, era comum nos dias de faxina na casa, Thatiana descrever para sua filha como desde pequena ela já *ajudava* muito a sua mãe na limpeza e incentivando-a a *ajudá-la* mais. Rosana me conta com orgulho como sua filha, desde pequena é muito *esforçada*. Ela arruma as camas, varre a casa, e chega a querer fazer tarefas como lavar roupa, tarefa pesada para uma criança segundo sua mãe que a impede de fazer.

Em alguns lanches da tarde na casa de Eliane, comemos o bolo feito por sua filha de onze anos. Jéssica além de *ajudar* em várias atividades de cuidado com a casa<sup>18</sup>, estava *aprendendo a fazer* bolos e *ajuda* no cuidado com seu irmão de três anos. Esta menina de onze anos, além das tarefas da escola passava seu tempo *fazendo* cachecóis com a técnica de tear. Estava *aprendendo*. Sua mãe Eliane há alguns anos fazia cachecóis para vender na vizinhança, agora faz apenas para uso de sua família e para dar a familiares.

---

<sup>18</sup> Jéssica era cobrada por sua avó por *saber ariar* o fogão. O fogão sempre limpo após as refeições e sempre bem *ariado*, esfregar o fogão e suas chapas com palha de aço para que fique brilhando, é um dos símbolos que demarcam uma boa dona de casa.



Jéssica ajudando sua mãe na cozinha.

Os meninos podem também *ajudar* em alguns serviços na cozinha, no entanto, mais geralmente, eles estão ao lado do pai, acompanhando-o em suas atividades no tempo em que está em casa. Neste período, o homem trabalhador sempre *arruma alguma coisa pra fazer*, seja em reformas na casa, pequenos consertos, carpir terreno, *mexer* no carro, e lá estavam garotos acompanhando seus pais.

Moradores mais velhos, a partir dos 50 anos cresceram em sua maioria na *roça*. Cresceram em sítios e chácaras de regiões próximas ao município e do interior do estado. Nas conversas com estes, tanto homens quanto mulheres, pude ouvir suas histórias de pequenos. Nestas, recorrentemente se fala da *ajuda* nas tarefas da roça, atuando no cuidado com animais e nos serviços de plantação.

As crianças e adolescentes são socializadas desde pequenas em atividades de trabalho, o que não quer dizer que determinará os tipos de trabalho que virão a ocupar. O que se busca nestes investimentos é a transmissão de valores como o *ser esforçado (a)*, a

*disposição* ao trabalho, a disciplina. Ao acompanhar seus pais, crescem transitando entre diferentes casas e compartilhando das infinitas cenas diárias do bairro. Elas são socializadas nas interações cotidianas das relações de parentesco e de vizinhança, dotando-as de conhecimentos *úteis* e integrando-as às redes sociais adequadas. Atentemos agora para este momento na socialização destas pessoas que se inicia no mundo do trabalho a partir de diversas experiências. Período entre os doze aos dezoito anos aproximadamente no qual são socializadas num modo de aprender específico destes segmentos.

## **2.5 Aprender na prática**

Ao resgatar trajetórias profissionais de homens e de mulheres pude perceber que estas se iniciam cedo. Muitos a partir dos doze anos tiveram seus primeiros contatos com o trabalho ao acompanhar pais, mães, parentes e vizinhos em suas atividades. Enquanto os homens casados trabalharam desde novos em oficinas mecânicas, de funilaria, fazendo *bicos* na construção civil, entre outros, muitas das mulheres tiveram seus primeiros trabalhos *fora de casa* em tarefas domésticas que já realizavam no interior de suas residências, atuando como diaristas, empregadas domésticas e babás a partir dos catorze anos. Ao compartilhar do dia-a-dia foi possível observar a manutenção deste padrão. Fora do horário da escola, um garoto acompanhava o cunhado na oficina, outro trabalhava na padaria do centro do município em seu primeiro emprego. Uma menina de doze anos fazia manicure em clientes no salão de cabeleireiros em frente a sua casa.

As experiências de trabalho configuram-se como investimentos na socialização destas crianças e jovens, como apontado por Fonseca (1994) e Sarti (1996). Trata-se de um padrão nas formas de socialização, no qual a escolarização não é vista como suficiente para o preparo para a vida adulta nestes segmentos. Sob o ponto de vista desta pesquisa, o período entre os doze e dezoito anos é significativo para compreendermos um momento que, como demonstrarei, será muito importante na construção de possíveis novos trabalhadores.

Neste processo de socialização é possível observar duas formas que se dão paralelamente e se compõem transmitindo saberes, técnicas e valores compartilhados por

estes moradores. Uma primeira via na socialização de jovens, rapazes e moças, tem lugar no exercício dos trabalhos remunerados exercidos fora de casa. Trabalhar desde cedo é prática comum e esperada. Esta forma de aprender a ser trabalhador possui um caráter mais sistemático e se dá em um espaço mais formalizado.

Outro modo pelo qual estes jovens preparam-se para a vida adulta diz respeito a situações informais no bairro, quando crianças e jovens acompanham atividades realizadas por adultos. Algumas são associadas ao universo do trabalho (oficinas, salão de cabeleireiros, feitura de produtos artesanais para venda) e outras não, como o acompanhamento de consertos de carros e construção de equipamentos nas residências. Nestas interações ocorridas na vida cotidiana, sem locais e datas definidas, socializa-se uma forma de se colocar no mundo, a partir da *disposição* ao trabalho e da intervenção ativa gerada, principalmente, pela *curiosidade* praticada e incentivada. Pode-se portanto dizer que, nestas situações, ocorrem processos de aprendizagem mais informais, se comparado à socialização através do exercício dos trabalhos remunerados. A transmissão de saberes, éticas e posturas ocorre sem um espaço formalizado para tanto. Em ambas as vias o valorizado é o *aprender na prática*.<sup>19</sup>

O primeiro fato a ser anotado é que os primeiros contatos e experiências de trabalho fora de casa ocorrem predominantemente nas redondezas de sua residência e pelas relações de parentesco e de vizinhança. As primeiras experiências de Alexandre configuram-se como um caso paradigmático sob tal ponto de vista. Desde os 12 anos quando não podia acompanhar seu pai, torneiro mecânico, em seu trabalho, passava as tardes na oficina de funilaria da Cohab, a *lataria*. Tentava *ajudar* em qualquer serviço que lhe permitissem, lavar peças, segurar ferramentas e a maior parte do tempo ficava observando atentamente, ou em suas palavras, *estava ali de butuca*. Observava e conversava com os homens mais velhos. A oficina era um lugar interessante para uma criança que sempre gostou de carros. Continuar na oficina e seguir esta profissão seria uma das possibilidades, como é o caso do próprio proprietário da lataria que, desde seus 11 anos, perambulava por oficinas da região junto com seu irmão mais novo. No entanto, mais importante do que dar seguimento ou não na lataria era o fato de estar ali.

---

<sup>19</sup> Desenvolverei esta forma de aprendizagem quando tratar deste segundo modo na socialização de crianças e jovens.

Ainda quando garoto, teve outros trabalhos no bairro e na região, para *ajudar* a mãe recém separada de seu pai. Fez *bicos* com um vizinho *ajudando-o* em pinturas de casas, trabalhou também em um clube de Golf buscando bolas. Já próximo aos 18 anos instalou calhas e telhas em residências com um amigo até que, com a instalação das quatro fábricas automotivas, conseguiu se empregar como operador de produção, local em que trabalha até o momento.



A oficina na qual Alexandre quando garoto passava as tardes se mantém no bairro.

Esta diversidade dos tipos de empregos é característica deste período nas trajetórias dos rapazes. Muitas vezes, junto de suas mães e outros irmãos, *ajudam* no orçamento familiar, não estando, no entanto, imbuídos da *responsabilidade* em prover a família. Esta posição faz com que a relação com o trabalho seja distinta daquela que se

espera de um trabalhador *responsável*. E neste sentido, não se vêem constrangidos a permanecer no emprego. Silvio, recém-casado, se refere a estas primeiras experiências como *mais brincadeira mesmo*,

“um negócio aqui, outro ali, você não pensa no futuro, é um dinheirinho pra uma festinha, pra comprar uns tênis legais. Mas depois dos 18 não, você tem que começar a pensar pra frente, começar a pensar em formar uma família né.. Então daí o negócio é mais sério. Então é bom você ter um emprego registrado né, com carteira assinada, você tem que pensar sobre mais pra frente agora, parar num emprego e ter maior segurança né..”

Silvio expressa a mudança no modo de se relacionar com o trabalho tendo como referência a chegada aos 18 anos e a partir deste marco a possibilidade de constituir uma família. Antes desta, rapazes e moças podem fazer um uso mais diverso do dinheiro. O salário advindo deste início das trajetórias é referido como pouco, é um *dinheirinho a mais*. Muitos entregam parte da renda às mães, outros usufruem de todo o dinheiro comprando roupas, calçados, bonés, alguns gastam em festas com amigos e para *mexer* no carro.

Mesmo que haja casos em que a família conta com a *ajuda* financeira do filho, para os pais é hora do filho começar a *pegar responsabilidade* e de ter *obrigação*. Trabalhar desde cedo é parte da “pedagogia nativa” (Guedes,1997) do mesmo modo que a frequência de crianças à escola. Pode tornar-se até mesmo uma ofensa para alguns pais que o *filho moço* ou *filha moça* sejam *criados dentro de casa*. O questionamento feito por um aposentado é ilustrativo da articulação entre a naturalidade de que jovens trabalhem desde novos e o tipo de trabalho valorizado. Para ele é “*errado a lei do Brasil que só pode registrar na carteira acima dos dezoito anos.*” E continua, “*Não sei porque isso, trabalhar só faz bem pras pessoas.*” Questiona-se assim a legislação que impossibilita que jovens de determinadas idades insiram-se no mercado de trabalho de modo formal. Esta legislação contrasta com a forma que acreditam ser a melhor para se educar e criar um filho, para eles este processo não ocorre *dentro de casa* e apenas na escola.

Se, por um lado, esta inserção no trabalho possui importância para os pais na educação dos filhos, para estes, como vimos na fala de Silvio, é vivida muitas vezes como *brincadeira*. Exercer o trabalho remunerado é a forma de poder ter dinheiro para

compras de produtos valorizados, neste período, entre os jovens. No entanto, é interessante perceber o modo como alguns trabalhadores se apropriam destas experiências iniciais ao fazer o resgate de suas trajetórias. Agora ocupando a posição de trabalhador *responsável* aciona este período ressaltando-o em seu aspecto de acúmulo de saberes. Thito da mesma forma que sua esposa, irmã e cunhado, trabalha numa das fábricas automotivas. Trabalhou dos 14 aos 18 anos em um lava-carro, em oficina mecânica, oficina de funilaria, trabalhou como entregador de gás e já havia parado de estudar quando foi acompanhar seu tio caminhoneiro para *aprender a andar de caminhão*. Para ele este período é o *momento de aprender, mais do que ganhar dinheiro*. Apropriando-se da diversidade de experiências por meio da positividade em *saber fazer de tudo um pouco*.

“Então é por isso que eu digo que eu sei fazer um pouco de tudo, sei um pouquinho de tudo quase, porque os lugares que eu trabalhei era tudo diferente. Você aprende, e hoje em dia você pega as coisas boas e você guarda, você não perde.”

Em um contexto de dificuldades na obtenção de empregos, deter o *fazer* em diversas áreas de trabalho amplia as possibilidades de inserção. Aspecto que Guedes (1997, 2000) ressaltou como uma das estratégias historicamente acionada por diferentes segmentos de trabalhadores para entrada no mercado de trabalho. O que chamo de processo de acúmulo de saberes é parte do que Thito refere-se a *pegar as coisas boas e guardar*. Identificar-se como trabalhador que *faz de tudo um pouco* acarreta o prestígio entre aqueles que valorizam o *fazer* e os distingue dos que *não fazem nada*.<sup>20</sup>

A valorização deste acúmulo pode ser compreendida a luz da oposição simbólica *prática* versus *teoria* desenvolvida por Guedes. Sua análise torna-se fundamental para a compreensão dos processos na socialização de jovens na Cohab. Um dos eixos centrais da organização da experiência de trabalho em segmentos de classes trabalhadoras segundo Guedes está na oposição entre *saber prático* x *saber teórico*. Valoriza-se de maneira positiva a experiência prática e o *fazer de tudo um pouco*, em contraposição a um movimento de especialização.

---

<sup>20</sup> Esta questão será trabalhada no capítulo seguinte.

Como vimos no primeiro capítulo estes trabalhadores distinguem-se daqueles que *têm estudo* e ao *saber teórico* à eles vinculado, valorizando positivamente a *prática*, que lhes seria inerente como patrimônio próprio. A própria forma como se relacionam com a escola remete-se a esta oposição. Da mesma forma que o desempenho escolar não é motivo de interesse, o saber advindo de cursos de graduação como o de cursos técnicos é avaliado com desconfiança, principalmente no caso dos que trabalham nas fábricas automotivas e lidam diariamente com técnicos em seu setor.

O modo como se aprende este *saber prático* chamou minha atenção, pois se refere a uma forma de se colocar ativamente frente às situações. *Aprender fazendo, mexendo, aprender olhando, trabalhando*, é por meio destes muitos gerúndios, – ou seja, é preciso “estar em ação” – para se ter a *prática*. Esta forma de aprendizagem era presente também quando me falavam sobre os primeiros trabalhos e os contatos iniciais com o universo do trabalho, acompanhando pais, parentes e vizinhos. Além do que me diziam, pude acompanhar algumas destas situações informais, referindo-se a segunda forma de socialização anteriormente caracterizada como processos de aprendizagens mais informais.

Do mesmo modo que Alexandre passava as tardes na oficina, Alberto acompanhava o pai em seu trabalho. Quando estive na Cohab, Jéssica aprendia a fazer cachecóis em sua casa, em um sábado à tarde dois garotos acompanhavam como ajudantes um vizinho que transformava um tanque de combustível de caminhão em churrasqueira. No início estão ali *pescoceando*, como me disseram muitos, e posteriormente estão *mexendo* e até *tocando obra* sozinhos, como no caso de Alberto. No entanto, entre o *pescocear* e o *tocar obra* há outras etapas e posturas necessárias no processo de aprendizagem destas atividades.



A filha de 13 anos passa as tardes *aprendendo* a pintar panos de prato que a mãe vende. Durante as férias de julho ela trabalhou no salão da vizinha fazendo as unhas de clientes. Estava *aprendendo a fazer* unhas desenhadas, uma nova técnica de *manicure*.



Garoto de *butuca* enquanto o vizinho *mexe* no motor de seu carro.

Inicialmente estão *passando o tempo*, no entanto, passar o tempo significa estar *pescoceando e de butuca*. Estas categorias referem-se à postura de observar e *olhar* o que os adultos estão fazendo de maneira atenta. No entanto, um primeiro atributo indispensável, pois é condição para se *olhar* atentamente, é a *curiosidade*. Serem *curiosos* os fazem *ficar de butuca*, os fazem parar na rua quando vêem homens ao redor de um motor de carro ou quando vêem outros no quintal mexendo em algum equipamento. Enquanto observam, atuam como uma espécie de *ajudantes*, buscam equipamentos, ferramentas e seguram peças.

Em artigo que busca analisar o modo como trabalhadores da região metropolitana do Grande Rio de Janeiro apropriam-se dos cursos profissionalizantes, Guedes analisa etapas na aprendizagem do *saber prático* que vai do “ver” ao “entender”. Destaca que a categoria *aprender vendo* refere-se a um procedimento complexo, que requer a “inteligência” para “observar o que os outros significativos fazem e ser capaz de reproduzir a seqüência dos seus atos, é por certo, a primeira regra para aprender este modo de estar no mundo. (...) Ver, portanto, não é de modo algum uma atitude passiva” (Guedes, 2000:11)

Por meio do *olhar* atento inicia-se a aprendizagem, mas não basta *olhar*, é necessário fazer perguntas. Ser *curioso*, *ter interesse* e *força de vontade* são disposições sempre citadas ao comentarem como aprenderam certas atividades. É o caso de Thito ao falar que é ele quem conserta o caso na maioria das vezes e comenta como aprendeu.

“Você aprende mais sozinho mesmo, mas você vai olhando como a outra pessoa faz, quem tem vontade aprende, fica só olhando né, “ah! aquilo é assim que faz!” E as vezes a pessoa que ta fazendo ela te dá umas dicas, você pergunta, “é assim isso aqui? Isso aqui vai aonde? Como é que você fez?” Tem que ficar de butuca e tem que perguntar né, tem que ser curioso.”

Tanto a avó como o tio de um rapaz de dezessete anos atribuíam o saber que ele detinha sobre equipamentos eletrônicos à sua *curiosidade* desde pequeno. Esta se demonstrava para eles por meio de seu ímpeto em desmontar e montar qualquer objeto que estivesse a sua frente. O rapaz, Demétrio, trabalha no mercado do bairro e nos dias de folga instala som em carros e caminhões. Um dia, conversávamos todos na cozinha,

quando ele avistou o gravador, segurou-o em suas mãos e pediu-me autorização para *mexer nele*. Fui interrogada sobre o funcionamento e as utilidades do aparelho. Antes já havia recebido uma aula sobre as razões da bateria de meu celular não estar funcionando muito bem, e informada de uma tecnologia com a qual poderia conectá-lo em um som de carro e ouvir músicas que estivessem arquivadas no gravador. Ao demonstrar surpresa sobre seu conhecimento, a avó elogia seu neto, “*vishi ele faz tudo*”. Cabe aqui a reprodução desta conversa, pois a considereí paradigmática.

Avó: o pai dele quer montar uma elétrica para ele... porque ele quer ser eletricista. Ele faz coisa que... olha...

Demétrio: Ah eu *mexo* com carro, *mexo* com som.

Pesquisadora: Nossa. Mas como você começou com isso?

Demétrio: Aprendi mais com o pai que tinha uma elétrica uma vez. Eu ficava lá de *olho*, junto com ele.

Avó: Sim, mas agora ele *faz de tudo*.

Demétrio: Fui *pegando sozinho e olhando* o carro dos clientes né.

Tio: Ah mas olha é desde pequeno. O que você deixa na frente dele muito tempo, ele vai querer abrir e *ver* como é dentro. Desde pequenininho era *mexendo* com fio e soldando, inventava coisa pra soldar. Lembro de um dia que ele tinha um pedaço de alto falante do lado da cama dele e a mãe dele viu e foi jogar fora, ele viu e saiu correndo e pegou e ele sempre ia juntando tudo embaixo da cama.

Avó: Quando ele abriu a boneca da irmã, ele destruiu a boneca. A irmã chorou tanto, mas ele não sossegou até a hora que abriu e viu como é que funcionava o motor da boneca, mas a Débora (irmã) chorou tanto. (Risos)

Demétrio: (risos) Ah fui *aprendendo sozinho, mexendo* nas coisas, chega uma hora que de tanto mexer aprende né..

Tio: Ah ele pegava qualquer coisa e queria desmontar e montar de novo... era curioso.

Além do orgulho da avó para com o neto, é possível observar que a *curiosidade* é uma postura incentivada. Ao buscarem explicações de seu acúmulo de saberes destacam também que desde pequeno ele *mexia*. Para se aprender o saber prático é preciso *mexer*. É apenas no fazer e na sua repetição, *de tanto mexer*, que se aprende. Até mesmo o erro, como quando Demétrio quebrou a boneca, é contado como motivo de orgulho, pois se enfatiza por meio da situação a sua persistência, ou ainda, poderíamos dizer que avó e tio buscam demonstrar a sua *força de vontade*. Quando ainda não se detém a *prática* é possível errar, mas o erro é admissível e suposto para aqueles que compartilham de que só

se aprende *fazendo*. Ressaltar que o rapaz desmonta e monta o que quer que apareça em sua frente é também falar de um mesmo modo de intervir em diferentes situações seja ao lidar com carros, brinquedos e aparelhos eletrônicos distintos.

A *curiosidade*, a *força de vontade*, o *ter interesse* são categorias que colaboram para que compreendamos a afirmação recorrente que se *aprendeu sozinho*. Mesmo que seja necessário a continuidade do *mexer* para que se adquira determinada *prática*, estes iniciantes no *aprender fazendo* e ainda, *de tudo um pouco*, interagem intensamente com os *experientes*, aqueles que já detém a *prática*. No entanto, aquelas disposições e posturas valorizadas colocam no sujeito a responsabilidade pelo desenvolvimento ou não do saber. Em uma determinada situação pude indagar sobre a afirmação na presença tanto da criança como da mãe que atuava como a *experiente*. Ambas compartilhavam da noção que a criança *aprendia sozinho* a fazer cachecóis utilizando a técnica de tear. Perguntei a Jéssica, de onze anos, quem a estava ensinando e após ouvir a resposta que estava *aprendendo sozinho*, insisti perguntando como era este processo. Sua tia ao lado comentou que a mãe *dá umas dicas* para a filha. A menina confirma balançando positivamente com a cabeça, mas prossegue enfatizando que se tratavam apenas de dicas e que, às vezes, sua mãe vinha olhar o que ela estava fazendo. Disse ainda que *olha* sua mãe *fazer* e que vai *fazendo*, e quando erra, desmancha o trabalho e recomeça. Eliane de certo modo atuava como professora e era rigorosa com Jéssica. Enquanto conversávamos sobre cachecóis, inclinou-se para ver os pontos que a filha fazia e disse que se ela tivesse fazendo errado ela ia levar um *puxão de orelha*. No entanto, Eliane confirma que sua filha está *aprendendo sozinho*.

Além da constatação que as disposições valorizadas atribuem a responsabilidade de se chegar ou não ao *saber prático* para o indivíduo, outro aspecto fundamental é que muitos dos momentos de aprendizagem se dão nas relações de vizinhança. Muitas vezes por se dar em coletividade, com a presença de *experientes*, clientes e outros jovens não têm interlocutores centrais e claros na transmissão dos saberes. Jéssica pode receber dicas de sua mãe, outro dia pode fazer cachecóis na companhia da avó. O rapaz acompanha um trabalhador *experiente* na oficina, em outra semana pode estar ao lado do vizinho que conserta o carro em casa e haverá os dias em que ele ficará apenas de *butuca* num círculo de pessoas trabalhando em alguma atividade.

### CAPÍTULO 3. Construção coletiva de saberes na *Cohab*

Nos finais de semana as ruas do bairro possuem outro movimento. São dias em que muitos dos que deixam a *Cohab* durante a semana estão em casa, pelas ruas e calçadas. Muitos pais estão na companhia de seus filhos pequenos, um acompanha a filha andar de bicicleta, outro fotografa os filhos pendurados em galhos de árvores. Em dias de sol neste município frio, nos finais de semana os varais estão repletos de roupas e os tapetes decorativos *tomam um ar* sob os muros das residências. Músicas em volume alto e de diferentes casas são compartilhadas pela vizinhança, desde o *sertanejo*, o *funk carioca* à Zé Ramalho e Led Zeppelin. Há aqueles que têm o sábado como um dia para poder fazer curso. São os que sentem o peso da exigência da maior qualificação e aproveitam os cursos ofertados justamente para os que trabalham e querem estudar mais.

Vendedores e prestadores de serviços vindos de outras regiões circulam pelas ruas do bairro em seus carros, ônibus, caminhões e mesmo a pé. O sucateiro anuncia o seu serviço de trocas de panela velha, de ferro de passar roupa, de qualquer objeto de ferro que é trocado por salgados, pipoca e doces. Um velho ônibus circula nestes dias anunciando a venda de verduras frescas. Um homem do Jardim Patrícia, próximo a Cohab, caminha pelos bairros oferecendo picolés e refrescos. Outros passam de casa em casa vendendo algodão doce com máscaras de personagens de desenhos infantis. Estas ofertas de serviços na porta das casas é algo muito apreciado em um local em que há apenas um mercado para se comprar frutas, verduras e legumes. *É só dar o sinal*, que ele pára em frente a sua casa.

Os churrascos entre vizinhos também ocorrem nestes dias. Muitos estão na companhia de seus familiares do bairro e fora dele. Thatiana e Alexandre visitam parentes de Alexandre de outros municípios próximos. Muitas vezes passam o domingo na casa da mãe de Alexandre, outras na casa de sua avó, num bairro de Curitiba. Sábado à noite não encontramos ninguém na casa de sua irmã, eles estão no culto da Igreja Assembléia de Deus, no domingo ela costuma receber a visita da mãe ou costumavam ir à casa dos pais do marido que moram em bairro próximo. Muitas famílias estão recolhidas em casa assistindo filmes em DVD, pois aparelho de vídeo cassete *já é coisa velha*. Há uma nova locadora de filmes no bairro, nova e única, e mesmo com o aumento do movimento no

comércio nos finais de semana, a troca entre vizinhos e parentes de DVDs *piratas* se mantém freqüente. Na casa de Alexandre e Thatiana costumávamos assistir filmes, eles possuem cópias em sua maioria de filmes infantis por causa de Gabriela. Alexandre também costumava ir até a locadora e alugar filmes de *terror* e *suspense*, seus estilos favoritos. A circulação de pessoas e a formação de rodas de rapazes e moças em frente à *lan house* movimentava a rua do pequeno bairro.



Manha de domingo, eu, Branco e a família de Thatiana e Alexandre caminhávamos para um churrasco na casa de Thito, o irmão de Thatiana. À direita na foto o filho acompanha o pai em alguma tarefa de jardinagem.



Churrasco na casa de Thito e Nair

As vendas e transações entre mulheres ocorridas diariamente também têm seu lugar aos finais de semana. São dias em que os homens têm mais tempo para consertar a antena de televisão da sogra, para pintar as grades da casa da tia ou ainda para consertar a estrutura da cortina da vizinha que pediu durante a semana. É num domingo que haverá a construção da garagem depois do almoço ofertado pela dona da casa. O que pude verificar, portanto é a intensificação dos contatos entre moradores, estes dias tornam-se momentos privilegiados para observação das trocas entre eles e para analisar eventos nos quais ocorria a transmissão e circulação de saberes. Nestes consertos, reformas e ou construção de objetos a rede de vizinhança é mobilizada para a obtenção de ferramentas e serviços.



Construção de garagem feita pelo vizinho no domingo.

Nas ruas e garagens homens se agrupam ao redor de carros para conversar enquanto o proprietário realiza algum conserto. Estão *mexendo* em seus carros, seja para troca de farol, para *rebaixar* o carro, instalar som, ou mesmo apenas para observarem e *mexerem* no motor do automóvel. Enquanto o vizinho da frente lava o carro seus vizinhos também estão ao redor, *papeando*.



Thito costumava usufruir da mangueira e água da irmã. Nesta manhã de um sábado, os vizinhos se aproximaram para *papear*.

Neste capítulo analisarei um evento ocorrido em uma tarde de sábado. Tratou-se do conserto no carro de Alexandre, no qual ele se propôs a efetuar a troca de uma peça no motor do veículo. Alexandre buscou a *ajuda* de vizinhos uma vez que não detinha o saber necessário para tal empreitada. Este evento proporcionou-me acompanhar mais de perto como é vivenciado o momento do *aprender na prática* entre homens adultos e *experientes*. Nas interações entre Alexandre e o vizinho Neto estabelecidas naquela situação emergiram outras dimensões de análise que proporcionaram pistas para destacar certos elementos presentes na dinâmica social local, a partir das interações entre as duas famílias. Falo também do lugar das mulheres neste evento e destaco posteriormente os escambos e transações que se dão cotidianamente entre elas no bairro.

### **3.1 Uma tarde de sábado**

Era por volta do meio dia quando cheguei acompanhada por Thatiana em nossa casa. Encontramos o portão da garagem aberto. Seu marido, Alexandre, e o vizinho, Neto, reuniam-se ao redor do carro na garagem pois Alexandre resolvera trocar uma peça do

motor. Logo que chegamos a esposa de Neto, Rose, nos avistou de sua residência e foi até a casa, pois mesmo com a presença no local de seu marido não é comum no bairro ir até a casa da amiga casada quando ela não está presente.<sup>21</sup>

Estas famílias são vizinhas há muitos anos, Rose e Thatiana conversam diariamente seja uma na casa da outra, ou mesmo nos encontros nas calçadas enquanto cuidam dos filhos que brincam na rua. Neste sábado, a vizinha fora ao encontro de Thatiana para oferecer-lhe uma calça jeans, pois após usá-la percebeu que ela não lhe vestia bem. Enquanto seus maridos permaneciam às voltas com o conserto do carro, elas *batiam rolo* dentro da residência, modo como denominam estas transações. Thatiana experimentou a calça e resolveu ficar com ela. Imediatamente ela buscou as sacolas de roupas que revende e Rose sem titubear olhou todos os produtos que a vizinha tinha para lhe oferecer. Acabou ficando com duas blusas brancas, uma delas já ficou em seu corpo. Estava feito o *rolo*: Thatiana trocou duas blusas por uma calça jeans. Logo em seguida nos dirigimos para a calçada e ficamos próximas ao carro.

Pude perceber que o portão aberto possibilitava que não apenas Neto, mas outros que caminhassem em sua rua os avistassem e entrassem para *dar uma olhada*. Assim começou a maratona de Alexandre e outros vizinhos ao redor do carro. Este evento perdurou à tarde e teve seu fim de modo solitário por Alexandre na manhã seguinte antes do almoço de domingo que reuniu ambas as famílias na casa de Neto.

A empreitada de Alexandre em torno do carro que se iniciou por volta do meio dia na garagem incluía desmontar partes do motor, tirar a peça antiga e substituí-la. Tal tarefa não se deu, porém, de modo simples. Várias tentativas foram necessárias. Muitos vizinhos tomaram parte no procedimento. Alexandre logo no início teve a companhia de Neto, após a troca Alexandre tirou o carro da garagem e trafegou pelas ruas do bairro, verificou que o veículo não funcionava bem e o estacionou na rua em frente a sua casa. Quando outro vizinho passou de carro, Alexandre pediu para que ele parasse e após uma rápida conversa eles fizeram uma conexão entre os dois carros com um cabo, a famosa *chupeta*.

---

<sup>21</sup> As mulheres no bairro não costumam ir até a casa da amiga casada quando ela não está, foi apenas com a chegada de Thatiana que Rose sentiu-se a vontade para se aproximar. Lembro-me de outro fato ilustrativo desta etiqueta específica, Thatiana costuma estender cobertores e edredons no varal de roupas da amiga e vizinha de frente, estávamos com o cobertor lavado quando ela verificou que apenas Neto estava na casa. Thatiana comentou que então esperaria Rose retornar para poder estender as roupas.

Isso não foi suficiente para resolver o problema, naquele momento o motor do carro já não ligava mais. Depois de alguns minutos esse vizinho foi embora. Neto resolveu então tirar o seu carro da garagem e estacioná-lo em frente ao carro de Alexandre. Ele abriu o capô do seu carro e passou a comparar os dois veículos.



Neto e Alexandre

Um amigo de infância de Alexandre, morador do bairro, já havia passado antes quando ainda estavam na garagem, e juntou-se aos dois novamente. Ficaram os três ao redor do motor do carro discutindo sobre a troca da peça juntamente com as ferramentas de Alexandre esparramadas pela calçada. Nós, mulheres, permanecemos na calçada, próximas, mas não junto à roda dos homens. Em alguns momentos elas se aproximavam para ver algo do carro que era alvo de discussões, logo em seguida se afastavam e retornavam para onde estávamos. Enquanto os homens estavam envolvidos com o conserto do carro, Rose e Thatiana conversavam, olhavam o movimento na rua e cuidavam de seus filhos que brincavam na garagem sem, no entanto, deixar de atentar

para o que se passava na roda masculina e direta ou indiretamente participavam deste evento.



Rose e Thatiana na calçada, próximas aos carros e aos filhos que neste momento brincavam na garagem.

Por um momento fui até a cozinha tomar um café, aliás, bebe-se muito café puro e já adoçado em todas as casas, já havia se passado mais de três horas desde o início do conserto, quando Alexandre entrou para pegar uma ferramenta. Pediu-me ajuda para alcançar uma caixa em cima da prateleira, apenas me mostrando as mãos cheias de graxa. Ele suspirava forte e balançava a cabeça negativamente, mostrava-se incomodado com algo. Perguntei como estava o conserto e ele reclamou: *Me ferrei, me ferrei, o Neto fez merda, o cara não entende nada*. Mostrei-me interessada perguntando o que havia acontecido e ele continuou: *ele não entende nada e gosta de mexer em tudo, acha que sabe, só fez cagada*. Alexandre pegou a ferramenta e saiu do mesmo modo que entrou, demonstrava-se insatisfeito e balançando a cabeça negativamente. Ele voltou para a rua e continuou a façanha ao lado de Neto.

Percebi nesse instante que algum conflito se travava entre Alexandre e o vizinho. Aliás, todas nós, mulheres, já havíamos observado e ouvido que ocorrera algum problema na troca da peça. No entanto, pude constatar que Alexandre imputava a responsabilidade pelo erro ao vizinho Neto ao explicitar sua indignação para mim na cozinha longe deste.

Naquela tarde, enquanto outros vizinhos passavam e *davam uma olhada* entre um diálogo e outro, Neto permanecia junto de Alexandre. Mostrava-se intrigado e *interessado* em terminar o conserto, atuando como uma pessoa considerada sempre *disposta*. Já no fim do dia, Alexandre resolveu buscar *ajuda* dos vizinhos da outra quadra. Eram três rapazes que costumam ficar na calçada em frente a casa com o som do carro em volume alto. Lembro-me da reação de Rose que estava atenta para o movimento: ela trocou olhares com Thatiana e comentou que era só o que faltava seus maridos tornarem-se *amigos dos piás* e ficarem todos os sábados *mexendo* nos carros uns dos outros. Esses rapazes costumavam ficar ouvindo a música alta que vinha dos auto-falantes de seus carros, bebendo e *brincando* com as meninas que passavam na rua. Tratava-se de rapazes solteiros que ainda não tinham *responsabilidade com a vida*, e, portanto, não compartilhavam de certas regras de etiqueta que os homens casados deveriam seguir. Outro aspecto a ser mencionado é que, portanto, mesmo na relação com aqueles que não se tem convívio diário, se dá a participação na vida um dos outros no bairro, gerada por exemplo como neste dia, a partir de um conserto de carro e pedido de *ajuda*. São eventos que se apresentam como possibilidade no estabelecimento de maiores vínculos entre vizinhos, como a própria Rose cogitou, a partir da troca de saberes e favores.

Alexandre pediu para que eles abrissem o capô do carro para *olhar* como era a instalação da peça e ver o que havia de errado com o seu veículo. Depois de alguns minutos, Alexandre e Neto e os rapazes retornam acompanhados de um dos rapazes. Ao escurecer outro amigo de Alexandre residente em bairro próximo juntou-se à roda. Ele tinha passado com o filho na casa do amigo em busca de filmes para se entreter no fim de semana.

Thatiana buscou uma ferramenta para Alexandre. Nós nos aproximamos e eu observei que Alexandre estava sério e mal-humorado. Percebi que ele estava irritado não apenas com o problema do carro, mas com a presença de Neto. Alexandre respondia secamente para qualquer comentário do vizinho e não prosseguia o diálogo. Neto

colocava-se como *responsável* de alguma forma pelo conserto, mostrava-se muito *interessado* com a resolução da investida, fato que parecia aborrecer Alexandre. Como fazem todos os sábados a família de Neto visitaria a mãe de Rose e por volta das seis e meia da tarde saíam com os filhos. Todos estavam a espera de Neto para a saída. Rose chamava-o e ele insistia em continuar ajudando o vizinho.

Alexandre e Thatiana também tinham compromisso naquele sábado. Eles haviam sido convidados para uma festa de aniversário de uma prima de Alexandre que mora em um município vizinho. A festa começaria logo após o almoço. Thatiana lembrou o marido da comemoração algumas vezes ao longo da tarde. Alexandre falou para a esposa que, mesmo conseguindo fazer o carro funcionar, ele não teria dinheiro para abastecê-lo. Após fazer o cálculo do gasto com o combustível ela disse que isso não seria problema. O marido manteve a sua posição, mas Thatiana continuou insistindo. Ela argumentava que Alexandre se divertiria bebendo com o primo. Em sua última investida sugeriu que ele deixasse o carro do modo como estava e que fossem todos de ônibus. Rapidamente o marido somou o valor dos vales-transporte e disse que eles não teriam dinheiro de qualquer forma.

Ao ficar na companhia das mulheres observei que estas buscavam de algum modo controlar as atividades de seus maridos no fim de semana, pois mesmo que elas não participassem diretamente do conserto os acompanhavam e buscavam influenciar naquela situação. Ambas faziam investidas no sentido de convencê-los a deixar aquela atividade pois estavam mais interessadas em sair de casa, seja para a visita rotineira a casa da mãe ou para ida a uma festa.

Percebia que Neto estava constrangido entre a insistência da esposa e a não resolução do problema com o carro. Ele foi para casa, vestiu outra roupa para a visita à sogra, e voltou para a casa do vizinho. Depois de alguns minutos, resolveu tirar seu carro da garagem e estacioná-lo na frente da casa de Alexandre e Thatiana. Ele voltou a se colocar junto ao carro de Alexandre. Já havia passado das seis e meia da tarde. Sua esposa e seus filhos já estavam dentro do carro quando Neto disse que teria que ir embora. Thatiana e eu nos despedimos dele e de sua família. Alexandre permaneceu curvado sobre o motor e não se virou para despedir-se, insinuando não notar tanto a presença como a

despedida do vizinho. Ele ficou quieto por alguns instantes, resmungou algo incompreensível quando os vizinhos partiram e voltou a calar-se.

Já havia escurecido quando Alexandre ligou o carro e o motor funcionou, pela minha ignorância imaginei que finalmente chegara ao fim o conserto do automóvel. No entanto, Alexandre adentrou novamente a garagem, acendeu a luz e voltou a abrir o capô. Thatiana estava decepcionada. Ela queria ter ido a festa ainda durante o dia. Ela e Rose, aliás, tinham compartilhado reclamações de como queriam sair mais de casa nos finais de semana.

Um pouco mais tarde, aquele rapaz a quem Alexandre e Neto tinham pedido ajuda anteriormente voltou a aparecer. Thatiana sugeriu ao marido que comprássemos algumas lingüiças para assar e algumas garrafas de cervejas. Ela convidou o rapaz para jantar conosco. Preparei a salada de tomate e cebola, Thatiana fez o arroz, Gabriela ajudou a arrumar a mesa e por volta das oito e meia da noite Alexandre juntou-se a nós para comer. O rapaz havia ido embora. Enquanto comíamos, Alexandre não comentou sobre o conserto, nenhuma palavra sequer.

Na manhã seguinte vejo Alexandre debruçado sobre seu carro, o portão da garagem não foi aberto. Do terraço conversei com Alexandre sobre o conserto, disse-me então que nunca havia *mexido* em tal parte no carro, mas que só assim se *aprendia*. Preferia ele mesmo *fazer* a levar a uma oficina, pois também tinha imaginado que seria algo simples. Da rua, Rose chama Thatiana e confirma o almoço em sua casa, suas irmãs também viriam. Fomos para o almoço, Alexandre chegou minutos depois, ele foi apenas quando terminou com êxito a tarefa que havia se proposto no dia anterior.

### **3.2 *Mexer, errar e trocar saberes***

No capítulo anterior falava dos processos de socialização de crianças e jovens referentes a situações informais nos quais ocorrem a transmissão e circulação de saberes no bairro. Estas situações podem ser caracterizadas a partir da distinção analítica entre duas vias na circulação de saberes, a transmissão vertical e a horizontal do *saber prático* tal como desenvolvida por Guedes (1997, 2000). As primeiras experiências vivenciadas

por crianças e jovens ao acompanhar as atividades realizadas por adultos e sua iniciação constituem a transmissão vertical, uma vez que esta via privilegia os processos de transmissão do saber prático entre gerações. Nestas interações configura-se uma hierarquia de saberes e experiências entre os *experientes* e os *novatos*. Estes, como já foi destacado, além de serem iniciados em um modo de aprender, aprendiam também técnicas específicas ao acompanhar as atividades dos adultos, como as de mecânica, as de construção civil, as referentes a feitura de produtos artesanais, entre outras técnicas.

Tal relação hierárquica clara entre os interlocutores, que tem como eixo o *saber prático* acumulado, não se dá no caso descrito neste capítulo, uma vez que nenhum dos que participaram do conserto tinha experiências naquela tarefa. Este aspecto situa este evento na via de transmissão horizontal, pois esta forma prevê a transmissão e acumulação de saberes a partir de uma troca mais igualitária entre os pares. Nestes processos “os saberes são continuamente acrescidos e repensados na própria interação coletiva que os produz e reproduz”. (Guedes, 2000: 5) Ao contrário dos casos descritos nos capítulo anterior, nos quais há uma hierarquia clara entre as posições dos participantes em função dos saberes que portam (*experientes* versus *novatos*), no caso agora analisado, todos os interlocutores envolvidos trazem consigo uma diversidade de saberes acumulados ao longo de suas trajetórias. A não configuração de uma hierarquia explícita entre eles permitiu que se ressaltasse algumas dimensões que envolvem o processo da aprendizagem na prática. Dois aspectos serão salientados: 1) alguns elementos que envolvem aprendizagem na prática (erros, frustrações, orgulho, trocas entre vizinhos, entre outros) 2) disputas mais ou menos explícitas que envolvem o fazer na prática que revelam outras tensões da dinâmica local que puderam ser percebidas nesse evento.

Estes homens, se considerarmos as etapas para se chegar ao *saber prático* de determinada atividade, situam-se no estágio do *mexer*, uma vez que tanto Alexandre como os vizinhos que se envolveram na troca da peça não detinham a *prática* necessária para tal empreitada. Alexandre, entretanto, por ter sido socializado neste modo específico de aprendizagem, já tinha compartilhado de outras situações, como quando passava as tardes na funilaria ou participava de outras rodas masculinas em torno de um carro. Nessas e em outras situações ele pôde ter acesso a algumas técnicas e saberes relacionados ao funcionamento de um carro, como os de mecânica e eletrônica, por

exemplo. Ao se propor a realizar o conserto ele aciona estes diversos conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação. Pude compartilhar de outras situações similares em que o trabalhador não tinha experiência na atividade que se propunha a realizar. Alexandre, por exemplo, passou um mês reformando um fogão a lenha. Nunca tinha feito isso antes. Neto, por sua vez, transformou um tanque de combustível de caminhão em uma bela churrasqueira<sup>22</sup>. Nestes casos, configura-se também um processo de transferência de saberes acumulados em momentos de aprendizagens de novas tarefas.



Alexandre na reforma do fogão a lenha.



Ferramentas, chaminé e o fogão aberto.

---

<sup>22</sup> A churrasqueira construída me impressionou por seus detalhes e modo de funcionamento. Havia duas divisões, a parte de cima da churrasqueira tinha a finalidade de assar costelas, para tanto, ela possuía uma espécie de porta que deixava a costela assando fechada e possuía uma chaminé. Já a parte de baixo da churrasqueira era aberta e possuía duas grelhas, na grelha mais próxima ao recipiente do carvão foi instalado um ferro que fazia a vez de uma manivela, assim poderiam controlar para que o alimento ficasse ora mais próximo ora distante da brasa.



Branco e Alexandre nos dias finais da reforma.

Como já dito neste trabalho a etapa do *mexer* é constituinte deste modo específico de aprendizagem, supõe o não domínio de certas técnicas e, portanto, a possibilidade de erros, como se viu no caso da troca da peça do automóvel. Lembro-me de um dos erros cometido e que teve uma consequência mais grave: o carro não dava mais a partida. Essa situação pode, no entanto, ser contornada porque Alexandre e os outros, tendo como base outras experiências, souberam não só diagnosticar o problema, como também desenvolveram uma solução temporária para ele, qual seja, uma conexão com o motor de outro carro, como falei anteriormente. A partir das dificuldades e das tentativas incansáveis por parte de Alexandre e Neto, neste evento que perdurou horas, pude observar *in locu* o modo como é vivenciada esta etapa. Frustração e impaciência são sentimentos comuns quando se está no estágio do *mexer*.

Destaca-se quanto ao método de aprendizagem o *olhar* acionado em diferentes momentos. Uma vez que se defrontaram com muitas dificuldades na troca da peça, Alexandre e Neto primeiramente compararam os motores de seus carros, estacionados frente a frente. Tratava-se de ver o modo como a peça estava instalada no carro do vizinho e comparar com a instalação que fizeram. Mesmo *olhando* e *mexendo* novamente na peça do carro de Alexandre, eles não conseguiram diagnosticar o que acontecia de errado. Continuaram a *mexer* e a frustração aumentava.

Após mais algumas horas Alexandre novamente optou por *olhar* outro motor de carro. Eles consideraram, a partir da observação do motor do automóvel de Neto, que o

tipo de instalação poderia ser diferente de acordo com o modelo do automóvel. Procederam então à comparação com o carro dos vizinhos da outra quadra. O ato de *olhar* envolvia uma inteligência para que se compreendesse a partir do modo como a peça se encontrava no motor a forma como ela havia sido instalada. Feita nova conjectura coletivamente, Alexandre tentou repetir em seu carro estas operações imaginadas.

O que se pode verificar a partir do caso analisado é que a construção do saber através da *aprendizagem na prática* não se dá de modo solitário, apenas por um sujeito. Como vimos, de certa forma, a construção de um saber depende do saber do outro. Não ter a *prática* não é algo a ser velado, pelo contrário, apenas tornando esta realidade pública que ele conseguira a partir de diversas trocas de experiências com seus vizinhos terminar a tarefa.

### 3.3 Disputa entre Alexandre e Neto

Inicialmente o conflito entre Alexandre e Neto durante o evento tornou-se explícito para mim a partir das críticas que Alexandre fez sobre o vizinho quando nos encontrávamos na cozinha, críticas que merecem ser reproduzidas novamente aqui.

Me ferrei, me ferrei, o Neto fez merda, o cara **não entende** nada. (...) ele não entende nada e **gosta de mexer em tudo**, acha que sabe, só fez cagada.

Nesta fala é possível acompanhar a insegurança de Alexandre em relação ao que poderia ocorrer ao seu carro mas, sobretudo, destaca-se a desqualificação que ele faz de modo contundente de seu vizinho. Ao considerarmos o *saber prático* enquanto valor que os constitui enquanto homens *trabalhadores* e, portanto, princípio que se opera na construção de reputações no bairro, é preciso considerar as disputas em torno de tais construções. Dizer que Neto *não entende nada* questiona o saber que ele detém e a sua postura durante o conserto. Além disso, pode atuar no sentido de os equiparar uma vez que ambos não estão *sabendo fazer*.

Interessante notar que após a reclamação na cozinha Alexandre voltou para o carro e lá permaneceu quieto sem entrar em confronto direto com Neto. Para Alexandre não lhe restara alternativa a não ser se conformar com a presença do vizinho ao invés de revelar o conflito presente. O silêncio de Alexandre e as respostas curtas quando indagado por Neto demonstravam seu descontentamento não apenas com a presença, mas com o comportamento do vizinho. Este se mostrava *interessado* e persistia ao lado de Alexandre quando todos os outros se aproximavam e iam embora. O fato de nenhum deles possuir a *prática* na troca daquela peça, o que poderia os diferenciar, possibilitou a configuração de uma relação de disputa entre iguais em torno de quem deteria o maior saber acumulado a ser acionado para aquela investida. A postura de Neto, fazendo sugestões e especulações e pedindo para *mexer* no motor irritava Alexandre. Quando já anoitecia e nos aproximamos do conserto lembro-me que algumas vezes Alexandre fingia não ouvir o que o vizinho lhe falava, ficava encurvado sobre o motor e podia até mesmo não respondê-lo, mostrando-se concentrado com a atividade.

Em função da constante valorização da postura de *curiosidade, interesse, disponibilidade* provocava-me dúvidas o motivo de irritação de Alexandre com Neto. Seu movimento de procurar outras pessoas que pudessem auxiliá-lo mostra que não estava fechado a receber *ajuda* e que era a *ajuda* proposta por Neto que o incomodava. Esta tensão entre os vizinhos tornava-se ainda mais evidente quando se contrasta com a situação da reforma do fogão a lenha. Branco ajudara Alexandre nesta reforma, passaram em torno de um mês nesta atividade e nada deste tipo de conflito apareceu. Branco é torneiro mecânico e amigo de infância de Alexandre, a convivência entre ambos era diária, sua *ajuda* na reforma ocorrera de modo intenso, referiu-se não só a realizar tarefas junto de Alexandre, mas conseguira solucionar alguns problemas que Alexandre enfrentara. Branco ainda obtivera serviços fundamentais para a obra, como o corte das novas chapas de aço para a substituição.

Após um olhar mais detido em meu material de campo, pude perceber que as tensões com Neto eram anteriores a esse evento e que talvez elas pudessem auxiliar a compreender a irritação de Alexandre. Percebia em outras ocasiões conflitos que se referiam ao padrão de consumo de Neto e sua família. Alexandre e Thatiana o consideravam *fresco*, pois ele só bebia cerveja de uma marca específica e comprava as carnes mais caras para um churrasco. Estas observações eram motivos de tensões ao

organizarem um churrasco em que os gastos seriam divididos entre as famílias.<sup>23</sup> Por outro lado, pude ouvir de Neto comentários que depreciavam os moradores da Cohab, incluindo entre estes Alexandre e Thatiana. Neto recriminava algumas conversas e brincadeiras em churrascos, como fofocas de moradores e piadas em torno de sexualidade e práticas sexuais. Ele buscava explicitar sua posição diferenciada em relação aos outros. Dizia-me: *olha com quem você veio conviver e fazer uma pesquisa*. Para Neto os amigos da Cohab falavam muitas *bobagens*. Neste dia, Neto falava sobre sua transferência de emprego, passaria a trabalhar como espécie de monitor em uma instituição estadual chamada Parque das Ciências, este local congregaria exposições de pesquisas de diversas temáticas para visitação de estudantes. Neto procurava aproximar-se de mim, incentivava-me a conhecer o parque, pois disse que seria interessante e não dirigiu o mesmo convite aos demais.

Passei a compreender melhor este processo de diferenciação de Neto quanto aos demais moradores do bairro, quando sua esposa tecia reclamações e desabafava sobre seus problemas com o marido. Era um domingo a tarde e Rose estava conosco na cozinha de Thatiana, quando ela diz que iria embora pois Neto poderia reclamar que ela não estava em casa. Contou então que reclamara ao marido da indisposição dele para fazer programas nos finais de semana com a família e no bairro. Dissera que ele preferia sair e encontrar amigos que não os da Cohab para conversar assuntos mais sérios, como *política*, por exemplo. Quando Thatiana saiu da cozinha, Rose continuou para mim: *você sabe né, é que as pessoas daqui são pessoas mais simples né, não são muito estudadas e não conversam dos assuntos que o Neto gosta*.

Neto durante quinze anos trabalhou como bombeiro municipal e enquanto trabalhava fez faculdade de Química. Dos trabalhadores com quem convivi era o único homem que possuía ensino superior. Há quase sete anos ele se tornara professor da rede

---

<sup>23</sup> Os aniversários são motivos de comemoração, nestas datas há o hábito do aniversariante oferecer um churrasco em sua casa. O anfitrião oferece a comida (carne assada e lingüiça, arroz, salada de maionese e pão) e as bebidas (refrigerante e cerveja). Cabe aos convidados presentear o aniversariante. Alguns churrascos são organizados de modo inesperado aos finais de semana, sem uma data comemorativa. Pude acompanhar duas formas na organização destes eventos. Quando um dos moradores possui a carne e a oferece para assar, a partir daí cada um leva o que possui em casa ou então quando é feita a compra da carne e bebida e os gastos são partilhados entre famílias. Nesta organização, não importa o número de membros de cada família, se dividirá o valor total das compras por residência.

pública de ensino.<sup>24</sup> Rose, diferente da maioria das mulheres no bairro, não trabalhava *fora de casa* e também não realizava qualquer atividade para gerar renda. Dentre as famílias que estabeleci maior convívio, a família de Neto encontrava-se entre as famílias com maior renda, esta diferença era possível de ser percebida pelas condições de sua casa. Assim como a maioria das residências na Cohab estava passando por reformas e ampliações, aspecto que fazia com que sua residência aparentemente não destoasse da paisagem do bairro. Entretanto, bastava adentrar na casa e tornava-se possível verificar diferenças quanto ao acabamento nos cômodos. A residência encontrava-se em condições que muitas das famílias no bairro almejavam, mas não chegavam efetivar por se tratar de últimos investimentos. As paredes da cozinha eram todas azulejadas, assim como os pisos dos cômodos também de azulejos eram novos. Não só o acabamento realizado mas os móveis da casa diferenciavam do que a maioria possui, eram de madeira de melhor qualidade do que os móveis de compensado. Estes produtos compensados além de mais baratos são ofertados em lojas que oferecem facilidades para o pagamento, como crediários e a possibilidade de dividir o valor da compra em infinitas parcelas.

Estas famílias se conhecem há mais de dez anos e como se viu na descrição anterior, possuem convívio intenso. Afora os almoços coletivos, estas pessoas se falam diariamente, mesmo que em encontros casuais e rápidos na rua. Rose e Thatiana são envolvidas em diversas trocas como a que ocorrera na tarde do conserto do carro, que incluem roupas, mas também favores rotineiros como o fato de Thatiana estender roupas no varal da casa da vizinha. A comparação entre a família de Alexandre e Neto mostra a heterogeneidade sócio-econômica presente entre os moradores da Cohab e um pouco do modo como estas diferenças são vividas no bairro. Neste sentido, para entender o desconforto de Alexandre com a presença do vizinho durante o conserto e a desqualificação que ele tece ao dizer que Neto *acha que sabe* deve-se levar em consideração um conflito não explicitado entre a família de Neto e a de Alexandre.

Se a princípio, quando acompanhei aquele evento, podia apontar uma disputa entre vizinhos em torno da posse ou não do *saber prático*, verifiquei que esta disputa extrapolava o âmbito do conserto, referindo-se a outros conflitos a partir da posição

---

<sup>24</sup> Além de Neto, Márcia e Eliane fizeram curso de Pedagogia em uma faculdade particular do município vizinho. Ambas dão aula na escola de ensino fundamental do bairro. Eliane trabalhou por cinco anos em uma das fábricas automotivas e fez o curso paralelamente.

diferenciada que Neto busca reivindicar entre os moradores do bairro. Neto ao mesmo tempo em que atua como professor, o que o faz ser conhecido como um homem *estudado* também partilhava de práticas de um homem que *faz de tudo um pouco*. Além de *mexer* no carro, ele consertava aparelhos quebrados de sua casa e os de vizinhas. Da mesma forma que Thatiana, Neto também investira em fazer produtos de limpeza para vender. *Sabia* também trabalhar *em obra*, como sua esposa dizia, havia construído nas férias a casa da sogra, e acima de tudo, compartilhava dos atributos tão valorizados positivamente entre estes trabalhadores, mostrando-se como um homem *disposto e interessado*. Contudo, o que pude ver é que naquela situação em que ambos *aprendiam na prática*, Alexandre rejeitara estas atribuições e as práticas de Neto.

### 3.4 Negócios de mulheres

Pretendo salientar os saberes colocados em prática em diversas transações, que por falta de melhor termo, chamarei de comerciais, mas como pretendo mostrar, não se esgotam nesta forma específica. Estas transações ocorrem principalmente entre as mulheres no bairro. Antes de falar da categoria *bater rolo*, que apareceu na troca de roupas entre Rose e Thatiana no caso analisado neste capítulo, cabe aqui retomar para o momento que antecedeu o conserto do carro. Naquela manhã fui às compras na *Distribuidora* junto com Thatiana e sua mãe e participei ativamente da rede de relações estabelecida nestas situações. Retomo esta situação, pois ela também revela determinados saberes e práticas compartilhadas por alguns moradores da Cohab.

Pelo menos uma vez por mês elas dirigem-se a estas lojas para adquirir produtos para consumo próprio, mas também para revender no bairro entre a vizinhança. A *Distribuidora* é uma empresa fornecedora para lojas especializadas em produtos conhecidos como os de R\$ 1.99.<sup>25</sup> Estas lojas têm como clientela proprietários de lojas em Curitiba e região metropolitana além de vendedores como Thatiana e Silmara. São

---

<sup>25</sup> Estas lojas há alguns anos tornaram-se populares em Curitiba devido à diversidade na oferta de produtos e aos preços baixos. As distribuidoras vendem uma infinidade de produtos para casa e cozinha, ferramentas domésticas, produtos de vestuário, bijouterias, material escolar, cds e dvds, pilhas, entre outros.

estipulados valores mínimos para compra, na loja em que fomos o valor era de R\$ 200,00. Assim, as mulheres da Cohab, Silmara, Thatiana e as cunhadas, costumam fazer compras conjuntamente para que dê o valor exigido por estas lojas. As compras são parceladas e pagas com folhas de cheque. Sempre entre elas há quem tenha o cadastro em cada loja, pois fazem compras em diferentes distribuidoras, como as que são especializadas em venda de vestuário. Mesmo quando a pessoa cadastrada na loja não está presente elas têm a liberdade de comprar utilizando o cadastro da outra, fato que ocorrera nesta manhã, utilizamos o cadastro da cunhada de Thatiana.

Não só o cadastro é utilizado mas folhas de cheque também são emprestadas para efetuarem os pagamentos e durante meses há que se depositar o dinheiro na conta da proprietária da conta bancária. Ambas não possuíam o serviço do cheque no banco, e ultimamente Thatiana emprestava folhas de cheque das cunhadas. Pensei que o melhor modo de participar deste evento seria comprando, assim, fui incluída e me incluí nesta rede, o meu gasto se somaria ao valor total da compra. No entanto, minha participação não parou por aí, minhas folhas de cheque foram utilizadas para o pagamento.<sup>26</sup> Para o controle dos gastos e administração dos valores a ser depositado mensalmente, tira-se uma nota da compra de cada pessoa com a descrição dos produtos e o valor final. Com a moça do balcão Thatiana e Silmara negociaram o maior número de parcelas possível para a compra, que ficou em torno de R\$ 400,00, parcelamos em três vezes.

---

<sup>26</sup> Na noite anterior, quando souberam que eu gostaria de acompanhá-las na distribuidora Silmara indagou-me se eu tinha cheque, após minha confirmação perguntou se eu também gostaria de comprar algo e se poderia pagar a compra conjunta com minhas folhas de cheque. Adiantou-se ao dizer que deste modo elas não precisariam pedir a alguma das cunhadas de Thatiana. Após eu dizer que não haveria problemas nisso, Silmara falou que eu não precisava me preocupar, pois elas sempre emprestavam folhas de cheque e que depositam um dia antes do vencimento da parcela. Saí da Distribuidora com luvas de frio, um porta cds, pares de meias, grampeador, cadernetas para os diários de campo, além de dividir com Thatiana pacotes de cds e dvds para gravação.



Uma das *distribuidoras* que elas freqüentavam, especializada em Lingerie, localiza-se no centro de Curitiba.

Certamente estas relações embasadas na expectativa da *ajuda* uma para com as outras são também fonte de conflitos. Uma das cunhadas era acusada de ser *chata*, pois não *sabe cobrar*. Ela é casada com o irmão de Thatiana, portanto, é nora de Silmara. Silmara por várias vezes tecia críticas pois a considerava *preocupada demais e cobrava* insistentemente a uma semana da data combinada, seja por um cheque que seria debitado ou de um empréstimo monetário. A lembrança insistente da dívida, principalmente antes mesmo desta vencer é sinal de desconfiança entre estas pessoas e é uma atitude reprovada. *Saber cobrar*, portanto, não é algo simples, o momento do pagamento é delicado para quem o espera. O *cobrar* é visto por todos como uma prática necessária nas relações de compra e venda entre vizinhos no bairro, o não *saber cobrar* era justificativa de algumas mulheres do porque estas não entravam no ramo das vendas. Há que se saber a medida certa para que não se passe por uma pessoa que não tem confiança no vizinho ou no parente.

Neste sentido, *bater rolo* pode ser a saída encontrada quando um cliente demora muito a pagar por um serviço ou produto, constituindo-se como estratégia acionada por aqueles que detêm o *saber cobrar*. Para melhor fazer-me entender ilustrarei com uma situação que acompanhei junto de Thatiana. Ela quis comprar um produto de outra revendedora do bairro e ao pensar como pagá-lo lembrou-se de uma vizinha que lhe devia. Disse-me que ia *bater um rolo* com esta vizinha, faria a compra desejada e acertaria para que ela pagasse sua compra diretamente a outra revendedora. Desta forma

Thatiana além de fazer a compra conseguiu de modo eficiente obter o pagamento de sua cliente sem mostrar desconfiança em relação a ela.

Como podemos ver, a categoria *bater rolo* além de operacionalizar práticas distintas também se mostra analiticamente uma categoria que sintetizaria muito das relações ocorridas entre os moradores, que cotidianamente estavam *batendo rolo* entre si. O oferecimento nesta tarde de sábado de Rose de uma de suas calças e o desfecho com a troca por duas blusas que Thatiana revende refere-se a apenas um dos exemplos desta prática. Poderíamos interpretar o êxito nesta transação entre Thatiana e Rose a partir do conceito de “quadros rituais”, tal como sugerido por Florence Weber (2002). A autora analisa transações comerciais e domésticas em classes populares. Nestas transações entre particulares que não são objetos de nenhum contrato Florence Weber aponta a existência de uma forma ritual obrigatória para selar uma transação. Nestas interações alguns gestos e objetos determinam o significado da interação, fixando o sentido do acontecimento em curso. E ainda segundo a autora, “se os parceiros não compartilham o conjunto dessas significações, diremos que há mal-entendido e risco de conflito ulterior.”(2002:12) Thatiana sem hesitar deu prosseguimento à oferta de Rose a partir da contra-oferta apresentando suas sacolas de roupas, ao invés de indagar pelo preço pretendido. Além de *saber negociar* com Rose o que seria dado em troca aproveita o momento para efetuar novas vendas. A negociação que no momento vivenciado se dá de forma espontânea e rápida exige um cálculo ágil entre ambas as partes, uma vez que esta situação específica envolve uma expectativa de equivalência no escambo.

O *bater rolo* relaciona-se também a formas alternativas de pagamento, prática mencionada no primeiro capítulo ao falar das relações de vizinhança quando citei o caso de uma mulher que pagou o frete realizado por um vizinho com dois frascos de perfumes que esta mesma revende. Muitas vezes tanto o preço exigido quanto a forma de pagamento é acertada em momento posterior ao serviço realizado. Aliás, o pagamento entre vizinhos seja de bens ou serviços raramente se dá no momento. Mesmo quando a pessoa ofereça o dinheiro no ato, pode acompanhar a recusa e a proposta para que se pague no fim do mês, o pagamento a prazo e parcelado é a forma freqüente.

Estas transações tais como as descritas por Florence Weber (2002) caracterizam-se pela ausência de garantias jurídicas oferecidas por contratos, não assumem, neste sentido,

nenhuma forma oficial e localizam-se em um universo em que a palavra dada, *é tudo no boca-a-boca*, e o pertencimento ao grupo são centrais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como ponto de partida indagações quanto ao modo de determinados trabalhadores de fábricas automotivas atuarem no seu espaço de trabalho. A valorização positiva da noção *fazer de tudo um pouco* ao referirem-se a exigências das funções no trabalho, ser “polivalente”, ganhou novos significados após a oportunidade de partilhar a vida de alguns moradores. A oportunidade de compreender um pouco mais sobre a vida destes sujeitos só foi possível por eu ter realizado um movimento de rotação de perspectiva de meu olhar. Esta rotação refere-se não só a ter me distanciado dos espaços de trabalho e das relações tecidas neste âmbito e focar neste investimento as interações estabelecidas nos espaços de residência e de sociabilidade comuns, mas, principalmente, por ter buscado neste investimento a perspectiva dos próprios sujeitos envolvidos.

Aqueles trabalhadores que havia conhecido na época do estudo de graduação deixaram de ser vistos apenas sob o aspecto da forma como se inserem no mercado de trabalho e na sua relação com o chamado “capital”. Passei a percebê-los enquanto pessoas de “carne e osso”, e que se neste estudo continuo os denominando como trabalhadores, este mesmo termo, mostra-se encarnado de outro sentido. A categoria *trabalhador* conforme é operacionalizada pelos interlocutores desta pesquisa revela o aspecto moral atrelado a esta categorização. Refere-se a um modo de produzir e produzir-se enquanto homens e mulheres respeitáveis.

Verificou-se a centralidade desta categoria na construção de identidades deste grupo e que ganha sentido pleno apenas ao levarmos em consideração a sua articulação com o valor família. Este valor como se delineou nesta pesquisa mostra-se como outros estudos apontaram como englobante na relação com o valor trabalho e valor local. As relações vividas referentes a acontecimentos familiares, como casamento, chegada de filhos, separação entre casais, entre outros, atribuem significados distintos na forma como se relacionam com o trabalho e na forma como se colocam nas interações cotidianas no bairro.

Trabalhar *desde cedo* e socializar-se nas interações intensas de sociabilidade na vizinhança como vimos no capítulo dois, constituem-se nas formas de socialização de

crianças e jovens nas quais valores, princípios, etiquetas e saberes são transmitidos. Dentre os saberes e princípios, é de fundamental importância que estes jovens insiram-se no modo de aprendizagem específica destes segmentos, o *aprender na prática*, único meio que os possibilita chegar ao *saber prático*, o saber valorizado entre seus pares. O período entre os doze e dezoito anos é vivido de grandes investimentos realizados pelos pais, na busca para que seus filhos tornem-se homens e mulheres trabalhadores.

Estas mesmas situações informais experienciadas no dia-a-dia do bairro, tais como o *passar as tardes de butuca* nos encontros casuais seja de homens em torno dos carros, de homens as voltas com alguma reforma, seja nos encontros de mulheres nas residências, ou mesmo nos salões de cabeleireiros, configuram-se como situações nas quais vínculos entre os moradores e a valorização do *fazer* e do *saber prático* são reproduzidos. O *aprender na prática* atravessa toda a vida destes moradores, desde quando garotos e garotas à idade adulta. Este modo de se colocar frente diversas situações colabora para a operacionalização da noção que se *aprendeu sozinho* alguns dos diversos saberes referentes ao *fazer de tudo um pouco*.

Os mesmos que trabalham nas fábricas, situados na comparação com outros segmentos de trabalhadores entre os especializados e vivendo em condições mais estável, realizam *bicos* e não deixam de se envolverem em distintas atividades que costumam ser associadas aqueles que se vêem excluídos do mercado formal de trabalho. Tanto por falta de competências ou mesmo de um perfil exigido, tais como a idade, a formação escolar entre outros aspectos que dificultam a inserção no mercado de trabalho de muitos. No caso investigado são as mesmas pessoas que obtêm um emprego formalizado e exercem consertos, reformas, e *bicos*. Acompanhar a vida destes trabalhadores para além do espaço de fábrica possibilitou-me compartilhar de diversas situações em que uma “polivalência” estava sendo exercida, ou seja, estavam envolvidos em atividades que se supõe portar distintos saberes. Neste sentido, partilhar das interações diárias no bairro possibilitou observar a articulação entre exigências das fábricas quanto a modos de atuarem no espaço de trabalho e posturas e práticas valorizadas por este grupo.

Cabe lembrar, como foi dito durante este texto, de um processo histórico na formação de segmentos das classes trabalhadoras urbanas em que o *fazer de tudo um pouco* configurou-se como estratégia acionada para maiores chances de entrada no

mercado de trabalho. O que se ressalta nesta pesquisa é que mesmo aqueles que possuem a estabilidade no emprego exercem este *fazer* paralelamente ao trabalho formal. Este valor colocado em prática tanto por homens como mulheres, no mesmo sentido em que a categoria trabalhador, também se reveste de uma moralidade. Apenas compartilham destes inúmeros *saber fazer* aqueles que possuem disposições valorizadas tais como a *curiosidade*, a *disposição* ao trabalho, o ter *interesse*, ter *força de vontade*. Todos estes atributos são centrais na construção de homens trabalhadores, ou seja, atuam como aspecto diferenciador no interior deste grupo, como pudemos observar na distinção entre estes e aqueles que não *sabem mexer em nada*.

Tanto homens como mulheres estão envolvidos neste processo, não apenas porque elas também trabalham, mas porque elas são detentoras de saberes apreendidos a partir da prática, sem uma formação oficializada por meio de estudos. Elas estão envolvidas nas atividades realizadas por homens, seja por meio de cobranças para que certos serviços sejam realizados pelos maridos, seja ao lado buscando ferramentas e acompanhando o feito de obras, reformas e consertos. Participam negociando trocas e serviços entre os vizinhos para tais empreitadas diárias. Neste estudo, a distinção entre dois mundos o masculino e o feminino mostra-se mais maleável e fluido.

Através das atividades domésticas realizadas pelos homens, verifica-se sua presença e responsabilidades no âmbito privado da casa, responsabilidades que ultrapassam a exigência em dar o sustento básico da família. Poderíamos dizer que ambos possuem “dupla jornada”, no sentido em que a elas cabe os inúmeros cuidados com a casa, filhos e marido, mas para este, também são exigidas tarefas não só as de limpeza, mas espera-se que cuidem dos objetos quebrados, que façam pequenas obras nas residências, entre outras responsabilidades. As atividades remuneradas exercidas pelas mulheres, tanto aquelas que trabalham fora e em especial as que atuam no bairro confeccionando os produtos artesanais, vendendo produtos cosméticos e de vestuário as fazem circular entre as casas, mesmo que se apropriem do espaço da rua de modo distinto dos homens, elas estão envolvidas nas transações infundáveis no bairro, estão nas calçadas cuidando dos filhos e neste sentido, compartilham do espaço da rua.

Este estudo ao falar de processos na construção social de trabalhadores versa de experiências diversas da formação advinda da socialização em instituições pedagógicas e

profissionalizantes. Trata-se de enfatizar as inúmeras cenas cotidianas que tem como palco o espaço do bairro de residência que se apresentam como vivências significativas na construção de trabalhadores no sentido mais amplo desta categoria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade subjetiva. In: *A construção social da realidade*. 13 ed. Petrópolis: Vozes, pp. 173-237, 1996.

BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BRESCIANI, Luís Paulo. Flexibilidade e Reestruturação: o trabalho na encruzilhada. In: XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, Caxambu, 1996.

CALDEIRA, Teresa. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARDOSO, Adalberto M. *Trabalhar, verbo transitivo: Destinos profissionais dos deserdados da indústria automobilística*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

CARVALHO, Ricardo Augusto A. A produção e a gestão de competências: o caso Fiat em questão. IN: NABUCO, M.R., NEVES, M. de A. e CARVALHO NETO, A.M. (Org.) *Indústria automotiva: a nova geografia do setor produtivo*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

DUARTE, Luiz Fernando D. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

FONSECA, Cláudia. Preparando-se para a vida : reflexões sobre escola e adolescência em grupos populares In: *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, 1994.

.

\_\_\_\_\_. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_. Classe e a recusa etnográfica. In: FONSECA, Claudia; BRITES, Jurema. (Org.). *Etnografias da Participação*. Santa Cruz do Sul: UNISC, v. 1, p. 13-34, 2006.

GUEDES, Simoni Lahud. “Redes sociais urbanas: casa, família e vizinhança” 26<sup>o</sup> *Reunião Brasileira de Antropologia*, Porto Seguro, 2008.

\_\_\_\_\_ & LIMA, Michelle da Silva .“Casa, família nuclear e redes sociais em bairros de trabalhadores”. In: LINS-de-BARROS, Myrian (Org.) *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

\_\_\_\_\_ O saber prático e o ensino profissionalizante para os trabalhadores do Rio de Janeiro – Brasil. III CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA DEL TRABAJO, Buenos Aires, 2000.

\_\_\_\_\_ “Saber de tudo um pouco”: trabalhadores urbanos no Brasil e a ética do provedor. In: *VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: As Linguagens da Lusofonia*, Rio de Janeiro, setembro de 2002.

\_\_\_\_\_. *Jogo de Corpo*. Um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói. Eduff, 1997.

HARVEY, David. *A condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1998.

LEITE, Márcia de Paula. *Trabalho e sociedade em transformação: mudanças produtivas e atores sociais*. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo.2003.

LEITE LOPES, José Sérgio. *O Vapor do Diabo: o Trabalho dos Operários do Açúcar*.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_ Introdução: Formas de proletarização, história incorporada e cultura operária. In: Lopes, J. S. *Cultura e Identidade operária*. Rio de Janeiro: Marco Zero:PROED/UFRJ, 1987.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.17. n.49, 2002.

\_\_\_\_\_ *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: Tema, método e objetivo da pesquisa. In: MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, p. 21-38, 1976.

MARTIN, S. B. Redes Sociais e flexibilidade do trabalho: uma análise comparativa. In: *Revista Latino-Americana de Estudos do Trabalho*, ano 4, n.6, 1998, pp.9-38.

MOTIM, Benilde Maria L.; FIRKOWSKI, Olga. L., ARAÚJO, Sílvia .Maria P. Desconcentração da indústria brasileira e seus efeitos sobre os trabalhadores – a indústria automobilística no Paraná. Trabalho apresentado no IV COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA. Barcelona, maio, 2002.

---

\_\_\_\_\_. Indústria automobilística no Paraná: implicações sobre o emprego e as relações de trabalho. In: NABUCO, M.R; NEVES, M.A; CARVALHO NETO, A.M.(organizadores) *Indústria automotiva: a nova geografia do setor produtivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 365-395.

OFFE, Claus. Trabalho: categoria-chave da Sociologia? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, número 10, vol 14, Junho, São Paulo, 1989.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo. Unesp. 2000. p 17-36.

SALERNO, Mario S. *Projeto de organização integradas flexíveis*. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. *Flexibilidade e Organização Produtiva: elementos para transformar o tempo flexibilidade numa categoria analítica; elementos para análise da produção na indústria*. IN: *XVI ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, Caxambu, 1992.

SARTI, Cyntia.A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Ed. Autores Associados, 1996.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, E. B. *Refazendo a fábrica fordista: contrastes da Indústria Automobilística no Brasil e na Grã-Bretanha*. São Paulo: Hucitec, 1991.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

WEBER, Florence. Práticas econômicas e formas ordinárias de cálculo. Rio de Janeiro, *Mana*, v.8 n.2, 2002.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994.